

O CRISTIANISMO FELIZ

NAS MISSÕES JESUÍTICAS

Ludovico Antonio Muratóri

IL
CRISTIANESIMO
FELICE
NELLE MISSIONI
DE' PADRI
DELLA COMPAGNIA DI GESÙ
NEL PARAGUAY
DESCRITTO

DA LODOVICO ANTONIO MURATORI
Bibliotecario del SERENISS. SIG.
DUCA DI MODENA.



IN VENEZIA, MDCCXLIII.

Presso GIAMBATISTA PASQUALI.

CON LICENZA DE' SUPERIORI, e PRIVILEGIO.

O CRISTIANISMO FELIZ NAS MISSÕES JESUÍTICAS

CAPA DA EIÇÃO ORIGINAL: Márcio Marostega

DIGITAÇÃO: Sérgio Chiamenti e Sandro Sawiski

REVISÃO: Prof. Mestre Julio Quevedo

Prof^a. Teresa N. Christensen

Prof. Alcides Vicini

CAPA DESTA EDIÇÃO: Byrata

**MURATORI, Ludovico Antonio (1672-1750). O
Cristianismo Feliz nas Missões Jesuíticas do Para-
guay. (1ª ed. 1743). Tradução Pe. Faustino Chia-
menti. Santa Rosa: Instituto Educacional Dom
Bosco, 1993.**

CDU 989.203 21



Coletânea de livros clássicos missioneiros

Esta obra é parte da coleção de obras clássicas reeditadas sobre a temática missioneira numa iniciativa do governo do Estado do Rio Grande do Sul e integra as comemorações dos 400 anos das Missões Jesuíticas Guaranis, celebrados em 2026.

A coordenação é da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), por meio do Instituto Estadual do Livro (IEL) e do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas (SEBP).



**GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL**
SECRETARIA DA CULTURA



editorariodasletras@gmail.com

Rua André Marques, 255 - Centro - Santa Maria - RS - CEP: 97010 041

Impresso no Brasil, 2026

Gráfica Pallotti - Santa Maria - RS

Ludovico Antonio Muratóri

O CRISTIANISMO FELIZ NAS MISSÕES JESUÍTICAS

Santa Rosa
1993

Sumário

PREFÁCIO	7
O Cristianismo feliz nas Missões dos padres da Companhia de Jesus no Paraguai escrito por Ludovico Antonio Muratóri, bibliotecário Secre- tário do Senhor Duque de Modena	11
CAPÍTULO I	
As Sagradas Missões da Igreja Católica	17
CAPÍTULO II	
Algumas notícias da América Meridional e que domínio possuem aqui os Espanhóis e Portugueses	22
CAPÍTULO III	
As Províncias do Paraguai	27
CAPÍTULO IV	
Das Províncias de posse dos reis católicos na América Meridional e do gênio e costumes dos bárbaros índios que vivem em liberdade	37
CAPÍTULO V	
A Religião dos Bárbaros Indígenas	46
CAPÍTULO VI	
Os motivos pelos quais os índios declaram tanta inimizade no confronto com os espanhóis	51
CAPÍTULO VII	
Os obstáculos postos pelos espanhóis e pelos mamelucos do Brasil, que impediram a conversão dos infieis no Paraguai	60
CAPÍTULO VIII	
Como os Jesuítas introduziram a fé cristã no Paraguai	65
CAPÍTULO IX	
Os trabalhos e perigos dos missionários na pregação e na conversão dos índios do Paraguai	72
CAPÍTULO X	
Pela caridade dos próprios índios convertidos, dá-se a dilatação da fé e do Reino de Cristo	77

CAPÍTULO XI

A felicidade espiritual dos índios do Paraguai 81

CAPÍTULO XII

A música do índio e sua Frequência às Igrejas 85

CAPÍTULO XIII

O Ministério Espiritual a serviço daqueles pobres cristãos 91

CAPÍTULO XIV

O fruto espiritual das almas e a maneira de conservá-lo 96

CAPÍTULO XV

As principais festas desses novos cristãos e a maneira de celebrá-las ...
.....102

CAPÍTULO XVI

O Governo Eclesiástico daquelas Reduções 108

CAPÍTULO XVII

A felicidade Temporal dos Novos Cristãos do Paraguai 112

CAPÍTULO XVIII

Regulamentos para o governo bom e feliz daqueles povos 121

CAPÍTULO XIX

Os Animais do Paraguai e seu uso 129

CAPÍTULO XX

O Governo Militar dos Cristãos do Paraguai 137

CAPÍTULO XXI

O Amor que os índios Cristãos Professam aos seus Missionários
..... 146

CAPÍTULO XXII

Os trabalhos que sofreram e ainda sofrem os missionários por causa da inveja dos outros 154

CAPÍTULO XXIII

O Mérito dos Missionários escolhidos por Deus, para o Paraguai
..... 165

PREFÁCIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

O Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros em sua décima edição tem a honra de iniciar uma série de publicações dos

Clássicos Missioneiros, onde incluem a reedição de obras raras, de obras inéditas e também as teses escritas sobre a história missioneira.

A interessante obra do Abade italiano Ludovico Antonio Muratóri (1672-1750), "O Cristianismo Feliz nas Missões dos Padres da Companhia de Jesus no Paraguai", trata do cotidiano das Missões, no século XVIII, período de consolidação da experiência missioneira.

O Abade Muratóri não esteve nas Missões Jesuíticas do Paraguai, porém, teve como fonte de informação a correspondência do Missionário Caetano Cattaneo que viveu com os índios guaranis entre 1729 e 1730. Além disso, recolheu outras informações dos religiosos Jesuítas que retornavam da América para a Europa, após terem passado muitos anos aqui.

Ao escrever sobre as Missões Jesuíticas do Paraguai, o Abade Muratóri objetivava propagar na Itália a obra missionária daqueles religiosos na América, até então, quase desconhecida. Dessa forma, convém ler o presente livro que nos remete a uma visão apaixonada de seu autor pelo trabalho missionário, onde ele afirma reencontrar o verdadeiro cristianismo, semelhante aos primeiros tempos da Igreja, época dos apóstolos Paulo e Pedro. Constantemente vemos o Abade Muratóri identificando as Missões com a proposta de evangelização. Assim, é como se elas emergissem da Bíblia, realizando o projeto da Igreja Católica. Entretanto, é conveniente lembrar que a obra foi escrita num contexto da filosofia das luzes, onde ocorreu a crítica da fé como forma de conhecimento, pois a fé, ligada às religiões, atrapalharia a inteligência humana, o conhecimento racional e científico. O Abade Muratóri almeja provar o contrário. Para ele, a fé deve ser recuperada nas origens do cristianismo e que a fraternidade cristã é exemplo absoluto da inteligência humana. Assim o modelo das Missões está concatenado nesses ideais.

O "Cristianismo Feliz" aparece publicado em 1743 na Itália e em 1754 conquistou os leitores da Cidade das Luzes - Paris -. Os alemães tiveram conhecimento desse escrito somente em 1758, enquanto os ingleses só o conheceram no ano seguinte.

É Interessante observar que: entre 1743 e 1754, a história missioneira passava por uma conjuntura de grandes desafios, iniciados pelo tratado de Madri (1750), num momento de acertos diplomáticos dos Reis Déspotas D. José I, de Portugal e Fernando VI, da Espanha que teve como desfecho a violenta Guerra Guaranítica (1754-1756). A difusão da obra em causa para outros países também se apresentava como a defesa da postura dos padres missionários na América, negando as acusações de serem eles os instigadores da Guerra, perante os interesses leitores. Evidentemente o Abade Muratóri não assistiu à difusão da sua obra, pois faleceu em 1750. Porém suas ideias continuavam surtindo o efeito desejado, ou seja: divulgando a vida nas Missões como um exemplo de amor ao próximo e descartando qualquer possibilidade de incentivo à violência. Nessa máxima, os padres missionários não poderiam instigar a guerra pois, ensinavam somente o amor, fazendo-se exemplo vivo dele. Em várias páginas, o Abade Muratóri nos mostra o martírio dos padres em prol da causa indígena. Queremos registrar que em 1822, essa obra teve sua edição em língua holandesa. Também, 1985 teve uma reedição italiana, publicada em Palermo, com um brilhante Prefácio de Paolo Collo.

O "Cristianismo Feliz" é hoje um clássico, de domínio público que foi traduzido de uma edição italiana, para a língua portuguesa, pelo Pe. Faustino Chiamenti, estudioso e profundo conhecedor da língua italiana e Diretor Geral da UNERGS, Campus Santa Rosa. Essa edição em português, feita em 1993, destina-se aos cientistas sociais, estudiosos da questão missioneira e ao público em geral.

Santa Rosa, primavera de 1993.

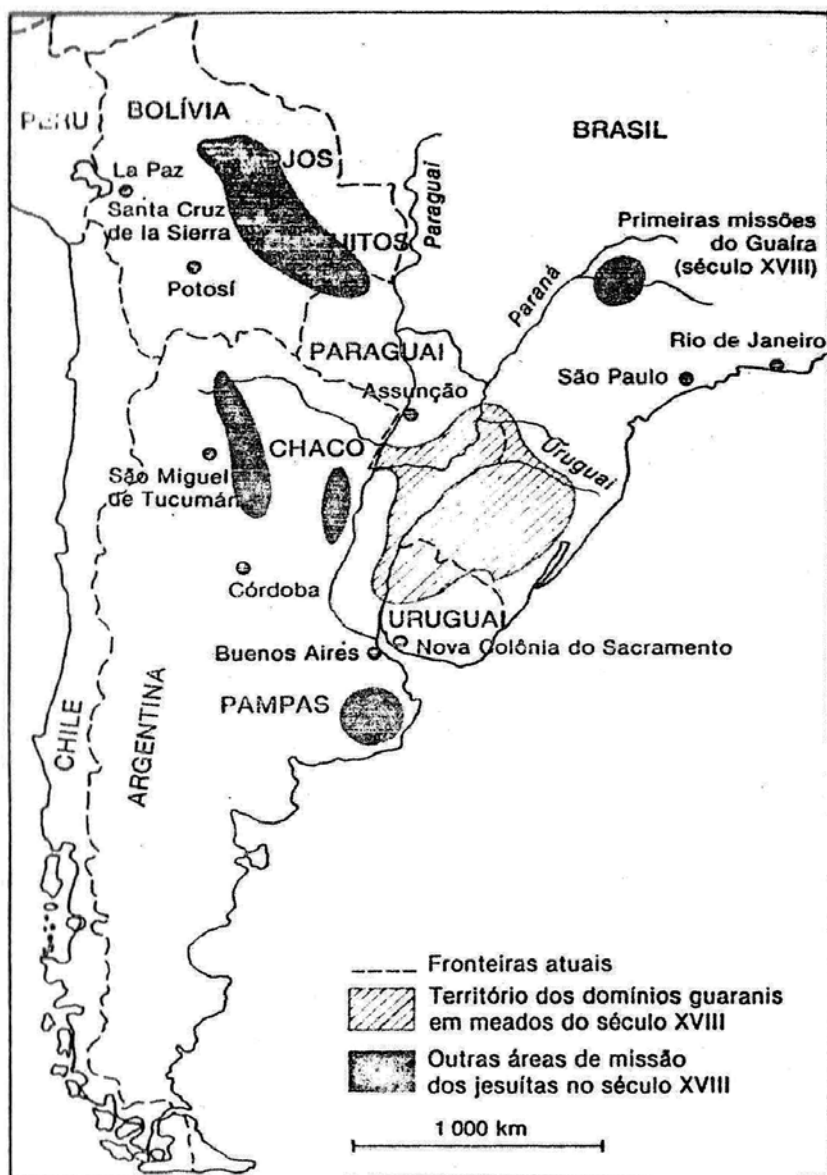
Teresa Neumann de Souza Christensen

Professora de História do Campus Santa Rosa - UNERGS
Coordenadora do X Simpósio Nacional de Estudos
Missioneiros

Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

Professor de História da UFSM

Observemos o mapa da totalidade dos trinta povoados missioneiros:





**O Cristianismo feliz nas Missões dos padres
da Companhia de Jesus no Paraguai escrito por
Ludovico Antonio Muratóri, bibliotecário e
Secretário do Senhor Duque de Modena.**

Aos leitores:

Desde o momento em que me propus a compilar essa pequena obra e que agora apresento ao público, imaginei proporcionar aos leitores italianos, um delicioso alimento para a sua honrada curiosidade, apresentar dois pequenos prazeres ao mesmo tempo. O primeiro e o menos importante, é aquele que ordinariamente se experimenta ao ler os livros dos viajantes. Não falo daqueles que misturam o romance em suas viagens, mas daqueles escritores que descrevem fielmente os lugares por onde passaram, e sabem julgar sabiamente tudo que viram. Se não fosse cansativo, perigosos e altos os custos de viagens, poucos seriam os que não gostariam de percorrer para conhecer vários países e observar os diversos costumes dos vários povos da Terra.

Já que isso não é possível, quem fez pessoalmente estas viagens, tem o cuidado de nos informar e conduzir-nos, por assim dizer, de viva voz ou então narrado nos livros editados e contemplar sem fadiga as longínquas regiões, as boas e as más qualidades de governar e o modo de viver dessas regiões. Maior ainda, é o prazer quando se lê as descrições de países longínquos e desconhecidos, com seus costumes diferentes. Estou falando justamente da América Meridional: uma vastíssima parte do mundo, da qual me comprometi a dar notícias sobre as províncias internas, ou seja do continente do Paraguai.

Tomo a liberdade de me referir com este nome, a toda amplidão de terras que se estendem das costas do Brasil, ou seja do levante (nascente), às cordilheiras, as mais altas montanhas do Chile e do Peru no poente. Apenas os viajantes europeus que passaram por Buenos Aires indo até o Peru, não têm a curiosidade, nem o interesse em conhecer as imensas regiões do Paraguai: por isso, principalmente os italianos, pouco ou quase nada sabem, sobre tudo que é extraído do país onde se contam tantas coisas sobre seus povos, cujos nomes são

tão estranhos, que não vou citá-los por não achar importante agora. E o leitor, vai ter a oportunidade de passear por regiões desconhecidas, saboreando as novidades, tendo o prazer em conhecer algo diferente que alimenta o intelecto, pois a novidade desperta a curiosidade.

O outro prazer está reservado a todos os bons católicos que, veem com felicidade e amplidão era preparada e radicada a sacrossanta religião de Cristo entre os diversos povos da América Meridional, que viviam imersos nas sombras da ignorância religiosa e agora considerando o invejável estado em que se encontram esses novos cristãos, cheios de alegria, pois o Reino de Jesus Cristo e a verdadeira fé se propagam sobre a terra. Ousei dizer que não há nenhuma outra missão sagrada da Igreja Católica que se iguale a essas afortunadas Missões do Paraguai e espero que os leitores não interpretem de maneira diferente o que vão ler.

Mas como eu consegui descrever essas regiões, estando tão longe, confinado em Módena e nunca ter colocado os pés fora da Itália? Eu respondo que, se não foram com os meus próprios pés, foram com os pés de outros que vieram e me trouxeram do Paraguai e com os olhos desses desbravadores eu posso ver aquelas afortunadas missões, de modo que posso dar testemunho de tudo que direi (o material usado por Muratóri para compor o cristianismo feliz... Foram 3 cartas datadas de 18 de maio de 1729 e de 20 e 25 de abril de 1730), de um Jesuíta, Pe. Caetano Cattaneo enviadas ao seu irmão José, onde descrevia a viagem feita ao Paraguai, numa redação editada no ano de 1690, a relação histórica das missões dos indígenas chamados Chiquitos, que estão a cargo dos padres da Companhia de Jesus no Paraguai. Escrita pelo Pe. Juan Patricio Fernandez, da mesma Companhia, Madrid 1726 (Relação que parece ser escrita, não pelo Pe. Fernandez, mas pelo Pe. Domênico Bandiera). Muratóri indica ainda outros textos como: As Memórias ou Cartas Anuais, escritas pelos missionários Jesuítas nos primeiros tempos da evangelização do Paraguai; A História da Sociedade de Jesus da Província do Paraguai, Liege 1673 de Nícola du Toit (de Techo); A Missão Paraguaiense dos Padres da Companhia de Jesus, (*il messis Paraguasiensis a Patribus Socretatis Jesu...*), Mônaco 1649 de Adamus Sehirnbeck; A Conquista Espiritual feita pelos Religiosos da Companhia de Jesus, na Província do Paraguai, do Paraná, do Uruguai e Tapes, Madrid - 1630 de Antonio Ruis de Montoya, que não utiliza diretamente enquanto "estes escritores, narrando as aven-

turas do Paraguai do século passado, não conseguem fazer-nos entender o estado de felicidade reinante da religião e dos costumes de hoje nas reduções católicas".

Ali, em 1729 chegou o Pe. Caetano Cattaneo, sacerdote modenense da Companhia de Jesus, que partiu da sua Pátria no dia 24 de agosto de 1726, aos 31 anos, 3 meses e 7 dias. Adoecendo na Redução de Santa Rosa, acometido por uma febre maligna, morreu no dia 27 de agosto de 1733, fazendo chorar os religiosos e muito mais os índios, por seus vários dotes, que o faziam ser amado e querido por todos. Possuía uma habilidade singular em discernir entre o bem e o mal existentes entre os povos e as regiões e sabia descrevê-los com transparência, como fazia em Sevilha e no agradável Porto de Santa Maria, junto a Cádiz, em algumas cartas escritas de lá, ao senhor José Cattaneo, seu irmão. Estas cartas eu as tive em mãos pela gentil concessão da Sra. Maria Cattaneo, viúva do Sr. José; Como esse material não era pertinente ao meu assunto, não as apresento aqui. Mostrarei ao público mais de 3 cartas escritas por ele, narrando sua viagem de Cádiz até às missões que lhe foram confiadas, como também uma coleção de relatos ali relacionados. Assim como eu fiz, poderia ter feito mais, se fosse possível obter outras cartas escritas por ele e enviadas para o Sr. Francesco Bogleioni, nobre senhor vêneto e seu particular amigo, nos quais dava informações referentes ao Paraguai e também sobre outras do P. Gervasoni, enviadas ao Senhor Bogleioni. O fato deste honrado senhor ter tido tempo para entregar ao Conde Francesco Algaroti, o qual também teria vontade de publicar, e se acredita que ele as levou consigo para a Prússia, motivo pelo qual nem eu, nem o público pudemos aproveitá-las. Se Deus não tivesse levado tão cedo aquele bom religioso, poder-se-ia esperar de sua capacidade, uma exata descrição de todas essas particularidades do Paraguai. Para poder completar a presente obra, servi-me principalmente das seguintes fontes e memórias: Uma relação enviada ao seu irmão, sobre as missões do Paraguai, ali pelos anos de 1690, por um cônego de reconhecida credibilidade, por todas as partes onde tinha trabalhado e mais uma vasta relação, sobre a prática daquelas religiões; nas escritas: relação histórica das missões dos índios que se chamavam "Chiquitos", escrita pelo Pe. Gian-Patrício Fernandez da Companhia de Jesus e impressa em Madrid, no ano de 1726 e enfim, de outros livros que falam do Paraguai.

Não pretendo publicar as notícias sobre o Paraguai e as missões bem-sucedidas e fundadas ali pelos padres da Companhia de Jesus, como algo inédito, pois podemos encontrar muitas referências sobre essas imensas províncias e sobre os esforços dos religiosos para converterem aqueles infiéis à fé cristã, nas cartas que escreviam anualmente, antes ainda de 1600. Os missionários Jesuítas de todas as missões costumavam escrever e imprimir. Podemos ainda ler: Jacobi Ransonier S. J. "Anais do anuário Paraguaio", 1626 e 1627 e assim outras semelhantes a estas, Pe. Niccolò Mastrilli dos mesmos dois anos. Outras mais foram publicadas por Francisci Lahier S. J. "Anais do Anuário Paroquial, 1635 e seguinte, como ainda de Adami Sehimbeck, Conquistas Paraguaenses, ou Anais de Suas Províncias dos anos 1638 até 1643 e mais as relações da Província do Paraguai do P. Filiberto Monero de 1635 a 1657, escritas em língua espanhola e traduzidas por Francesco Hamol. Citaremos ainda outras: Antônio Ruiz de Montoya, História da Missão Paraguaia Sob o Domínio de Cristo; Nicolai de Theco: História da Província do Paraguai da Sociedade de Jesus, este parece ser um livro muito raro e Jacobi de Machault; Relações do Paraguai. Estes livros escritos em latim são ainda conhecidos por poucos e a Itália não os possui.

Mas sabe-se que estes escritores estão narrando as aventuras no Paraguai há mais de um século, mas não estão aptos a compreender e portanto, não podem relatar sobre o atual estado de tranquilidade, em que se encontra a religião, os hábitos e os costumes nas reduções cristãs, dos quais, fiz um apanhado para escrever.

Nos velhos tempos, os padres da Companhia de Jesus não faziam tal esforço, exceto fazer longos percursos internos pelas províncias da América Meridional pregando o Evangelho, sem se importar em conquistar as populações indígenas, nem introduzi-las à vida civil e cristã com igrejas e uma união estável entre as famílias. Continuavam obtendo resultados de seu trabalho, batizando as crianças moribundas e separando dos infiéis aqueles que se convertiam, levando-os para morar nas terras cristãs. Hoje é bem diferente. A cruz triunfa no meio daqueles bárbaros com numerosas repúblicas que adoram o verdadeiro Deus e vivem de uma maneira invejável e que espero levar ao conhecimento do público, juntamente com as belas recordações daquelas regiões.

A única coisa que eu não pude obter, mas gostaria muito de ter tido acesso, foi uma relação mais minuciosa da região, isto é, sobre a qualidade de suas terras, sobre sua fauna e a sua flora. A maneira de caçar, pescar, juntamente com outras notícias, as quais por serem novidade, sempre interessam aos leitores. O que o leitor terá oportunidade de ver nas próximas páginas, é tudo que pude recolher, na tentativa de enriquecer o conhecimento dos que vão ler, sobre o imenso país, tão distante dos nossos olhos e principalmente do comércio com a Europa, cujo nome chegará também como novidade para a maioria dos italianos.

CAPÍTULO I

As Sagradas Missões da Igreja Católica

As missões sagradas, das quais apresento um pequeno ensaio, é de uma só parte do mundo, e que podemos chamar de expedições feitas pela igreja católica por algumas pessoas consagradas na vida religiosa e que trabalham junto aos povos infiéis, para anunciar o Santo Evangelho e implantar a única e verdadeira religião de Jesus Cristo. Sua instituição ou mandato, foi do próprio filho de Deus que enviou seus discípulos e apóstolos difundir para todo o mundo sua celeste doutrina com aquelas palavras que São Matheus nos recorda: "*Euntes ergo docete omnes gentes*, (Ide portanto, ensinai todas as gentes) e São Marcos: *Euntes in mundum universum praedicate Evangelium omni creaturae*, (Ide para todo o mundo e pregai o Evangelho para todas as criaturas). Bem sabia o divino mestre, sobre os perigos, sofrimentos e torturas e até sobre a morte, a que se exporiam aqueles que abraçassem tal vocação; mas Jesus Cristo os confortou e os animou a uma luta tão louvável, porque era feita unicamente em benefício de levar a luz e a verdade, mostrando para aqueles que não podiam ver através da escuridão o conhecimento do verdadeiro Deus.

Deus prometeu recompensar todos esses generosos e como prêmio, deu-lhes a coragem que precisariam para cumprir tão nobre e ao mesmo tempo, tão perigoso compromisso, desde os primeiros séculos do cristianismo.

Podemos denominar no começo dos tempos da Igreja de Deus, os apóstolos e principal mente São Pedro e São Paulo como verdadeiros leões, pregando e levando para numerosas províncias, a fé em Cristo; e aonde eles não pudessem ir, enviavam seus discípulos. Dessa semente, logo vieram os frutos e em apenas trezentos anos se viu prevalecer a religião cristã, sobre a idolatria do vasto Império Romano, que estendeu-se também para fora do Império, nas vastas regiões dos povos bárbaros. E quanto mais se encrudesciam os irritados pagãos contra esses corajosos defensores do Evangelho, tanto mais serviu o sangue deles derramado, para aumentar o número de fiéis.

Os pontífices e bispos dos séculos seguintes foram também muito fervorosos em converter e trazer os hereges ao seio da verdadeira Igreja e para fazer germinar a religião de Cristo nos países da idolatria. E Deus abençoou o zelo incomparável de São Gregório, o Grande, no tempo dos Godos arianos na Espanha e dos Longobardos na Itália, que infestavam esses dois países com a mesma heresia, fazendo com que esses povos abraçassem a crença católica; e enviado pelo mesmo boníssimo pontifício à Inglaterra, Santo Agostinho que foi depois bispo de Canterária, tornou a implantar, naquela região pela primeira vez esta santa religião, e por isso São Gregório foi chamado apóstolo daquelas nações. Assim no tempo de Carlos Magno e de Ludovico Pio Augusto por obra de São Bonifácio, mártir de Santo Ascário e de outros evangelizadores sacerdotes, enviados pelos Sumos Pontífices e de outros que vieram nos séculos seguintes, se converteram ao culto do Deus verdadeiro, as diversas nações, da Alemanha, Polônia, Bulgária, Tchecoslováquia, Hungria etc.

No final do século XV e no começo do século seguinte, tendo os portugueses penetrado nas índias Orientais, e tendo Cristóvão Colombo, Américo Vespúcio e outros, descoberto as índias Ocidentais, isto é, as duas novas partes da terra, incorporou a estas conquistas outras três conhecidas. Quem nos poderá dizer quantos operários da vinha do Senhor acorreram cheios de zelo apostólico, para pregar o Evangelho e a religião cristã entre aqueles bárbaros? Não bastando a eles as vastas regiões que foram passando de mão em mão, conquistadas pelos monarcas cristãos, passam para as mãos daqueles príncipes infiéis e para as populações bárbaras, para agora desfraldar a bandeira da cruz que certamente custou para eles imensos trabalhos e para muitos deles também a vida, imolada com o glorioso martírio. Mais que nunca, brilha hoje na igreja católica esse ardor para propagar para todas as pessoas do globo terrestre a fé em Jesus Cristo. Ardor esse, deixado como herança pelo próprio divino Redentor à sua verdadeira esposa. Para essa missão foram sempre sumos pontífices muito dedicados. Todos sabem que em Roma foi constituída a Congregação e o Colégio da Propagação da Fé, com o fim de promover, prever e manter ministros idôneos para conservar e aumentar nas diversas regiões do Oriente e no resto do mundo a fé católica. Neste sacrossanto instituído, a Congregação emprega grandiosíssima soma em dinheiro; é ainda considerável a solidariedade do clero da França, em promover as

diversas Santas Missões, das quais tem particular cuidado; não foram poucos donativos e despesas que os reis da Espanha e de Portugal enviaram para sustentarem as missões e os missionários, para que nessas missões pudessem propagar a Santa Religião que eles praticam nos reinos americanos e nas outras regiões da terra.

Ora, não há necessidade de muitas explicações para compreender que uma das mais belas glórias da Igreja Católica está justamente na urgência em propagar a luz do evangelho e em livrar esses povos das trevas, pois são criaturas de Deus e que não conseguiram até agora conhecer quem é esse Deus, Pai comum de todos nós, ou praticam uma religião totalmente falsa, supersticiosa e por isso condenada pelo próprio Deus. Antes, tal urgência era um dos sinais visíveis e evidentes que esta é a verdadeira Igreja de Deus, porque nela reina a caridade, virtude que está acima de todas e foi recomendada pelo próprio Deus, e que permanece nela, aquele mesmo espírito que o senhor Jesus infundiu nos apóstolos e discípulos. Não se pode demonstrar ato maior, do que a excelência da caridade que, com tanto sacrifício, procura atrair os homens para o conhecimento e ao culto do verdadeiro Deus, expondo a própria vida a ingentes fadigas e enfrentando a própria morte para procurar levar ao próximo bem assim excelente. Podemos procurar entre as seitas dos modernos heréticos e jamais encontraremos esta heroica caridade. Somente preocupados com os bens materiais, não têm tempo de pensar em bens espirituais, deixando esse valioso encargo somente para a Igreja Romana, dar o próprio sangue para aumentar o rebanho do senhor com mais cristãos.

Um espetáculo digno de louvor entre os homens, quase causando inveja aos próprios anjos ou Santos do Paraíso, é pois admirável a multidão desses apostólicos operários que espontaneamente correm todos os dias para se unirem, sob a imagem do crucificado, e partirem para as missões, com fervor e zelo e todos ansiosos para partirem para uma linda meta. Experimente dizer a eles quais são os enormes sofrimentos que devem suportar, confinados em estreitos compartimentos de naves entre mil privações em uma viagem marítima de quatro, ou seis, um oito milhas entre o perigo das violentas tempestades, dos piratas e entre as angustiantes calmarias do equinócio; eles não se assustam mesmo. Argumentam que vão morar na vizinhança ou no meio dos povos bárbaros, ou ao menos com gente pobre e inculta e ainda sem jamais gozar das belezas dos países da Europa e das comodidades

que aqui se encontram com abundância; nem poderão rever os seus parentes, nem os amigos e ir a lugares onde os perigos são frequentes, podendo deixar a vida entre flechas ou sacrificadas pela clava desses povos inumanos. Estes fatos não os fazem desistir, ao contrário, os encorajam ainda mais a prosseguirem, pois serão bem-aventurados aqueles que, com tal morte pudessem ter cumprido a missão de seu sagrado ministério. Mas este ardor apostólico não podemos esperar, senão daqueles que estão com o coração inflamado pelo espírito divino impedidos de fazerem bem, não podemos encontrar a não ser na verdadeira Igreja de Deus. E por isso deve-se ressaltar que a Igreja é a legítima esposa de Jesus Cristo, conservadora do espírito dos primeiros cristãos e ainda fecunda de apóstolos e mártires, como foi a igreja primitiva.

Quantos generosos campeões nos diversos séculos e especialmente depois da descoberta das índias Ocidentais e depois das viagens feitas pelos mares das índias Orientais ou seja pelas vastas regiões da Ásia e da África, juntaram-se ao grande empreendimento de converter os povos idólatras para a fé em Cristo? Somente uma larga história poderia enumerá-las. E posso falar que neste empreendimento foram sacrificados principalmente os filhos de São Domingos (dominicanos) os Capuchinhos, os Recolletta e outros da família Franciscana, Augustinianos, os Carmelitas descalços, os Teotinos, os religiosos Mercedianos, os Padres franceses e outras Ordens da Igreja de Deus. Mas isso é lícito que eu diga que, quem acima de todos sempre se distinguiu e marcou presença nessa Santa Missão com tanto empenho, foi a Companhia de Jesus que, desde o início, acrescentou aos votos religiosos, o de ir à missões. Isso começou com o apóstolo dos índios, São Francisco Xavier e chegaram a regar com o sangue de seus filhos, muitas províncias e ilhas da Ásia, das índias Ocidentais, do Canadá, etc. Estou aqui para falar desta sagrada Companhia, e nem tanto por seus empreendimentos realizados em muitas terras longínquas, para onde foram enviados fervorosos ministros para pregar a Santa Lei de Jesus, mas para falar somente das missões que a Companhia de Jesus introduziu, ainda conserva e vai crescendo naquela parte da América Meridional, que queremos chamar de Paraguai.

São louváveis e veneráveis todas as sagradas missões que em muitas partes da terra, a Igreja Católica mantém para continuar ou levar os meios da religião de Cristo, aos infiéis. Mas também seria de-

sejável que pelo grande zelo dos católicos e pelas tão belas esperanças correspondesse um resultado mais ubertoso da messe, e que de tantos sofrimentos e fadigas se recolhessem mais frutos.

Não se pode contar quantos obstáculos encontraram para conseguir implantar a semente evangélica naquelas terras; e quantos ainda para poder erradicá-la. A proibição e as gravíssimas penas impostas pelos Turcos e pelos Persas, a perversa política, a pluralidade dos males, os ídolos dos sacerdotes maometanos ou gentios, o mau exemplo dos mesmos cristãos, o interesse e ainda outras semelhantes razões e acontecimentos fortuitos barraram a entrada do Evangelho em muitos países, ou não deixaram progredir, nem criarem raízes. Uma cristandade florescente já havia sido implantada no Japão: mas uma feroz tempestade movida ao que se crê, pela influência de quem se professa com o nome de cristão mas não encontra nenhuma dificuldade em sacrificar a religião ao próprio interesse. De improviso esta cristandade foi rompida. Essas desgraças acontecidas ao cristianismo, na China, em Lião e em outros lugares que não vêm ao caso agora. Também ficaram expostas a outras vicissitudes as missões de Tóquio, da Cochinchina, do Peru, do Malabare e outros países marítimos das índias Orientais, (em 1587 no Japão foi proibida a conversão ao cristianismo. A comunidade cristã que no início do século XVIII contava com mais de trezentas mil unidades, foi reduzida a nada pelas perseguições de 1597 e 1612). Ora, a mim parece que só a cristandade do Paraguai goza de singular privilégio e que sobre ela chovem todas as bênçãos de Deus; por isso me enchi de vontade de escrever, tudo aquilo que cada cristão lerá em breves notícias e terá a oportunidade de louvar a Deus, prestando a atenção de como ele elegeu um povo privilegiado entre esses povos bárbaros e desconhecidos. E com a maior vontade que pego a pena para escrever, com o argumento de que me parece que muito pouco ou nada se sabe, principalmente na Itália, a respeito do Paraguai. E muito menos se sabe de como foi implantada e radicada ali, a verdadeira fé em Cristo. Mas poderá também acontecer que um dia, os leitores me agradecerão por tê-los oportunizado a conhecer uma parte imensa daquele mundo, os costumes louváveis ou condenáveis daqueles habitantes, sem contudo terem tido despesas e nem o desconforto e incômodos da viagem. Mas para o leitor menos informado entender melhor, sobre esse país, convém que fale primeiramente sobre como ele era, para depois poder compreender como ele é agora.

CAPÍTULO II

Algumas notícias da América Meridional e que domínio possuem aqui os Espanhóis e os Portugueses

O Novo Mundo cujo nome compreende todas as regiões das índias Ocidentais, se deve à descoberta de Cristóvão Colombo, genovês e a denominação de América a Américo Vespucci, florentino, isto é, a dois italianos de sempre lembrada memória. Aquele continente se divide em duas partes; América Setentrional e América Meridional. Da primeira que não é meu assunto, da qual não falarei. A segunda, isto é, a Meridional, pode-se chamar a quinta parte do mundo, porque não é muito inferior à África e em grandeza supera a Europa. Segundo a narrativa de alguns geógrafos, este grande continente tem a forma quase triangular e se estende do setentrião ao meio-dia, por uma extensão de quatro mil milhas e do levante ao poente, cerca de três milhas e seiscentas. Mas na determinação da extensão daqueles países, existe uma grande diferença entre as relações dos próprios geógrafos e dos viajantes, algo que não importa muito e nem eu me sinto seguro, para fornecer com certeza a distância e a extensão daqueles países. Encontram-se lá, dois rios e acredita-se serem os maiores do mundo: o Rio Amazonas, que inicia nas altíssimas montanhas do Peru, no Poente e vai se lançar, ao levante no mar, depois de percorrer quase três mil milhas. O outro é o Rio do Prata, que corre do setentrião e ao nosso entender, em direção do meio-dia, alargando-se no meio da foz, no final, com aproximadamente oitenta ou noventa milhas. Se me perguntassem quem é o dono destes vastos países, dir-lhes-ia que os espanhóis, pois, com exceção do Brasil, uma grande porção da parte oriental, pertence ao Rei de Portugal e todo o restante da América Meridional, é de domínio do Monarca católico da Espanha; mas para dizer a verdade, este rei pretende sim, a jurisdição daquelas vastíssimas regiões, mas que na realidade a maior parte delas nunca as teve e nem no presente possui domínio algum. Parece-nos que os reis da Espanha, de Portugal, da França e da Inglaterra, adonando-se de tantas províncias das duas Américas, exigem como acontece na Europa, sua plena autoridade sobre elas e cobram a obediência de todos aqueles povos. Saibam que ao contrário do que dizem, o domínio e a

posse daqueles monarcas são quase nulos, em relação àqueles povos e países nessas regiões os quais gozam da sua liberdade e não obedecem aos reis da Europa. Somente nas costas marítimas, eles exerciam sua senhoria e aí havia cidades, numas e em outras menos. Cidades constituídas com territórios e distritos, que ainda são submissos e lhes obedecem. No interior, que se estende a milhares e milhares de milhas, é habitado pelos índios livres, pelos povos desconhecidos. Não são só independentes do domínio dos príncipes cristãos, como ainda são inimigos e estão cheios de ódio dos príncipes invasores. Sobre os nativos, tratarei mais adiante.

Os portugueses, donos do Brasil, isto é, de uma vasta e bela parte da América Meridional ao Oriente, não possuem, senão, as costas divididas em capitanias, estendendo-se muito pouco no interior do país, com exceção daquelas regiões, onde descobriram minas de ouro, prata e que, nos últimos tempos, encontraram também um manancial de diamantes, coisa raríssima, porque até então, só se encontrava no Reino de Galconda, nas índias Orientais (Galconda, uma cidade da Índia, capital do reinado governado pela dinastia Kutb Shahi; centro de lapidação dos diamantes, que eram extraídos da parte meridional do estado - 1512-1687, hoje sujeita ao Reino do Gran Mogol, onde possuíam minas de joias muito apreciadas). Assim, em terra firme, o domínio dos reis de Portugal não chega a mais que umas trezentas milhas, ao passo que as extensões daquele interminável país, estão nas mãos dos antigos indígenas, os quais são poucos ou nada conhecidos e com vontade de conservar sua inata liberdade.

Quanto aos reis católicos da Espanha, eles continuam nas costas ocidentais da assim chamada América Meridional. O Peru, o Chile, províncias muito importantes e apreciadas, pois de lá se extraía grande quantidade de ouro, prata, que de tempo em tempo eram levadas para a Espanha e distribuídas entre vários países da Europa. Outros se aventuraram neste estulto comércio e embrenharam-se na Turquia, na Pérsia, no Indostão e em outras regiões da Ásia.

Semelhantemente, os reis da Espanha possuem nas costas setentrionais da América Meridional, a Nova Castília, a Nova Andaluzia e a Nova Granada, lindas províncias que em umas mais e em outras menos, estendem seu domínio ao longo daquelas costas. Assim, na parte meridional e no interior daquele imenso país, fizeram umas poucas conquistas e fundaram algumas cidades, que apresentaremos

mais adiante. O que digo da América Meridional, está em proporção com a Setentrional, encontrando-se também naquelas imensas regiões, inúmeros povos que não estão sob o domínio dos espanhóis, franceses e ingleses, pelo contrário, são inimigos de suas cidades; e sendo pois, muito mais naquelas intermináveis partes do mundo, os países e as populações, dos quais, são conhecidos apenas o nome e ainda outras, sem número, permanecem ignoradas pelos europeus. Dizem os franceses, que o rio Mississípi da América Setentrional foi por eles descoberto, no final do século passado, onde houve naufrágios de muitos navios de crédulos franceses. Com uma extensão de mais de mil e oitocentas milhas, avança seu curso até finalizar, na embocadura do Golfo do México. De todos esses povos habitantes das duas margens desse rio, não entendendo sua língua e nem sabendo seu nome, um francês, tomou posse para o domínio da Coroa da França. (R. de La Salle explorou o rio Mississípi até sua foz, no ano de 1682 e tomou posse daqueles territórios em nome do Rei Luis XIV). Esse francês foi para descobrir aquela região e com admirável segredo, plantou naquelas terras uma cruz com as armas do Rei da França. Podemos crer que seja elevado o número de outros índios, postados ao poente e ao norte do Mississípi, do Canadá, do México Velho e Novo e das outras províncias do Rei da Espanha. Várias razões, podem-se aludir, pelo fato de que as conquistas dos reis europeus não se entendiam em sua maioria nas duas Américas. A principal razão, é que não havia possibilidade das potências da Europa fornecerem tanta gente para conquistar novos países do Novo Mundo e para conservá-los, sofrendo duras penas para manter as províncias já conquistadas. E muito menos podia fazê-lo a Espanha, pois é um reino pouco fecundo de habitantes e que adonaram-se de muitos povos depois da descoberta da América. É com muita dificuldade que sustentam as antigas conquistas. Acresce a isso, que as colônias dos europeus, que querem se estabelecer naqueles países com acentuada diversidade de clima e outros motivos, correm o perigo de manter-se por pouco tempo e permanecem expostos às investidas dos bárbaros atentos, ocupados em expulsá-los. A segunda razão, está no amor inato pela liberdade que está nos corações daqueles bárbaros e não menos que em nós. É uma grande força e por isso os estimula a não sujeitarem-se aos princípios cristãos, o saber ou por experiência ou por tradição, o mau-trato já praticado ou que ainda se faz aos índios submetidos ao cristianismo e ainda outros maus exem-

plos dos menos cristãos, não coerentes com o que ensinam e com o que vivem. Mas visto que os europeus não sabem cativá-los com amor, não lhes resta senão usar da força; e a isto, os índios para subtraírem-se às ameaças de escravidão, opõem-se com contra força ou fogem para mais longe.

Infelizmente é verdade que o motivo pelo qual, muitos daqueles povos se dão conta que são alienados e principalmente pela nação espanhola, procuram nas inesquecíveis recordações, aquela crueldade praticada contra os povos americanos pelos primeiros conquistadores espanhóis que entraram lá e impuseram seu domínio. Não podemos lembrar sem horror, daquela tragédia, daquela inaudita barbárie, que será sempre um imortal vitupério e ainda mais execrável, detestável pela desumanidade e violência praticadas por culpa deles, tornou-se desonra aos péssimos reis da Espanha e da Santa Religião de Cristo.

É necessário muita paciência, para ler do começo ao fim, a obra impressa que nos deixou Bartolomeu de Las Casas, de Sevilha, sacerdote da Ordem dos Pregadores e Bispo de Chiapa: "História da destruição dos índios Ocidentais", (a brevíssima relação da destruição dos índios, foi apresentada por Bartolomeu ao Rei Carlos V, em 1542 e publicada em 1552) e que tanto trabalhou para salvar os sobreviventes indígenas da tirania incrível daqueles assassinos e que se diziam cristãos. Testemunhas oculares das enormes crueldades, que ali se cometiam nos primeiros tempos das conquistas pela nação espanhola, nos garantem que ao chegarem os espanhóis, todas essas ilhas e províncias do continente eram habitadas por muita gente, como nas demais terras do mundo. Era gente, na sua maioria, simples, sem maldades, pacientes, pacíficas e que ainda tinham recebido bem os estrangeiros europeus. E no entanto, esses esperados estrangeiros, esquecidos, não só do Evangelho, mas também esquecidos que eram seres humanos, não fizeram outra coisa até o extermínio desses povos, senão matança, carnificina, lançando-se como lobos ferozes, contra aqueles mansos cordeiros, procurando continuamente, pretextos e novas maneiras para espoliar das populações americanas, seus tesouros, seus haveres e finalmente tirar-lhes a própria vida.

O Bispo Las Casas nos conta, que no espaço de quarenta anos, os seus conacionais, trucidaram ou causaram a morte, de cerca de vinte milhões de almas, naquela conquista, despopulando com essa crueldade e barbárie, inúmeras cidades e vilas, deixando-as completamente

vazias de habitantes; e um monumento perene do que pode fazer a ambição cega, a insaciável avareza e a corrupta natureza do homem, que se tornou pior que os animais mais ferozes. Jamais se lerá sobre um país ou nação pagão, que cometeu semelhante exemplo de crueldade e iniquidade, a não ser, de gente batizada e que professavam a fé cristã. O que é pior e que aumenta o horror, foi deixarem levar pelos bons e zelosos religiosos, esses relatos de enorme tirania ao tribunal do imperador Carlos V, Rei da Espanha, os quais se encontram cheios de malícia e ignorância e que com esses escritos públicos, pretendiam declarar que os índios não eram homens como nós, mas uma espécie de animal entre o homem e o macaco, isto é, um animal com semblante humano, (a discussão sobre a origem e sobretudo a natureza dos índios se estendeu por todo o Século XVI. Em 1537, o Papa Paul III emanou as bulas: *Atitute Divini Consilii, Sublimis Deus e Veritas Ipsa*, com as quais confirmava que os indígenas da América, pertenciam ao gênero humano, a validade do batismo a eles imposto e condenava os maus tratos infligidos a eles. As bulas foram precedidas de um "breve", que ameaçava de excomunhão a quem os fizesse de escravos. Mas Carlos V embargou a sua difusão e, em 1538, o Papa teve que revogar os documentos do ano anterior) e que para erradicar a idolatria, fosse lícito degolar todos os idólatras que não abraçassem o Evangelho, alegando exemplos das Sagradas Escrituras e do Velho Testamento. Pergunta-se: Poder-se-ia fazer algo mais para difamar a santíssima Religião de Cristo e a piedade dos monarcas católicos?

A ímpia superstição dos Turcos, de lhe atribuir a fama de dilatar com a espada o domínio e a falsa lei do seu charlatão Maomé, pode-se crer, mas não a religião santa de Jesus Cristo, a religião mestra de caridade, plantada e regada, não com o sangue de seus adversários, mas com o sangue de seus zelosos mártires. Foi necessário recorrer à Sé Apostólica, a fim de esclarecer, as iníquas e vergonhosas desculpas. Não há necessidade de dizer mais nada, nem advertir que esses índios sobreviventes e também aos mais distantes se introjetaram um tal ódio e horror contra a nação espanhola e consequentemente contra a sua religião, transmitida dos pais para os filhos. Provavelmente não virá mais, tanto mais que cessando as antigas carnificinas, ocorreram outras injustiças contra os povos a eles submissos ou subjugados. A isso, ao seu tempo acenaremos.

CAPÍTULO III

As Províncias do Paraguai

Deixando de lado todos os povos conquistados e habitados pelos espanhóis, ao oeste, e pelos portugueses ao leste da América Meridional, devo me ocupar agora do país em terra firme e que se encontra entre aquelas duas nações dominantes e no centro daquela parte do mundo terráqueo.

A Monarquia de Portugal comanda em toda a costa marítima do Brasil e até pretendia estender seu domínio até o Rio do Prata, ou Rio Paraguai. Mas estas suas pretensões, há muito tempo foram restringidas pelos espanhóis e no presente, o seu domínio não ultrapassa o Cabo de São Vicente, que está abaixo do Trópico de Capricórnio. Todo aquele pedaço da costa marítima que deste cabo se estende, até a desembocadura do Rio do Prata é considerado de posse dos espanhóis, estando os povos que ali habitam sob sua jurisdição, a não ser que outros descobridores tivessem antes posto seus pés naquelas costas marítimas e fundado alguma colônia. Contudo, como direi mais a frente, os portugueses conseguiram implantar um forte na ilha de São Gabriel, onde o Rio do Prata desemboca no mar e isso eu sei que já o possuíam, no ano de 1730 e cremos que ainda são os donos, (a linha de demarcação entre a linha divisória espanhola e portuguesa, foi fixada no dia 4 de maio de 1493) por meio das bulas do Papa Alexandre VI (*Inter Caetera I; Inter Caetera II - Eximiae devotionis - Piis fidelium dudum siquidam*) a 100 léguas ao oeste dos Açores e da ilha de Cabo Verde. A "Linha Alexandrina" com esse traçado, dava na prática à Espanha, a possibilidade de domínio sobre todo o Novo Mundo. Com o tratado seguinte, de Tordesilhas - 7 de junho de 1494, Portugal obteve a concessão de alargar suas fronteiras até 270 léguas ao oeste, por isso lhe permitiu colonizar o Brasil). Partindo, portanto, da parte oriental da América dominada pelos portugueses, os quais como dissemos, ficaram contentes em possuir as costas marítimas, sem se incomodarem com as porções de terras do Continente que ia até os confins das altíssimas montanhas do Peru e do Chile, localizados ao ocidente. Aquele vastíssimo continente que se estende por milhares de milhas, repleto

de populações, na sua maioria bárbaros nos costumes e que não sabem da existência de Deus e se sabem, adoram falsos deuses e não reconhecem nem a Espanha, nem Portugal, como seus soberanos, os quais pretendem o domínio. Existem ainda muitas nações e muitíssimos povos que ainda não foram descobertos. São de línguas diferentes e inimigos entre si e todos amantes da sua integral liberdade.

A América Meridional pode se orgulhar dos seus maiores rios do mundo.

Na parte norte, encontramos o rio chamado Maranhão, que foi dado o nome de Rio das Amazonas, (o Maranhão está junto ao Ucayale, um dos dois ramos que formam o Rio Amazonas), porque os primeiros descobridores e navegadores, ali observaram sobre as margens, mulheres armadas de arco e flechas. Esse rio corre das montanhas do Peru e vai desembocar no mar do Oriente, depois de ter recebido, durante seu curso, o tributo de outros grandes rios e torrentes. O outro grande rio, cujo curso, no nosso modo de entender, corre do norte para o sul, chamado Paraguai e que recebeu dos primeiros descobridores, o nome de Rio do Prata, que significa prata, não porque aí tivessem encontrado esse metal, como acreditavam alguns, mas porque os primeiros europeus que por ali passaram, encontraram alguns grãos de prata, ou então receberam dos habitantes que ali moravam.

Alguns geógrafos, escrevem que se encontra muita prata no fundo desse rio e que naquelas regiões existem minas de ouro, ferro e cobre, mas não saberiam provar a veracidade de tal afirmação; o certo, é que nem ferro e nem cobre existem nessa região. O presente melhor que se possa dar aqueles habitantes é facão, foice, tesoura, machado e outros instrumentos de ferro que traziam da Europa.

O Rio Paraguai nasce no famoso lago dos Xarajé ou Carajé, (o Rio Paraguai nasce no Mato Grosso, serra dos Parecis e depois se une ao São Lourenço e forma o Pantanal Xarayes) e se encontra no 16° de latitude meridional e inteiramente com clima saudável e temperado. Seu território é muito fértil e por isso essas terras são muito povoadas, mas hoje nem tanto pelos mamelucos, que faziam frequentes incursões (com estes termos eram chamadas as populações mestiças de São Paulo. Para uma descrição mais detalhada, cfr. os cap. VII e X) dos quais falaremos a seu tempo.

Para imaginar a vastidão daqueles lagos, podemos mencionar a Ilha dos Morcegos, que se estende por 120 milhas de comprimento

por milhas de largura. Dali desce o Rio Paraguai em direção ao meio-dia e a direita da parte ocidental. Recebe os grandíssimos rios chamados Vermelho, Pilcomayo, O grande e o Salgado e outros menores. À esquerda, abaixo do meridiano 27° de latitude meridional, une-se o Rio Paraná, um dos maiores rios, que na parte do Brasil, desce e é chamado pelos habitantes com esse nome que significa mar e o Uruguai corre paralelo aos dois e os três se encontram na foz do Rio do Prata. Esses terrenos situados numa região imensa e próximos dos rios, ou regadas por outros rios menores, são certamente muito férteis, apresentando aí, belas e férteis planícies, colinas amenas, mas também não faltam íngremes montanhas, lagoas permanentes e pântanos, porque na época das chuvas, os rios saem de seus leitos e inundam as planícies. Aí há também imensos bosques e matas com extraordinárias extensões, totalmente espessas que dificultam a passagem de um país para outro e por esse motivo, é necessário abrir estradas a machado. Ainda podemos encontrar lugares montanhosos, com terra árida e estéril, onde se anda por dias inteiros. É certo que essa pequena área de terrenos ruins que existe em todos os países, não altera de maneira geral a respeito das boas qualidades do Paraguai.

Os rios fornecem peixes em abundância e as matas, fortes caças. Esses numerosos habitantes vivem quase que exclusivamente de peixes, de caçadas de tubérculos e de frutas selvagens, que se encontram em abundância nas matas; sem saber ou sem querer cultivar as terras que são de todos, não há ninguém que cultive a terra, ou porque ninguém pode, ou ninguém sabe fazê-las frutificar. As próprias inundações frequentes fecundam as terras da campanha e aquelas matas indicam também a exuberância e a força do terreno, de modo que se passasse por lá a indústria dos europeus, diriam sem dúvida, que aquela era a melhor terra do mundo. De fato, o trigo e os demais cereais introduzidos pelos espanhóis, rendem uma ótima colheita, mas aqui, o que mais estão usando, é o grão turco e que nós chamamos milho. O pão mais comum dos índios súditos dos europeus é feito com o milho, mas há uma outra espécie de pão, se assim se pode chamar, que é feito de uma raiz, parecida com rabanete e que eles chamam de aipy ou mandioca, a qual, é plantada e ao término de quatro meses se torna grande como um braço; tirada a casca e cortada em pedaços, que é trabalho das mulheres, secam ao fogo e depois a transformam em farinha. Cozida fazem uma torta ou bolo, a qual utilizam em viagens e

quando não, na guerra. Outros povos chamam "casava", muito usado também pelos povos da África. E estranho, mas na verdade o suco dela extraído, mata quem o bebe, por ser tão forte o seu veneno, (o caldo da raiz da mandioca contém ácido cianídrico, altamente venenoso. Esse ácido é eliminado através do cozimento a seco). É necessário espremer-lá, ficando aquela massa livre de qualquer substância maléfica. Os europeus também gostam de prepará-la deste modo, pois o pão feito com essa farinha é muito saudável. Praticamente nessa região não há videiras, ou porque não a plantam ou se a plantam as formigas as comem, ou porque os sábios missionários não querem promover sua cultura, para se livrarem das desordens, filhas muito comuns do vinho. A bebida da maioria dos índios e dos povos é a água e também uma bebida fermentada, parecida com a cerveja, fabricada pelas índias com mandioca, algumas frutas e também milho assado que fazem fervendo tudo junto. Essa bebida, capaz de embriagar, chama-se cica ou ciccia. No Paraguai e pelas outras tribos de "vipu, vientan, cawin" e é para os índios o maior presente (desta bebida já falava Cristóvão Colombo na "Relação" da sua 3a viagem (1498))...e fizeram trazer pão, muitos frutos e vinho de muitas qualidades, branco, tinto, mas não era de uva; era feito de frutas com qualidades diferentes, ora de uma fruta, ora de outra e também de milho). Para fazer essa bebida, eles colocam o milho de molho na água e ali deixam até absorver a água, inchando-o; colocam os brotinhos justamente naquela parte em que o grão se liga à espiga; quando está nesse estágio, eles cozinham até a primeira fervura, retiram o recipiente do fogo e o deixam descansar. No primeiro dia, ainda não está bom para se beber. Começa a ser bebida no fim do segundo dia, pois já está quase bom. Mas é no terceiro e no quarto dia que fica pronto. É uma bebida gostosíssima, porque está totalmente descansada e curtida (fermentada). Passado o quinto dia já começa a azedar e assim depois do sétimo dia, já não dá mais para se beber. E por este motivo, fazem sempre uma quantidade que possa ser consumida. Gonzalo d'Oviedo, no seu escrito a respeito das índias Ocidentais, escreve que a cica=chicha, tem um sabor melhor que a cidra, ou seja o vinho de maçã e ao meu ver e outros, é melhor que cerveja, muito mais saudável e suave. Os índios possuem essa bebida como o principal sustento e não há nada que se iguale a ela e que os faça saudáveis e fortes. (Não nos baseamos só no trecho citado, há uma descrição completa do preparo dessa bebida e descrita ao Cap. X

do Resumo da História Natural das índias de Gonzalo Fernandez de Oviedo, publicado em Toledo, em 1526).

Os espanhóis introduziram, nas povoações de sua dominação, cavalos, bois, cabras, ovelhas, patos, galinhas e galos da índia e outros animais, por causa da abundância das pastagens e que se multiplicam exageradamente, como descreveremos em outro capítulo.

Ainda podemos encontrar nas ilhas e no continente limítrofe com o Paraguai e nos demais rios, uma grande quantidade e variedade de pássaros. Uns são comestíveis e outros não. Eles possuem uma belíssima plumagem de variadas cores, com as quais esses povos selvagens fazem penachos, cocares para a cabeça, cintas que adornam os braços e o ventre, tangas. Por outro lado, encontram-se povos bárbaros e não são poucos os que estão totalmente desnudos, tanto homens, como mulheres, por descaso ou pelo calor excessivo. Não há dúvida que os europeus não são acostumados com a nudez total desses índios tão indecentes. Como é novidade, logo à primeira vista sentem um certo horror e espanto. Mas como escrevem alguns escritores, uma vez habituados com aquela nudez, ao contrário, ao invés de suscitar a concupiscência, até diminui e podemos crer que os vestidos das senhoras da Europa, são mais provocantes do que aquela nudez selvagem das índias, mesmo porque, as índias deformam a beleza de seus rostos, com pinturas coloridas. Mas nenhum dos leitores e eu não preciso lembrá-los que esse costume é bárbaro e brutal demais e que desde o princípio do mundo, nasceu a necessidade e a decência de cobrir o que, sem rubor, não se pode mencionar e nem mostrar em público, aos olhos de todos, pelas várias consequências, as quais não convém acenar.

Nos países onde o frio é mais intenso, se cobrem com pele de boi ou outro animal, feitos à moda de casacão, que durante o inverno vestem com o pelo para dentro e durante o verão com o pelo para fora.

Entre os pássaros que aludimos, são muito numerosos e de várias espécies: papagaios, caturritas e de outros gêneros que são levados à Europa como mercadoria. Existem algumas espécies do tamanho do nosso merlo, domesticáveis, mas que não conseguem repetir nenhuma sílaba. Há outros maiores que os asiáticos e são belíssimos pela variedade de cores e facilmente aprendem a falar. Estes são odiados pelos índios, porque andam em bando e devastam o milho que é o seu melhor alimento, deixando apenas algumas espigas. E se eles

conseguem pegá-los em flagrante, não os perdoam. Aí também existe um pássaro tão pequeno como o moscão, com asas reluzentes e um canto melodioso, que as pessoas se encantam ao ouvi-lo; é quase impossível que uma voz tão forte possa sair de um corpo tão pequeno. Esses países possuem abundantes espécies de abelhas, algumas iguais às nossas e outras menores e que fabricam suas casas e mel nos troncos das árvores. Quem quiser mel, é só entrar nas matas e lutar contra seus ferrões. As árvores são totalmente diferentes das da Europa. De todas espécies e variedades e muitas produzem frutos muito procurados pelos habitantes que fazem deles seu sustento. Encontra-se um grande número de palmeiras e árvores muito procuradas, chamadas "Pau-brasil", do qual extraem uma tinta vermelha e sua madeira (para móveis) é belíssima e resistente. Por isso se deu tal nome ao belo país de posse dos portugueses na América Meridional. Essa madeira se encontra igualmente em qualquer parte do Paraguai. Nessa região também existem árvores, das quais se extraem um líquido e nós o chamamos de "sangue do dragão". Sobre esse líquido, que depois de seco, é levado para a Europa, se contam muitas fábulas pelos botânicos. Essas árvores se assemelham nas folhas com árvores de nozes e na cortiça com o figo. Faz-se uma incisão no tronco e escorre um líquido parecido com o sangue humano. Os índios o recolhem em chifres de touros que se encontram nos desertos junto às praias do Rio Paraguai. Um Jesuíta encostou o seu braço na ferida da árvore, despercebidamente, o seu casaco branco e sua camisa, ficaram manchados desse líquido vermelho vivo e nunca mais puderam tirar aquela mancha. Merecem atenção os bosques, taquaras que se encontram nas margens do Rio Paraguai e do Uruguai e também em outros rios menores. Essas taquaras são compridas e grossas e no centro são ocas, mas são muito resistentes e são úteis para muitas coisas, como fazer escadas muito compridas. Conta-nos o Padre Ipólito Francisco Agelita, conventual menor que chegou ainda jovem nas províncias do Paraguai, de ter visto uma torre formada com quatro dessas taquaras, chamada naquela língua "jaquay", em cima da qual e colocaram os sinos, cujo peso é muito discreto.

Nas montanhas dos povos Mochi, encontra-se em abundância as árvores de ébano, quajaca, cuja madeira servia para curar as doenças venéreas. Não falta também a canela selvagem, a qual nasce em várias partes da Índia Oriental e que é levada à Europa. Compram-na

quem não distingue da legítima do Ceilão. Semelhantemente há uma casca, da qual não dizem o nome e que é medicinalmente saudável para dores de estômago e cessa imediatamente todas as espécies de dores, quando tomada. Nesta região, é costume plantar o algodão, do qual se extrai o algodão, que depois de fazer o fio, as índias fazem telas e vestes.

Em várias regiões úmidas, nascem espontaneamente a cana-de-açúcar e seria de muito valor, se esses habitantes se aplicassem à sua cultura.

O clima, segundo a diversidade dos lugares, é saudável e em alguns lugares menos saudável. Os missionários europeus, que entendem melhor o modo de viver, sempre procuraram encontrar os melhores sítios e, às vezes, a experiência mostrou que esses lugares não correspondiam e tiveram de mudar suas casas para outra localidade.

Convém dizer também algo sobre as frutas daquele país. Algumas são nativas, isto é, plantadas pelas mãos de Deus e outras são estrangeiras porque nascem das sementes que os europeus plantaram, ou transferiram da Europa e felizmente aclimatadas naquelas tetras.

Nas matas e principalmente nas ilhas, encontram-se árvores muito diferentes das nossas e produzem frutos de ótimo sabor, Entre outras árvores, encontra-se uma que produz como um cacho de uvas de passarinho, com grãos pequenos como de pimenta, cheiroso e gostoso e eles chamam de "mbegue". Cada grão tem uma semente pequena como sorgo e é mais ardida do que a pimenta. Portanto querendo comer tal fruto e isso é comum entre eles, comê-la depois do almoço, tornando necessário apertá-la entre a língua e o céu da boca, de modo a não quebrar a semente. De acordo com a quantidade que se come, um, dois ou três cachos, depois de 1 ou 2 horas de comê-los, a pessoa livra e limpa os intestinos (ótimo laxante)*nota do tradutor. Um outro fruto, é semelhante a uma pinha, que é chamada de pinha, parecida com uma alcachofra, porém maior. Sua cor é amarelada como o marmelo, mas com cheiro e sabor muito melhor e mais agradável. Tal fruto é conhecido como "ananás", muito comentado por diversos escritores e há em abundância, também nas índias Orientais, no Congo e em outras partes da África e no Brasil, de onde, acreditamos, passou para a parte Ocidental. Ali também se encontra outra fruta chamada "mburusugia" (maracujá) que produz uma flor que chamamos flor de paixão e um fruto maior que um ovo de galinha, que quando maduro,

produz um delicioso suco semelhante a um ovo cozido, porém não é duro. É um bom refrigerante, muito agradável. As pacoe são frutas semelhantes às vagens de fava, mas mais compridas e grossas e de várias cores. Para comê-las se descasca como o figo e sua polpa tem gosto de pera. Sabemos também que naqueles sítios, nascem outras frutas que não são conhecidas na Europa e eu não sei dar notícias delas. Encontramos também as frutas que nos são conhecidas como o pêssego, maçã, jujuba, azarola, etc. E essas diversas espécies, encontram-se muitas nas Ilhas do Rio do Prata e do Paraguai, cujas plantas e árvores nos parecem nativas do país. Reconhecemos também outras plantas que foram introduzidas lá pelos europeus e entre essas, muitos pomares cujas frutas rendem muito e são frutas de ótimo sabor e ótima qualidade, como laranjas, limão, laranja de Portugal, cidra, muito comuns e se multiplicaram em demasia. O seu gosto porém, é um tanto azedo. Mas árvores desse tipo são delicadas, só se encontram onde há gente que gosta da agricultura e sendo os índios "amigos do sossego", muitos deles se satisfazem da colheita de frutas que nascem espontaneamente nas ilhas e nas matas que ainda ninguém conquistou.

Aqueles que visitaram e examinaram aqueles sítios, podem contar melhor do que eu, sobre tudo que disse e direi sobre os bens que eles desfrutaram e poderiam gozar na América Meridional.

Quero ainda acrescentar que pela influência da lua, ali esses frutos, estão isentos de pragas. Nessas regiões e principalmente nos lugares mais próximos do mar, encontram-se animais ferozes, como o leão, tigre, urso e outras espécies de feras nativas desse país, as quais, não poucas vezes causam dano à vida do homem. Ali também vivem serpentes de várias espécies e algumas com comprimento e grossura enormes, e alguns chegam a dizer que o tamanho é tão grande, que engolem um veado inteiro com chifres e tudo. Esta é uma das mentiras que são descritas também por viajantes que acreditam piedosamente ou são romancistas. Podemos encontrar um grande número de serpentes muito venenosas que matam só homens e animais que as machucam, ou quando são irritadas de outra maneira. A cascavel é uma delas (que significa guizo, e se encontram também no Canadá e em outras partes da América do Norte). Elas possuem na cauda um colar de ossinhos circulares que ela movimenta, emitindo um som parecido com o de chocalho e como um aviso aos que ainda se encontram longe ou a poucos passos, para que se cuidem da sua picada mortífe-

ra. Essas serpentes fogem ao perceberem que se aproximam homens ou animais e picam somente aqueles que pisam-na ou as machucam enquanto estão dormindo nos prados ou nos lugares de sol. Muitos escrevem que o Supremo Criador da natureza forneceu a esses países, também um contraveneno, uma erva que costumam chamar de "erva de cobra" e que possui um grande poder de cura, bastando amassar as folhas verdes e aplicar sobre a ferida ou tomar em forma de chá, tanto folhas verdes, como folhas secas. O Padre Caetano Cattaneo fala desse remédio e quando esteve na missão no Paraguai, entre muitas coisas que pedia ao irmão, recomendava também que não se esquecesse de mandar "um vidro de duas libras teriaga" (um medicamento usado contra mordeduras de animais venenosos (* nota do tradutor.) Bem fechado, que aqui é um tesouro contra as picadas frequentes das víboras e para outras doenças que são muitas e por causa da falta de médicos e remédios. Precisamos consultar o Dr. Redi (o médico naturalista e letrado Dr. Francesco Redi, 1626-1698, publicou "Observações acerca das víboras") para saber se esse remédio é suficiente para salvar a vida de quem é picado pela víbora ou cobra venenosa.

As formigas de várias espécies causam grande mal e estrago. Encontram-se em muitas regiões das índias Ocidentais. Uma grande quantidade de macacos que saltam de árvore em árvore. Alguns do tamanho do homem, com barba comprida e longas caudas, outros sem barba e sem cauda, de porte menor; animais esses, que, muitas vezes, causam prejuízos aos homens, roubando frutas e hortaliças. É certo também, que muitos índios matam e se alimentam de suas carnes cozidas, sem dificuldade nenhuma. Ao contrário, até lambem os dedos. Entre as doenças, também há a varíola, doença que também existe na Europa, mas lá muito mais perigosa, fazendo grande estrago. As pestes nos chegam, vindas do leste, mas quando esta maléfica enfermidade é descoberta e começa a se espalhar, as outras populações com suas famílias abandonam os povos e se retiram para as matas ou lugares saudáveis, deixando os pobres doentes abandonados e com alimentação somente para poucos dias e após esses dias, se ainda não sararam, morrem de fome (os padres missionários, muitas vezes, cavavam eles mesmos fossas para sepultar os cadáveres, pois em algumas aldeias, não havia nenhum índio em condição de ajudar. Os pais abandonavam os filhos e fugiam para as florestas para escapar e não contrair essa maléfica peste (João Felipe Betendorf, "Crônica da missão dos

padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão, 1691). Isto acontece entre os bárbaros, porque onde moram os cristãos, usam outros cuidados e não faltam os cuidados da caridade, mesmo entre os não cristãos. Para isso, os nossos europeus introduziram lá, o costume da quarentena e outros cuidados úteis usados na Itália, nos tempos da peste, que também aí conseguem resolver admiravelmente como nós.

CAPÍTULO IV

Das Províncias de posse dos reis católicos na América Meridional e do gênio e costumes dos bárbaros índios que vivem em liberdade

Os Monarcas da Espanha dividiram o vasto continente que se estende desde as montanhas do Peru e do Chile até o Brasil, em quatro importantes províncias ou governos, isto é: Terra Magalianica, Tucuman, Paraguai e Rio do Prata. Sob estes governos subdivididos, se encontram o Chaco, Paraná, Guaiara e do Uruguai.

Quanto a Magalianica, que é a mais meridional da América e se estende do norte ao meio-dia por quase mil milhas, terminando no estreito de Magalhães, nome este dado por Ferdinando Magalhães, seu príncipe descobridor e o primeiro a passar por lá ao mar rio sul, ou seja do Peru. Este país é habitado pelos Patagões. (Uma detalhada descrição dos gigantes Patagões está contida na "Viagem" de Antonio Pigafetta que tinha participado da expedição de Magalhães - 1519 - "Depois de treze dias que tínhamos voltado ao porto, nós partimos desta terra e navegamos até o Paralelo 34° e 1/3 em direção ao Polo

Antártico, onde encontramos um grande rio de água doce (Rio do Prata) e certos homens tidos como canibais, que comem carne humana e do navio avistamos um grande como gigante e tinha voz como a de um touro") povo de estatura gigantesca, muito robusto, selvagem e feroz. Todos envoltos nas trevas da idolatria ou sem religião, não sendo possível até aqui penetrar ou plantar a fé de Jesus Cristo. Um ou dois fortes foram construídos no estreito lá pouco nomeado. Muito cedo se tornaram ruínas por causa do frio e da falta de víveres. Por outro lado nesse país, o inverno é rigoroso e não tem pastagens, matas, animais ou outras comodidades, mas ali a pesca é abundante, de modo que se fosse habitado e cultivado por gente habilidosa e civilizada, poderia tornar essa região mais útil e agradável do que os países do norte da Europa. Por isso podemos considerar ideal a Província de Tucuman, situada na parte Ocidental do Paraguai, em direção ao sul pois possui clima temperado e saudável. Suas terras na maioria,

são muito férteis e não são inferiores às melhores da Europa. Outros lugares são menos férteis e há também deserto.

Nessa província correm dois grandes rios, o "Salato" e o "Esterro", muito rico em peixes e que inundam as colônias vizinhas na época das chuvas, tornando-as aptas a produzirem grande quantidade de milho, arroz, sorgo e diversos legumes. Pela abundância das boas pastagens, realizam-se verdadeiras maravilhas. Os bois cervos e outros animais se multiplicam e portanto criam-se várias frentes de trabalho, com a lã, algodão. Ali existem também grandes minas de sal cristalino, perdizes e pombas em grande quantidade e muitos outros bens da natureza que, por serem inúmeros, torna-se difícil nomeá-los.

Os espanhóis fundaram aí três cidades: São Jacó do Esterro que é a sede do bispado, São Miguel e Córdoba. Nessa última, os padres da Companhia de Jesus possuem uma Universidade Pública, para onde vão os jovens espanhóis de toda a Província de Tucuman, que desejam ser instruídos nas Ciências. Podemos encontrar também pequenas colônias espanholas com o nome de cidade e que se encontram nessa Província, distando cem, duzentas, trezentas ou mais milhas, entre uma e outra.

Na província do Paraguai e do Rio do Prata, mais que as precedentes, pode-se contar com quatro cidades espanholas: Assunção, capital do Paraguai e sede episcopal, Buenos Aires, capital do Rio do Prata, Santa Fé e Corrientes. Santa Fé dista de Assunção umas seiscentas milhas e de Buenos Aires também umas duzentas e sessenta milhas. No Paraná e no Uruguai, existem outras cidades menores ou colônias dos espanhóis, províncias também muito ricas de bens e aí, sentem-se mais os privilégios da natureza e se fossem introduzidas todas as técnicas da agricultura europeia, renderiam muito mais. Uma prova da grande força e riqueza desses terrenos são as exuberantes matas encontradas em várias regiões e também as pastagens verdejantes e as colônias vastíssimas, encontradas entre Córdoba e Buenos Aires, onde se multiplicam os cavalos e os bois selvagens que chegam a superar a nossa imaginação. Por este motivo e isto eu sei através de uma pessoa que por muitos anos esteve a serviço do Rei Católico, visitando diversas partes da América Setentrional - os animais facilmente abandonam seus donos e vão buscar sua liberdade nas selvas e florestas, aí numerosíssimas e se são deixadas sem cultivo, tornam-se matas. Os cavalos e também os bois, aí se reproduzem espantosamen-

te, apesar do grande número de tigres, leões, ursos, cães e gatos que fugiram e se tornaram selvagens e muitos outros animais ferozes que continuamente se atacam, (para uma maior descrição dos animais ferozes ou não, ver o cap. XIX).

No entanto, é necessário dizer que apesar dos espanhóis terem algumas cidades e várias colônias incipientes nas citadas províncias, seu domínio e autoridade não atuavam com eficácia e organização distrital como os das cidades da Europa. Entre uma e outra cidade, as distâncias são grandes e nestes lugares, há populações de índios, os quais conservam inimizades com os cristãos, ou convivem em paz, sem contudo submeter-se a eles. Sobre isso e seus motivos, falaremos mais adiante. O país permanece desabitado, ou porque os espanhóis têm medo dos índios, ou os índios, por medo dos espanhóis não conseguem mais habitar esses lugares. Um grande número de outros povos, vivendo longe do comércio dos espanhóis, continuam gozando de sua liberdade; liberdade bastante limitada, porque eles ainda permanecem imersos na ignorância e na brutalidade de seus péssimos costumes, que não lhes permite progredir. Somente aqueles que abraçaram a religião de Cristo, são chamados de súditos ou pior ainda, de escravos dos espanhóis, ou tem que pagar pesados tributos e é sobre estes que eu quero falar.

Em primeiro lugar, convém entender o tipo de indígenas que estão vivendo em liberdade e que não foram civilizados ainda, para entender quais são os outros que hoje professam a religião católica romana e pagam o tributo aos monarcas da Espanha. Já aludimos, que nesse vasto continente da América Meridional, que se estende por milhares de milhas de comprimento e de largura, encontram-se inúmeros povos, ainda desconhecidos. Poderia apresentar aqui uma lista enorme de nomes estranhos, mas acredito que isto não interessa aos leitores. Aqui é diferente das demais partes do mundo. Não encontramos rei, nem príncipe e nem república. Entre esses povos, jamais encontramos alguma lei ou regulamento fixo, concedendo a cada pessoa e família a liberdade e não aceitando a servidão. Porém, sendo essa liberdade a causa de pequenas discórdias internas e de insolência ou de guerras com os vizinhos, não pode sustentar-se por muito tempo e aprenderam que era preciso se unirem e escolher um chefe, ao qual dão o nome de cacique (O termo foi trazido por Vespussi e passou "Cacique" do çaraibico (um dialeto arauk) Kacik; seu corresponden-

te na língua guarani e "Tubicha" que corresponde para nós: Capitão ou Comandante, sem no entanto sujeitarem-se a ele como escravos, mas os índios o consideravam um pai ou diretor. E para esse cargo eles costumam escolher o mais valoroso e corajoso e quanto mais ele conquista credibilidade, mostrando coragem e valentia, sobretudo nas guerras com seus vizinhos, a população dessa tribo cresce e aumenta, de modo que, muitas vezes, ao redor desse cacique se juntam mais de cem famílias. Os missionários supõem que há muitos feiticeiros junto com aqueles caciques, os quais se fazem temer, usando em segredo as maléficas ações contra os desordeiros e desobedientes. Eles costumam agir assim, quando não conseguem os resultados com as regras da justiça, porque se ao contrário quisessem se rebelar e serem violentos, correriam o risco de serem abandonados pelo povo. Eles fazem a esses povos bons, gente boa, acreditar que com um sinal de suas mãos, podem subjugar os tigres e as tempestades, ou causar todas as espécies de males contra aqueles que não querem obedecer e, muitos acreditam de tal maneira, que se consomem pouco a pouco e morrem tísicos. Na realidade a causa da sua morte é o veneno que lhe dão secretamente. Os missionários afirmam, que para conseguirem obter esse comando sumamente desejado, os pretendentes recorrem a magos, os quais, entram-se em bosques, untam-se com graxa de animal e depois de andarem muito, introduzem-se em audiência com o diabo, os quais o veem e falam com ele. Mas essas pequenas repúblicas ou populações, com a mesma facilidade com que se formam se desfazem, porque cada um é dono de si e por qualquer pequeno desgosto, um se afasta do outro, passando para um outro cacique, mas se por pouca coisa se desgostam, passam deste para outro, ou retornam ao seu povo. Suas casas são miseráveis choupanas nas matas, feitas com ramos de árvores ou de bambu, um ao lado do outro sem ordem ou simetria. Muitas vezes, as portas são tão baixas que para entrar é necessário rastejar; eles assim as constroem, não só para evitar a entrada de doenças, moscas, mosquitos e outros insetos, que em tempo de chuva, abundam naquelas regiões, mas também para evitar que os inimigos lancem flechas e isso seria inevitável, se as portas fossem grandes. Os seus pertences se reduzem a poucos vasos de terra cozida. Quanto ao terreno, em qualquer parte que vão, encontram tudo que necessitam e queiram cultivar, porque em sua maioria, o domínio da terra não tem limite e a propriedade é de quem ocupa. Eu falei do cultivo, mas entre

esses índios, existem muitíssimos que não semeiam e nem cultivam a terra, porque esse trabalho deixa-os muito cansados; nem se preocupam com os mantimentos necessários ao seu sustento no presente e no futuro e diga-se, que eles são muito vorazes, consomem tudo o que possuem em pouco tempo, vivem como se não tivessem que chegar ao dia seguinte. Eles se sustentam com a pesca, a caça, as frutas, o mel que as florestas fornecem a eles com prodigalidade e com as raízes e tubérculos que a mãe terra lhes presenteia. Nas matas existem muitos animais como o veado, o javali, e muitos outros e para isso sem esforço, fazem uma bela e farta refeição. Nos lagos, que são numerosos, existem grande quantidade de peixes muito grandes. E este é um dos motivos por que não se preocupam com a unidade do grupo, não são estáveis em suas moradias, precisam mudar para outros territórios, onde possam encontrar mais abundância de peixes, animais, e frutas selvagens e ali, a natureza é muito exuberante; mais que em outras províncias. A maioria desses povos plantam e cultivam o milho e a mandioca, da qual colhem a raiz e as índias fazem com o milho a polenta e com a mandioca fazem a chicha Isto, elas fazem de manhã, o restante do tempo os homens se dedicam aos jogos e divertimentos. Para virar a terra, eles ao Invés de usar o arado, usam uma pá feita com uma madeira bem dura e com esse instrumento, conseguem seus suprimentos, ainda que muito mais cansativo para seus braços. Esses selvícolas são geralmente de estatura alta e robustos, possuem grande agilidade e suas feições não são diferentes das dos europeus, a não ser pela cor, quase negra se pode distinguir rapidamente dos nossos. Sua barba é rala e começa aparecer bem mais tarde, quando adulto; eles deixam crescer os cabelos e os que conseguem deixá-los mais longos, são considerados os mais belos. Todos os demais conservam os cabelos desgrehados, porque não possuem pentes. A maior parte dos homens vivem nus, levando ao pescoço, ornamentos feitos com pedras que parecem esmeraldas e rubis. Nas festas e nas solenidades, usam uma faixa na cintura, feitas de penas de diversas cores e de aparência belíssima e na cabeça, colocam lindos penachos feitos com as mesmas penas coloridas. Em muitas tribos, as mulheres vestem uma camisola chamada tipoy e podem chegar até os joelhos e com as mangas até ao cotovelo. Estas indumentárias, como veremos, são usadas pelas índias cristãs. A agilidade do corpo é valorizada e muitíssima prezada. Todos eles são adestrados no manejo das armas, que consiste no aprendizado

em usar o arco e as flechas, para que desenvolvam técnicas de como lançá-las com pontaria. Isso eles conseguem com muita precisão, haja visto o grande número de caça que conseguem pegar animais e pássaros, em número que supera em muito os europeus com seus fuzis. Para caçar de perto, usam também clavas feitas de madeira, parecidas com estacas, pesadas e muito resistentes, pois são reforçadas e com as pontas agudas e cortantes. Encontramos também alguns povos que carregam escudos de madeira bastante grandes, usados nas guerras.

As guerras também acontecem com muita frequência entre os povos confinados (coisa muito comum entre os bárbaros da África) quer seja por afronta ou desgosto, sendo eles muito vingativos, seja para disputar uma peça de ferro, as quais apreciam muito, mais do que nós apreciamos a prata e o ouro, ou também para conquistar fama e prestígio de serem valentes. Grande coisa! Nós vemos que até entre cães, leões, lobos de uma mesma região, conseguem viver em paz entre eles e não brigam com os outros que vivem em outra região; ao mesmo tempo vemos os homens e não digo somente os bárbaros, indígenas, mas os cristãos também, fazerem guerras desapiedadas e contínuas entre eles, quase como se, a razão que Deus nos deu, servisse para sermos piores que as próprias feras. O que mais pode perturbar e horrorizar a mente dos europeus é saber que não são poucos esses índios e outros tantos que vivem livres nas matas, no Brasil, no Canadá e na América do Norte, que se alimentam de carne humana, que é a preferida dentre as outras, dos animais. E é por este motivo que sempre estão em guerra uns contra os outros, não tanto para conquistar um território melhor, mas principalmente para caçar homens e comê-los alegremente em seus banquetes, porque esta é a sua comida favorita; é por isso que os vemos sempre armados, prontos para guerrearem. Este é o máximo de sua bestialidade e ferocidade. Justiça seja feita, sem prejudicar a honra de um grande número de outros povos, que ainda são infiéis, sem o batismo, não têm esse bárbaro costume e possuem um gênio humano e pacífico, razão esta pela qual vivem tranquilos em seus territórios. Mas se esses forem constrangidos a fazerem guerras, não são menos bravos e valentes que os outros. Mas se capturam algum prisioneiro, longe de prejudicá-los, pelo contrário, incorporam-no em suas aldeias e consideram-no como da família ou amigo. Dão-lhe como esposa, suas próprias filhas, para animá-lo a viver em seu território. Quase todos esses indígenas são acostumados a comer

carne crua de animais, ou no máximo, malpassada no fogo; e isto é sinal, que possuem estômago forte e não de costumeira voracidade. É certo que não podemos dar uma ideia geral do comportamento e dos costumes das diversas tribos da América Meridional, por serem de grande variedade. Também a língua está sujeita a essa variedade e diversidade. Não encontramos nada que seja própria de uma grande região e também pela frequente mudança dos pequenos povos para outros, causando grande dificuldade aos missionários na expansão do cristianismo. Mas não erraremos em dizer que também aí, o mundo está dividido em bons e maus, isto é, que alguns têm inclinação para o bem e outros, para o mal, porque assim são formados pela natureza, ou são assim em consequência da educação recebida, ou do exemplo dos demais. Alguns desses indígenas são considerados como gente de curtíssimo entendimento, incapazes de entender matérias intelectuais e sutis. São de gênio inconstante e volúvel que, se hoje parecem fervorosos cristãos convertidos, amanhã todos fogem, voltando aos seus antigos ritos. Outros se apresentam como pessoas com temperamento vivo e fogoso, com facilidade de entender e raciocinar, são constantes, não inclinados ao mal e sentem os ditames da razão natural, obedientes aos chefes e pacientes nos trabalhos cansativos.

Sobre esses habitantes, escreve o já citado Bispo Bartolomeu de Las Casas, que os espanhóis encontraram em sua primeira expedição ao México, ao Peru e em várias ilhas americanas. Podemos acreditar que a civilização já tinha chegado até essa gente, pois encontraram uma espécie de império, com rei e uma corte, sistema esse que não fazia parte de seus costumes, ou pelo menos não se tem nenhuma pista concreta sobre essa organização entre os povos do Paraguai. Por isso torno a afirmar, que não é conveniente julgar da mesma maneira todos aqueles povos, pois corre-se o risco de igualar os costumes bons com os maus, de uma população, em que passa de pai para filho como herança e que se pode mudar, de acordo com a índole de cada um. Mas gente com grande sentido de selvageria e ignorância como os povos, supracitados, não sentem nenhum freio diante da lei divina ou humana. Não é de se estranhar, se alguns desses selvagens agem como não humanos. Ordinariamente, os jovens privados totalmente da educação, se entregam a dissolução e a impureza. Eles, habituados à caça e à pesca, encargos estes que encaravam como divertimento, não apreciavam o trabalho do campo. Todos se embriagam com licor, com chi-

cha e se por acaso recebem algumas garrafas de vinho, bebem então até perder a consciência das coisas, tornando-se todos dessa maneira alcoólatras. As festas, banquetes e danças, que fazem principalmente no tempo das chuvas ou outro qualquer motivo, como a chegada de amigos estrangeiros, duram pelo costume deles de dois a três dias e também durante a noite, onde a principal atividade, consiste em consumir aquela bebida deles e o fumo, obscurecendo o seu juízo, com as consequências que é de se esperar, no fim de tais festas, que geralmente terminam com rixas, brigas, feridos e até mortos.

Aos caciques, é permitido ter duas ou três mulheres ao mesmo tempo, ao passo que os demais índios só podem casar com uma; se esta mulher lhe causar aborrecimentos, ela é expulsa de casa e o homem então procura outra. Nenhum pai deixa a filha se casar, se o pretendente não mostrar primeiro suas qualidades, principalmente de bom caçador. O namorado vai caçar e mata uma quantidade grande de lebres ou outro tipo de caça, coloca toda a caça à porta da família da moça, para provar que é um homem valente e hábil e que merece sua filha como esposa.

Uma boa parte desses índios, dormem no chão, apenas sobre uma esteira. Não dormem em camas. Outros dormem num leito feito de paus unidos entre si, mas desiguais, sem se importarem com o desconforto desses leitos, mas a maioria costuma dormir em redes sustentadas por quatro paus, a qual, chamam de "hamaca". Ao anoitecer preparam seus parques alimentos e depois de comê-los se retiram para dormir, com exceção das jovens solteiras, que alegres se reúnem e dançam por duas ou três horas durante a noite.

Possuem uma espécie de flauta e gaita e ao som desses instrumentos, dançam e cantam. Os homens girando e revirando ao redor dos músicos, enquanto que as mulheres fazem a mesma coisa, girando mais afastadas, atrás dos homens.

A caça e a pesca são feitas por aqueles que cultivam a terra. Depois de terem colhido o milho, eles se dividem em grupos e vão para as matas, permanecendo de dois a três meses caçando porco do mato, bugio, ursos, cervos, cobras selvagens, tartarugas e outros animais e para que as carnes não se estraguem, costumam assar ou secar, de modo que fiquem duras como paus. No mês de agosto retornam, porque é a estação do plantio. As chuvas são frequentes de dezembro a maio, impedindo o comércio e o trabalho e em muitos lugares,

os terrenos são alagados, pois os rios saem de seus leitos e formam muitas lagoas, trazendo uma enorme quantidade de peixes de várias qualidades. Uma vez que as terras secam, eles começam a prepará-la para suas culturas.

Não podemos omitir um fato curioso, observado no ano de 1591, pelos missionários da Companhia de Jesus entre os habitantes italianos, como consta em suas cartas impressas em Nápoles, no ano de 1604. Nestes últimos tempos, os ingleses usavam um tipo de corneta chamada falante, para se comunicarem à distância, como de um navio a um outro muito distante e conseguiam se entender. Uns por divertimento ou por necessidade usavam-na também em terra. Muito antes, no final do ano de 1591, os italianos usavam esse tipo de corneta. O fato curioso é que esses indígenas já usavam esse método para se comunicarem a distância e ainda usavam códigos para comunicações secretas. Eis as palavras dos Jesuítas: "Mediante cornetas e túbias, nas quais se assopram de um modo convencionado, comunicam-se o que querem e são ouvidos à distância, como se falassem com voz clara. E todavia, tais comunicações não eram compreendidas pelos outros que falavam a mesma língua, mas que não conheciam o código (*"Tubis tibusque certa inflatis ratione, ita quod volunt significant, ut et longe audiantur et perinde ac si expressis vocibus loquerentur, entelligentur. Neque tamen ab iis, qui eorum linguam norunt, quae, significantur, percipiuntur nisi apud eod versati sint"*)).

CAPÍTULO V

A Religião dos Bárbaros Indígenas

E falando de religião, no mundo são poucas as nações, mesmo sem cultura e bárbaras que não reconhecem alguma divindade. No entanto sabe que a maioria dos países americanos não cultuam nenhum Deus e nem mesmo demônios; ainda que acreditem nele ou o temam. Contudo consideram suas almas imortais, pois, nos parece que colocam nas sepulturas dos defuntos, comida, arco e flechas, para que na outra vida possam garantir seu sustento com o trabalho de suas próprias mãos e para que não desejem voltar para esta terra por causa da fome. Essa crença é o primeiro passo para introduzir os conceitos da existência de um Deus e da verdadeira religião. Isso eles não conhecem, não indagam e também não sabem para onde vão as almas depois da morte.

Como o conceito de mãe, honram somente a lua, mas sem nenhum culto; quando ocorre eclipse da lua, correm para fora de suas casas e gritando alto com voz amedrontada e arremessando aos ares uma grande chuva de flechas, como se quisessem defendê-la da fúria dos cães, lá do céu que estão mordendo, fazendo derramar o sangue de todo o seu corpo, segundo eles é a causa do eclipse. (Colombo, reuniu muitos índios e lhes disse que se cuidassem, caso não dessem comida aos cristãos, estaria prestes a cair sobre eles, uma grande peste que os destruiriam completamente e como prova disso, um sinal seria dado na lua tal dia (e disse qual era o dia) e em tal hora poderiam ver a lua ensanguentada, isso porque era um bom astrólogo, sabia que haveria um eclipse. (Fernandez de Oviedo; História Geral e Natural dos índios, livro IX). E até que dura o eclipse continuam nesse comportamento e só desistem quando a lua volta ao seu primitivo esplendor. Diversos povos da Ásia e não só os bárbaros, mas também os cultos civilizados costumam prestar o mesmo ridículo socorro ao planeta eclipsado. Assim também o trovão e o relâmpago costumam assustar esses indígenas americanos, crendo que o espírito de algum defunto paira sobre eles, mas não temos notícias de que algum raio tivesse caído e matado alguma pessoa.

São muito supersticiosos e acreditam nos acontecimentos futuros, como a influência boa ou má que vem das estrelas. Não conhecem a astrologia e nem observam o movimento dos planetas. Mas se cuidam dos vãos presságios, como o canto das aves, a voz dos animais, a cor das árvores e predizem ora uma ora outra desgraça. E imaginando que através desses presságios vão chegar aos mamelucos (paulistas), decididos a torná-los escravos, ficam pálidos e tremendo como se o céu fosse desabar sobre eles, abandonam o território ou a vida e correm para as matas e se escondem, separam os pais dos filhos, os maridos das mulheres esquecendo-se da união de sangue, da Pátria e do afeto.

Alguns povos fazem exceção à regra, pois dito pelos missionários, adoram o demônio e existem entre eles os sacerdotes, chamados "maponi". Isso se verifica principalmente entre os povos Manacicos, que habitam as margens do grande lago dos Xarayes, povos numerosíssimos de diferentes línguas e divididos em diversos sítios ou vilas, populações ou reuniões chamadas pelos espanhóis "rancherias" e muito semelhantes aos diversos povos bárbaros da América Meridional.

Estes povos de certa forma, são civilizados, pois possuem um forma de governo civil e também uma espécie de arquitetura na construção de suas casas, que são todas feitas de madeira. Em suas vilas vemos casas com estradas e praças, proporcionalmente distribuídas. Lá existem três ou quatro casas, divididas em quartos e salas, nas quais moram o cacique e os comandantes. Nelas fazem as funções públicas e as reuniões solenes e são usadas também como templos para seus deuses. Do mesmo estilo são construídas outras casas, nas quais se hospedam os estrangeiros que vão visitá-los. O que mais nos chama a atenção, é fato de que para construírem tais casas, eles possuem só uma espécie de machado de pedra dura e em forma de cunha, com a qual cortam madeira grossa, apesar da dificuldade e do grande cansaço.

As mulheres se ocupam em fazer telas, tecidos, utensílios de barro, os quais ficam lindos, delicados e resistentes, que ao tocá-los produzem um som parecido com metal.

As populações vivem perto umas das outras e frequentemente há entre eles a comunicação, os convites para festas, com as bebedeiras e danças em geral.

Aqui somente o cacique manda, como um príncipe e cada povo lhe oferece vassalos e servidores, fabricando-lhe as casas, cultivando suas terras e fornecendo à sua mesa o que há de bom e melhor no povoado. Ele governa e só castiga com rigor os réus, dando-lhes pauladas que chegam a quebrar os ossos. O povo paga ao cacique o décimo de sua caça e pesca, e não vão caçar nem pescar sem antes pedir sua permissão. Também o sexo feminino deve obedecer primeiro à esposa do cacique, já que lhe é permitido ter várias mulheres, quantas ele quiser. A forma principesca desse governo se afirma no fato de que a sucessão se faz de pai para filho, do cacique ao primogênito, ao qual quando chega a idade competente para governar as coisas públicas, o pai lhe dá a investidura e a posse do governo com muitas cerimônias, sem perder até que viva o amor e o respeito dos vassalos.

A falsa religião desses vários povos que conheci sob o nome de Manacicos parece assemelhar-se de qualquer modo à verdadeira, pois contada pelos seus antepassados, como tradição, acreditam que uma belíssima Senhora, sem a intervenção do homem tinha concebido um belíssimo filho, o qual após ter crescido realizou grandes milagres no mundo até que um dia sob os olhares de uma grande multidão de seguidores se elevou nos ares, transformando-se no Sol que hoje olhamos. Por isso seus sacerdotes fazem os povos acreditar que o Sol é um homem luminoso, do qual nós, daqui da terra, não conseguimos distinguir suas feições. Eles não adoram somente o Sol. Eles têm três divindades principais e uma deusa que é a mulher do primeiro e mãe do deus "Urasana" que é o segundo. Na sala da casa do cacique que funciona também como templo, acreditam em tudo o que os missionários contam; estes deuses ou demônios aparecem visivelmente ao povo reunido com formas monstruosas, durante as festas com bebidas e danças. Na sua aparição eles explodem em altos gritos de alegria, dando deste modo as boas-vindas a essas divindades, e estar com toda a cortesia os exortam a comer e beber, pois com isso lhes dá grande satisfação. Depois prometem generosamente, abundante caça e pesca e todos os bens que já prepararam para eles. Ainda como bons amigos, pedem também eles para beber e esvaziam alegremente as taças. Mas o mais provável é de supor que isso seja manipulação do seu feiticeiro ou do próprio sacerdote, porque uma parte da sala está fechada com um cortinado como se fosse a "*sancta sanctorum*" (lugar sagrado onde só podiam entrar sacerdotes), onde ninguém podia pôr os pés ou

olhar, a não ser o feiticeiro o qual, assim como fazemos com as nossas comédias, deve saber fazer desaparecer do sacrário algumas pessoas de confiança, com rosto e vestes estranhas, fazendo crer a esta gente estulta que são divindades descidas do céu. Algumas vezes o feiticeiro se colocava atrás daquele pano e com voz alta que todos pudessem ouvir apresenta dúvidas ou perguntas em nome do povo, depois saindo, dá ao povo as respostas recebidas das divindades ou da divina majestade, principalmente a boa sorte. Mas aí daquele, como acontece às vezes, que risse ao ouvir tantas mentiras prometidas, dizendo: "Os deuses beberam demais"; o feiticeiro sai furioso do tabernáculo, ameaça de morte, tempestade e raios e com isso o obriga a carne. Muitas vezes estes sacerdotes impostores estimulam o povo a assaltar as populações vizinhas, a roubalheira e o massacre; apesar disso alguns tomam consciência de terem sido iludidos, vencidos e espancados pelos vizinhos continuam acreditando neles e ainda oferecem àquelas divindades falsas parte de sua caça e pesca.

Eles acreditam que o feiticeiro voe para o céu, de onde retorna à terra, dormindo nos braços da deusa Cemposi, a qual canta com belas melodias várias canções, mas sem jamais deixar ver porque está retido no tabernáculo. Então o povo rompe em clamores de grande alegria dando a ela boas-vindas com títulos de grande afeto e reverência aos quais também ela corresponde com grande cortesia, chamando-os de seus filhos e dizendo a eles que ela é sua verdadeira mãe e que os defende da ira dos deuses que são cruéis, e por esse motivo a invocam muitas vezes nas necessidades e nas calamidades. Tudo isso eu repito é para nos convenceremos da trapaça desses infelizes feiticeiros, os quais, graças a esses acontecimentos são temidos e respeitados como os caciques, recebendo também a décima parte da caça e da colheita.

Esses povos também acreditam na imortalidade das almas, acreditando que elas são levadas pelos sacerdotes ao céu para viverem eternamente na glória. Para prestar serviço semelhante àquelas pobres almas, o feiticeiro não tem dificuldade em tomar o caminho que leva ao Paraíso. O país por onde ele passa é cheio de selvas, montanhas e vales, onde correm muitos rios profundos e um deles, o maior de todos, chega-se até ele, depois de vários dias de viagem e o atravessam por uma ponte de madeira, cuja guarda está a cargo de um deus chamado "Tatutiso", semelhante em tudo com Caronte, cuja tarefa é de purificar as almas de suas imundícies. Dali as almas chegam finalmen-

te a um paraíso que é bem pobre de satisfação, enquanto não houver aí, mel e peixe, com os quais as almas dos índios se mantém. Todas essas viagens feitas pelos sacerdotes impostores e outras mentiras, encontram crédito naqueles povos imersos nas trevas da simplicidade e da ignorância.

Encontramos outros povos, em que seus sacerdotes não exercem ao mesmo tempo também o serviço de médico. Para chegar a esse estágio é necessário ter combatido muitas vezes as feras selvagens e principalmente contra o tigre, trazendo algum sinal de ter sido mordido ou ao menos arranhado, sendo isso sinal seguro de ter superado ileso aquelas batalhas. Depois desses e de diversos lugares, os caciques e os capitães são chamados para curar os enfermos, sem saberem usar aqueles remédios, a não ser dois muito extravagantes. O primeiro consiste em sugar, ou chupar o mal, perguntando primeiro ao doente onde tem andado nos dias anteriores e se por acaso tem derramado chicha, a sua amada bebida, na terra e isso é um grande pecado e se jogou aos cães algum pedaço de carne de veado, de tartaruga ou de qualquer outro animal. E se isso ocorreu é esta a razão do mal; entrou no corpo do doente e o atormenta. Por fim, se coloca a chupar a parte doente, dando fortes golpes com o bastão ao redor do doente para espantar aquela alma e fazê-la fugir. Este infeliz permanece como estava e se a natureza não ajudar a curá-lo, se implanta nele a força do mal.

Os missionários julgam que uma grande parte daqueles doentes morrem mais de fome, do que de doença que foram acometidos. Não tendo sequer, um punhado de milho para comer, isto é, grãos malcozidos e que eles não podem ou não querem comer, a não sei que os familiares não percebam, enquanto o médico come a galinha, e outros saborosos alimentos bem nas barbas do aflito paciente. O outro remédio cruel e próprio de gente bárbara, nascia da convicção de que o mal viesse de qualquer mulher e então se o médico quisesse se vingar de alguma, era suficiente para que os seus pacientes a matassem, mesmo sabendo de que nada adiantava, tal receita assim louca e não ajudava em nada para a cura, com sua estulta imaginação fixada na crença que os males viessem de causas externas dos homens. E quando eles viram os missionários curá-los com chás e purgantes, à primeira vista lhes parecia uma bestialidade, mas provando muitas vezes a melhora com estes cuidados, aprenderam a conhecer os enganos e as bobagens dos seus antigos médicos.

CAPÍTULO VI

Os motivos pelos quais os índios declaram tanta inimizade no confronto com os espanhóis.

Desse vastíssimo país, o que apresentei até agora, foi apenas um esboço e poderá parecer aos leitores que ele é uma parte do mundo muito triste, principalmente para aqueles que conhecem as belezas e os encantos encontrados nas índias Orientais e que vão compará-las com as terras do México, do Peru, e do Chile e tantas ilhas lindas dessa mesma América, que estão hoje nas mãos dos monarcas europeus.

As selvas intermináveis causam horror. As estradas desastrosas, o grande número de feras, de serpentes e ainda a extrema miséria, pobreza e o hábito demasiado selvagem, cruel de sempre estar em guerra, desses inúmeros e diferentes povos, que vivem sem leis e nenhum freio para as suas paixões. E necessário dizer que se fosse habitado e cultivado pelos civilizados, esse continente se tornaria um belo jardim e se a agricultura e as demais artes fossem introduzidas, ele se tornaria tão organizado e importante como qualquer país da Europa. O clima é bom e a maior parte dessas terras poderiam muito bem competirem com as da Europa. Francisco Corsel, afirma em seus escritos (*Voyage aux Indes Occidentales 1667*1697) que não se pode imaginar, nem ver, lugar mais belo que os arredores de Buenos Aires, cidade espanhola situada na foz do Rio da Prata, ou seja no grande Rio Paraguai. Ali é um paraíso, repleto de excelentes árvores frutíferas, pastagens imensas onde encontramos bois, vacas aos milhares. A bondade do ar deu o nome à mesma cidade. Em uma das suas cartas o Pe. Cattaneo escreve que um só nobre espanhol, na sua comenda de trinta ou trinta e cinco milhas de extensão, possuía aproximadamente trinta mil cabeças de gado bovino, grandes e gordos. O alimento deles nada custa pois vivem livres nas campanhas, pastando naqueles fertilíssimos campos, de modo que um robusto e bem desenvolvido boi, jovem, não se paga mais de seis Julios Romanos e a esse mesmo preço vendem aqui aos passageiros e a quantia que quiserem.

Não podemos acreditar que se possa obter tanta riqueza em todas as partes do Paraguai, seja pela diversidade das terras e dos lugares, e pela menor abundância ou escassez d'água. Muitos desses países

assumiriam um outro aspecto, se entrasse a indústria como na Europa. A variedade de árvores, o maracujá e os diversos chás da Europa e da Ásia se adaptariam muito bem nesse clima. Outro trabalho seria eliminar as feras e outros animais nocivos. Nesses países não encontramos somente maravilhas, vemos solidão imensa, os desertos, a erosão, o abandono, porque pelo caráter próprio do índio, continuam guerreando com os espanhóis e estes aniquilando os povos indígenas e quase ninguém como aludimos antes, ousam habitar essas terras e cultivá-las, por causa das contínuas incursões dos bárbaros. Outros fatos se acrescentam, é que os próprios espanhóis não tinham e nem se preocupam em desenvolver essas regiões da América Meridional, onde estão estabelecidas e ainda, se as árvores e frutas da Europa não existem, é porque ninguém se preocupou em plantá-las. É uma grande indolência, a falta de vontade de trabalhar da maioria dos indígenas americanos e isso também se observa em alguns povos da África. Podemos dizer agora, pois é chegado o momento de explicar por que tudo isso não foi feito e também porque os espanhóis que possuem o domínio de um país tão imenso, não se preocupam em propagar a religião de Cristo.

Cada um sabe que a maneira usada pelos espanhóis, que aqui chegaram foi, a força, a espada, o mosquete e o canhão (Citamos Oviedo "Se pode duvidar que para o Senhor, as pólvoras disparadas contra os infiéis era como fumaça de incenso) raios, desconhecidos para aquelas nações e experiências mortais para esses mesmos índios.

Já alertamos que não foram somente milhares, mas milhões desses infelizes indígenas, que foram mortos pela crueldade dos conquistadores, que não importam os seus motivos, não são dignos do cristianismo e nem da generosidade espanhola. Os demais índios que sobreviveram, foram oprimidos e submetidos à escravidão, obrigados a executarem serviços pesados, confinados nas minas, infligidos com maus tratos. Nas outras nações, as quais não estavam subjugadas, mas estavam sim, cheias de um ódio implacável pelo domínio dos estrangeiros, que fez florar uma justa indignação e uma inacreditável revolta, colocando esses índios em confronto com o povo espanhol. Ódio que ainda perdura e agora com mais força, porque o tempo passou e a crueldade continua, apesar das ordens expressas e as belas regras, prescritas pelos piedosos reis da Espanha, sendo a atitude dos conquistadores, contrária aos bons costumes de muitos espanhóis e do Evangelho. Tudo por causa da cega avareza e a bestial cobiça humana.

Por isso as tribos indígenas transferiram o ódio que tinham dos espanhóis para a nossa Santa Religião, pois não podiam acreditar que esse Deus e suas leis fossem bons, visto que seus seguidores praticavam tanta iniquidade e pareciam inimigos do gênero humano.

Os espanhóis queriam expandir o seu domínio, até o lado das altas montanhas do Chile e do Peru, em direção aos territórios mediterrâneos do Paraguai, mas não possuíam outro meio, senão o da crueldade e da violência. Violência essa que lhes custa caro, pois os índios ainda lutam pela sua liberdade. Ficam nas tocaias e destroem tudo que podem nas cidades fundadas pelos espanhóis, inclusive as suas populações. Estes estragos são gravíssimos para a própria monarquia espanhola e obviamente, também um obstáculo para a propagação do Evangelho.

Temos uma relação das conquistas feitas pelos moscovitas, ou melhor, pelos russos, nas vastas regiões dos países da Somália e da Sibéria, províncias que se estendem até os confins da Tartária, sob o domínio da China. Isto aconteceu, sob o poder do imperador russo Fedor Ivanowitz, (czar da Rússia nos anos 1584-1598) filho de Ivan, o Terrível. Os russos foram amáveis e deram muitos presentes àqueles povos, que voluntariamente se colocaram inteiramente sob o seu domínio, de modo que, sem dificuldades, fundaram cidades, fortes, igrejas, as quais, hoje são as mais florescentes e se os chefes moscovitas, realmente se interessassem em pregar o Evangelho, é certo que entre aqueles selvagens, não haveria mais vestígios de idolatria. Assim escreve o autor desta "Relação": "Aprovava Deus, que os espanhóis, ao invés da crueldade que praticaram na América, tivessem procurado ganhar com a mesma doçura, esses povos. Poderiam ter chegado a eles e ter estendido suas conquistas em comprimento e largura, como eu mesmo pude constatar numa viagem que fiz para lá; a sua tirania os tornam abomináveis, pois submetem e subjagam pessoas pela força. Os moscovitas sabem muito bem nos dizer, pois têm a experiência, que os ensinou que, para estabelecer um novo domínio e civilizar os povos selvagens, é necessário tratá-los com humanidade."

Esta virtude, os espanhóis deveriam aprender, pois vão às índias, sem nenhum outro fim, a não ser, enriquecer de qualquer modo; eles pensam que nasceram só para mandar e chegam a desonrar o trabalho de suas mãos, valendo-se em muitos lugares, somente de escravos ou de estrangeiros, para trabalhar na agricultura e mais ainda,

procuram fazer valer os seus privilégios, em prejuízo daqueles pobres habitantes.

Eu tomo a liberdade de repetir que, sobre o Tratado de Tucuman, o Rio do Prata, Paraguai, Uruguai, Paraná, etc., nomeio, como sendo um só, com o nome de Paraguai (este vasto território, está agora dividido em Brasil, Argentina e Paraguai) e que aí, os espanhóis só fundaram doze cidades e algumas vilas, com pequeno número de habitantes e distantes centenas de milhas umas das outras. Nas mesmas cidades, existem os distritos com populações menores, os quais são chamados de "rancheiros", que cuidam das plantações e dos animais, que são as suas únicas fontes de renda.

Desde o princípio da conquista, os reis católicos distribuíam, aos conquistadores espanhóis e aos seus descendentes que mais se destacavam nas guerras, as encomendas, ou os feudos, que não se constituíam apenas de terras, mas de seus habitantes também, ou seja, os índios, que ali viviam, ou que foram trazidos de outros lugares, a fim de que pudessem gozar como prêmio por seus serviços, até a segunda geração, com todas as obrigações contidas nas normas e leis das índias. (A Encomenda, instituída em 1512 - Lei dos Burgos - consistia em uma concessão aos espanhóis, com obrigação nos territórios, como contrapartida dessas obrigações e prestações de serviços, deviam providenciar o ensino do Evangelho e a proteção dos povos indígenas.). Em 1542 com as leis novas (inspirado em Bartolomeu de Las Casas), se acrescentou às encomendas por duas pessoas, e estabelecia que o benefício poderia ser desfrutado somente por duas gerações, depois retornaria à Coroa. Esse costume dura até agora, até a segunda geração e depois volta para a Coroa Real e os rendimentos das terras, continuam ainda por algum tempo e depois passam elas também à Coroa. Os governadores têm o poder de passar essas rendas para outras famílias beneméritas, para que todas possam desfrutar sucessivamente desses benefícios e das recompensas reais. Esses comendatários, não possuem nenhum direito militar ou civil, tendo somente o direito de recolher de cada um dos habitantes, quando chegada a idade de 18 anos até 50 anos, de cinco a oito medidas, como tributo anual, prescrito pela lei. O comendatário, deve dar um quinto desse valor à paróquia, para que possa se manter e atender o serviço espiritual da alma de sua comenda. O restante, de guarda para si, mas com a obrigação de assistir aos habitantes, em suas enfermidades e providenciar, para que não falte a eles o necessário sustento e a boa administração.

Se para alguém podem parecer muito pesados, esses impostos, está de acordo com a bondade e a prudência dos regulamentos estabelecidos pelos monarcas da Espanha, podemos considerá-los leves, em comparação com os tributos que pagam muitos países da Europa. O mal é que, essas sábias leis dos monarcas, não são observadas na sua maioria. Cada um deles, rouba do rei e o que ainda é pior, exploram os outros, além dos pesados tributos cobrados, cometem algumas injustiças, que reduzem à miséria e arruinam aquela pobre gente. São muitos os que estão à frente dos povos. Na parte espiritual, temos o bispo, o vigário, os seminaristas, as coroinhas, os sacristãos e outros patrões particulares, aos quais voluntariamente se submetem os trabalhadores para a diária; também estão na fila, os oficiais reais, que reclamam os direitos à sua majestade e enfim, os protetores que assistem nos tribunais a defesa dos pobres, sem o qual todos os atos dos índios seriam nulos. Se cada um desses se mantivesse dentro do limite do seu dever, como uma partitura de música, o governo dos índios, seja no campo espiritual, como no temporal, seria um belo concerto.

Sabemos que os bispos, os governadores e os principais ministros eram corretos e justos, mas também há possibilidade de que havendo um grande número de oficiais subalternos, se deixassem levar pelo interesse, cometendo grandes tiranias e injustiças, principalmente nesses países, onde, como já disse, a maior parte, preocupa-se somente em encher os próprios bolsos, com meios, seja lícito ou ilícito.

A causa de tanta avidez desenfreada, é responsável pelas intoleráveis desordens e é também a causa, pela qual, a fé cristã e o domínio temporal do rei, não terem sido implantados; tais desordens, são quase sempre irremediáveis. Ocorrem em países muito distantes dos olhos do patrão real e dos ministros, que estão ao lado do rei. Tornam-se incapazes de aplicar o remédio, segundo o seu zelo, devendo eles se orientarem, segundo a relação dos próprios interessados, sem saber se as ordens reais foram ou não obedecidas, recomendações que realmente causam o bem, daqueles povos tão distantes.

O meio mais comum e familiar que os europeus e os espanhóis, usavam, para acumular bens ou tesouros, consistia nos serviços e trabalhos dos súditos indígenas, tratados não como homens, mas como animais de carga, não se preocupando da máxima que diz: Convém tirar a lã, mas não a pele das pobres ovelhas. É deplorável, como aqueles míseros são mais oprimidos do que os mesmos escravos ne-

gros; e estes, porque foram comprados da África, são considerados mercadoria e objetos de propriedade de quem pode tê-los, ao passo que os índios sendo pessoas emprestadas ao rei, podem, de um dia para outro passar de donos. Os espanhóis de fato, se não são, se tornam gentis, logo que chegam na América. Estudando o modo de tirar o mais depressa possível, daqueles infelizes e daquelas pobres famílias, o fruto mais copioso que lhe seja possível, desfrutando sem moderação e mesmo com dano na sua saúde e em sua própria vida. A consequência dessa desumanidade, é a morte de muitos deles, causada pelo excessivo trabalho, ou para libertarem de tão cruel escravidão, ou para se libertarem, fogem para as matas distantes vivendo com os índios livres, tornando-se assassinos de estrada, mantendo guerras contínuas contra os espanhóis e chamando a religião cristã, de religião do diabo. Desse modo, paulatinamente as populações mais numerosas e as famílias se destroem, com evidente prejuízo para a Coroa.

Não menos lamentável, é o descrédito causado à religião, ainda que abraçada pelos índios, não frutifica ou se torna nula, com a perda de tanta gente. Estes infelizes, estando continuamente ocupados no cultivo das terras e morando em regiões muito distante de Igrejas, não podem frequentar a missa, nem aproximar-se dos sacramentos, nem frequentar o Ensino Religioso dos párocos, e nem mesmo os conhecem. Desta desgraça, participam outras pessoas, Naquelas longínquas terras, também a serviço dos espanhóis, os negros, os moros, todos geralmente escravos, os mestiços, isto é, nascidos de pais espanhóis com mulher índia e vice-versa, os mulatos nascidos de pais negros com mulheres índias. Certamente os padres da Companhia de Jesus, não deixam de todos os anos, percorrer com caridade e zelo indescritíveis, aquela região das províncias, construindo missões, administrando os sacramentos e pregando a palavra de Deus; e enfrentando toda espécie de sofrimento e canseiras, pela grande distância e dificuldade nas viagens e dando àquela mísera gente, presentes e auxílio. Mas dessas apostólicas missões, o número de pessoas, é muito pouco em vista de uma messe tão grande. Estes indefesos operários da vinha do senhor, não têm mais de oito ou dez colégios, nas poucas cidades dispersas pelas vastas regiões daquelas províncias. Em algumas dessas cidades, encontram-se apenas, seis sacerdotes, que devem se ocupar também, com os espanhóis que moram na mesma cidade. O colégio de Córdoba, na província de Tucuman, é o mais florescente e numeroso. Tem

o noviciado e a Universidade, e consegue com muita dificuldade, satisfazer às necessidades. Com uma população de seiscentos e setenta habitantes, que são dependentes do governo dessas cidades e alguns desses, estão distantes até mil e oitocentas milhas.

A escandalosa vida dos cristãos, não traz nenhum impedimento pura a conversão dos índios. É verdade que a piedade é um dos valores e com razão pode-se gloriar a nação espanhola, mas dos espanhóis que viajam para a América, bem poucos brilham pelo exemplo dos costumes e que lá apontam, para se tornarem santos. Outros, que há mais tempo se encontram nas cidades americanas, não honram como deveriam, a nobre religião de Cristo. Não apresentarei aqui tudo quanto se fala a respeito dos costumes, trazendo de novo, as penas, os castigos, ora apaixonantes, ora mentirosos de alguns viajantes, mas o que nos contam e afirmam os missionários e os livros impressos na mesma cidade, de Madrid. Também é verdade que entre os dominadores espanhóis na América, se encontram pessoas verdadeiramente piedosas e exemplares, mas também existem aquelas, que se deixam encantar pela corrupção dos costumes, pelo interesse, pelo luxo excessivo e de muitas comodidades e delícias, de modo que, no exterior parece que Deus é bem servido. Na realidade, menos do que nos outros países da cristandade, vem sendo observado tudo quanto é mandado por ele. De um lado, a ignorância, e do outro, a injustiça, o orgulho, a sede do ouro, a incontinência e outras mazelas, deformam o rastro da Santa Religião. No entanto, as próprias cidades cristãs fazem comércio com os segregados gentios, durante a paz. Eles possuem uma maneira desagrada de viver, maltratando os pobres índios e desmentindo com os fatos, a religião que professam com palavras e isso acontece com aqueles que, mais que os outros, são chamados a dar bom exemplo, porque pregam isso com palavras. Enquanto os missionários Jesuítas e os religiosos e também o próprio testemunho de hereges, unem à doutrina, à pureza dos costumes e se esforçam para explicar, ensinar e pregar aos indígenas, a fé em Jesus Cristo, eles se dão conta de que estão falando para surdos e se por acaso conseguem ganhar alguns deles para a religião, rapidamente os perdem, por causa do péssimo exemplo dado pelos velhos cristãos. É ensinado a eles a nossa religião e a lei permite uma só mulher, e que esta lei é mestra da caridade e da humildade de desapareço das coisas terrenas e outras verdades; os índios recordam aos missionários, a vida libertina que eles observam

nas cidades ditas cristãs e os tomam como mentirosos, rindo-se da incoerência, de modo que o trabalho daqueles fervorosos ministros de Cristo, vai tudo por terra. A experiência feita, fez com que os padres da Companhia, percebessem que nada poderiam fazer, ou tirar proveito, com o trabalho dos índios, que conhecendo os espanhóis, conviveram com eles e que seria necessário direcionar seu trabalho para outros índios, que estão longe das cidades e do comércio dos europeus. Solução esta tomada e realmente foi feito um trabalho bem-sucedido. Mas não podemos esquecer e deplorar a estranha mudança tida. Nos primeiros séculos da igreja, os dominadores pagãos, atolados totalmente nos vícios, vendo a compostura, o amor fraterno, e o aborrecimento contra as más ações e tantas outras virtudes dos cristãos, por isso essa pobre gente era tocada pelo sentimento e convencida pela bela moral pregada pelo evangelho e praticada pelos seus seguidores, davam um pontapé em seus ídolos e abraçavam a santíssima fé. Hoje somos obrigados a ver um quadro totalmente contrário, os nossos costumes e convicções desmentem essa religião pregada e que é a mesma dos primeiros séculos, dando agora pretexto para renegá-la ou aborrecê-la, pois esses índios vivem unicamente do exemplo e que por fim o tomam como prejuízo para essa Santa Lei, só por culpa de alguns.

Um outro efeito pernicioso produzido, foram as violências usadas pelos espanhóis contra esses índios selvagens e agora suportam de seus vizinhos, muitos insultos e zombarias sem ter coragem de castigá-los, preferindo usar a paciência, antes de romper com eles. Porque se eles chegam a romper, os índios começam a assaltar as estradas, devastar as campanhas e colocar as cidades em pânico, visto já terem destruído três vezes, sem que os espanhóis conseguissem dominá-los, sem nem sequer, poderem se defender deles. Pode-se ler nas Memórias do Padre Aquilar escritas em 1735 e do qual, falarei em breve, que alguns índios, irritados com os espanhóis, atacam continuamente as cidades da província de Tucuman, de tal maneira, que não se pode arriscar, pois aquelas estradas que levam para o Peru, são muito perigosas e em poucos anos, nessas partes, são contínuas as mortes e aprisionamento dos cristãos e as populações foram obrigadas a deixar esta vasta região de terras férteis, deixando as cidades desertas. Os índios bloquearam as cidades, tornando-se perigosas as saídas das casas, depois de terem matado muitas famílias. A angústia era grande e tanta, que ninguém ousava sair à noite, nem das suas

próprias casas, sem perigo de caírem nas mãos dos selvagens inimigos. Eis o fruto da violência, do orgulho e do cego interesse, meios demais impróprios e antes contrários aos fins, para os quais se quer ganhar ou conservar povos acostumados à liberdade. Consequência disso, pode-se constatar o grande vazio que centenas de milhas, entre Buenos Aires, Córdoba, Santa Fé, ainda permanecem habitados somente por povos selvagens e permanecem inimigos uns dos outros. No entanto aquelas campanhas, servindo agora de pastagem a um grande número de bois, cavalos selvagens sem dono, nos indicam qual a recompensa que estaria em condição de dar, se fossem bem cultivadas e se estivessem em paz.

CAPÍTULO VII

Os obstáculos postos pelos espanhóis e pelos mamelucos do Brasil, que impediram a conversão dos infieis do Paraguai

Eu não quero prosseguir, sem antes tornar público outras duas desgraças dos índios, habitantes da América Meridional, causadas, não pela brutalidade dos bárbaros desumanos e comedores de carne humana, mas pelos próprios cristãos. Muitos espanhóis, habitantes das terras que estão do lado das montanhas do Peru, no continente e especialmente aquelas de Santa Fé de La Sierra, já tinham introduzido a semelhança das campanhas dos mercadores. Eles entravam armados, nas terras habitadas pelos índios, fazendo escaramuças por centenas de milhas, como se fossem caçar lebres, porcos do mato, cervos e outros animais selvagens, assim iam à caça desses pobres infelizes índios, não paia matá-los, mas para prendê-los e fazê-los escravos. Se não conseguissem caça suficiente, de improviso voltavam sua fúria contra as populações dos índios circunvizinhos, ainda que estivessem em paz com eles e matando com as armas, quem se opunha, ou ainda queimando-os vivos em suas cabanas, prendendo todos os restantes daquelas famílias. Nunca faltava aos dominadores espanhóis, protestos de terem recebido injúrias, para poderem proceder com os bárbaros atentados. Eles faziam daquela pobre gente, uns animais ou feras, vendendo a mãe com seu filho, como se fosse uma ovelha com seu cordeiro. E saindo daqueles lugares Infelizes, essa turma de canalhas levavam essa detestável mercadoria e vendiam por um preço mais alto, amontoando cada ano, o seu lucro a milhares de escudos (entre 1612 e 1639, os mamelucos, capturam nos territórios espanhóis mais de trezentos mil índios - comunicação do governador de Buenos Aires ao Rei da Espanha em 1630).

No entanto, os outros bons espanhóis, ao verem aqueles povos oprimidos e destruídos pelos insaciáveis interesses, provocava neles piedade e ao mesmo tempo, a religião nas índias tornava-se abominável. Mas ninguém ousava ir contra eles com coragem e franqueza, para combater tais iniquidades, para não cair sobre si, a inimizade daqueles

poderosos mercadores. Além disso, quando o Pe. José Arcé, Jesuíta fundador das missões na Venezuela, muito caridoso, propôs ir trabalhar e levar a doutrina de Cristo às populações dos Chiquitos, aqueles mercadores, ao saberem o que estava ocorrendo, perceberam que estariam falidos em seus negócios e colocaram mil obstáculos, para que o padre não realizasse seu desejo. Todavia, foram em vão todas as tentativas, porque o intrépido servo de Deus, apesar de tudo, iniciou sua viagem para as lidas apostólicas, que foram muito proveitosas; mas nem assim, aqueles escravos da ganância humana, deixaram de continuar seu infame trabalho, até que os missionários, para defender os seus caros neófitos e os demais índios, levaram corajosamente suas queixas ao Tribunal Real de Chiuchisaca, (esse Tribunal Real, era uma alta corte de justiça, que para o Paraguai, era o de Charcas, com sede na cidade de Chuquisaca, hoje Sucre na Bolívia) para que se tomassem providências contra aquela crueldade tão ímpia. Aconteceu que, uma pessoa de grande autoridade e prestígio, se levantou protegendo o iníquo tráfico e o magistrado, não se arriscou em tomar alguma resolução, remetendo a causa ao príncipe de Santo Buono, napolitano, que depois do ano de 1710, foi convidado pela Corte da Espanha, a ser Vice-Rei e Capitão Geral do Peru. Apenas, esse sapientíssimo senhor, de cuja piedade e honradez, posso eu dar ótimas referências, pois o conheci em Bolonha. Somente ele soube compreender a monstruosa desordem e com generosidade cristã, emanou um rigoroso decreto, proibindo a qualquer um, sob pena de exílio e confisco dos bens, arrendar ou comprar, daquele momento em diante, qualquer índio e condenando também, qualquer governador, que o tivesse permitido, privando-o do seu ofício e além disso, deveria pagar doze mil pesos e treze reais por cada um, vendido ou comprado. Assim cessou, para felicidade e aplauso dos bons espanhóis, aquela detestável violência e aquele mercado humano; e é necessário crer, que até agora vem sendo obedecido tal decreto, assim justo e louvável.

Essa desgraça, foi causada aos pobres americanos, pelos cristãos do poente, por parte dos espanhóis. Uma outra desgraça, mais grave ainda, foi praticada contra aqueles pobres cristãos do levante, por parte dos portugueses, que foi o flagelo dos mamelucos. Para entender isso, é necessário saber que, com o Tratado de Tordesilhas, o traçado ia até o cabo de São Vicente, onde terminava a jurisdição do Brasil e a autoridade portuguesa; e com o Tratado de Madri, este traça-

do, estendeu-se até Sacramento, no Paraguai. Além do Rio de Janeiro, foi fundada numa firme colina, em 1597, pelo Jesuíta Pe. Manuel da Nóbrega, a cidade de São Paulo, chamada pelos nativos de Piratininga ou Pirahitinga, com clima temperado, distante do mar trinta e seis milhas, cercada por todos os lados por montanhas e com densas florestas de Parnapicaba, onde se fixou uma cadeia de portugueses. As terras pela prodigalidade da natureza e sendo bem cultivadas, produzem tudo quanto é necessário para se viver com abundância. Encontramos aí abundantes plantações de trigo, milho, cana-de-açúcar, banana, também animais e uma grande quantidade de plantas aromáticas, suficiente também para as populações vizinhas.

Com o tempo, essas populações, não havendo mais mulheres, misturavam seu nobre sangue com o vil sangue dos bárbaros, casando se. Desses casamentos nasceram filhos que puxavam mais as características da mãe e seus costumes. Essas famílias degeneravam de tal forma, que os seus vizinhos portugueses se envergonhavam, pois eram orgulhosos da sua nobreza e não os reconheciam como parentes ou conacionais. Cortavam o comércio com eles e, para desprezá-los, chamam-nos de "mamelucos", mas estes, são chamados pelos historiadores de paulistas, paulistanos ou paulopolitanos. Contudo, eles nasceram fiéis a Deus e ao Rei de Portugal, graças ao Pe. José de Anchieta, apóstolo do Brasil que em, 1597 fundou um colégio com outros padres da Companhia de Jesus. Não durou muito, pois, pela tirania dos governadores do Brasil e por suas vidas desregradas, não mais suportam as rédeas, o jogo das normas, expulsaram os Jesuítas da cidade, fecharam o colégio e se libertaram em parte, do monarca português, obedecendo a seus ministros, só naquilo que lhe traziam benefícios. Deste modo, se instalou uma espécie de república e uma nova forma de governo. No início, a cidade não contava com mais de quatrocentas pessoas, compreendendo os escravos, os índios e mamelucos, mas aos poucos sua população cresceu muito, chegando agora seus habitantes ao número de milhares, por que aí se agrupavam pessoas de diversas nações; isto é, Portugueses - Ingleses - Holandeses - indianos e outros habitantes, que, para fugir dos maus-tratos e dos castigos dos seus erros, se transferiram para aquele asilo de bandedeiros. Também qualquer forasteiro, que quisesse fugir do seu patrão, tinha acolhida nessa cidade de malfeitores.

Eles se gabavam de não pertencerem, ou não ser súdito do Rei de Portugal, contentando-se somente em pagar para a Coroa, cada ano, um quinto de ouro que tiravam de suas reservas, ou coleta, pois possuem minas e trabalham, não por medo ou por obrigação, mais em respeito ao seu monarca. A situação dessa cidade, defendida pela natureza, e pelas fortificações feitas pelos habitantes, fizeram com que, os portugueses perdessem a esperança de subjugá-los. Eles também, além das armas convencionais dos índios, possuem muitos fuzis, que certamente foram trazidos pelos negros fugitivos, ou de outros, que também se refugiaram. Também tinham as armas tiradas dos viajantes, em emboscadas pelas estradas; e nos parece que eles também aprenderam a fabricar a pólvora de fogo e por isso são respeitados e temidos pelos vizinhos. Mesmo que se diga, que entre eles existam padres e religiosos, a religião é pouca ou quase nada praticada, pela forma de vida que levam. E se ainda se conserva a religião católica, eles não se preocupam em estudá-la, ou não frequentam os sacramentos.

Estes celerados, que eu me envergonho de chamá-los cristãos, apenas começaram a desfrutar a liberdade e não obedecer as ordens do Vice-Rei do Brasil, começaram a praticar a pirataria por toda a parte e entre as populações indígenas, para torná-los escravos, para cultivarem suas terras, para trabalharem em suas minas e no cultivo da cana-de-açúcar. Não se pode calcular a grandeza dos estragos, causados por esses nefandos corsários, nas províncias de Guairá, Paraguai, Rio da Prata e outros povos da América Meridional. Os padres missionários confirmam que eles, partindo de sua maldita cidade, aos poucos iam destruindo as populações indígenas, preservando somente aqueles que eram a elas súditos e pagavam a eles tributos.

Destruindo os povos vizinhos e não havendo mais nada para saquear, continuavam estendendo suas escaramuças para os povos mais distantes; e parecerá uma coisa inacreditável, esses rebeldes chegaram várias vezes até o grande lago Xarayes, até o Maranhão e o rio Amazonas e várias vezes atravessaram todo o Brasil, viajando por duas ou três milhas, na captura de escravos, empregando para essas viagens cinco ou seis meses ao ano; mas não pudemos entender, como encontraram uma maneira de viver nesses lugares tão distantes e passando juntamente, com aqueles povos que antes tinham reduzido a cinzas e destruído. A verdade é que essas numerosas vilas, que ficam às margens do lago a que aludimos, eram pequenas e com poucos habitantes.

Poucos foram os que se livraram da fúria desses ferozes assassinos, porque não puderam enfrentar, com suas flechas, os invasores providos de armas de fogo. Eles destruíram também, várias cidades espanholas, saqueando os bens da população, e levaram consigo, homens, mulheres, Jovens que caíam em suas mãos.

A província do Paraguai, dentre outras, foi a que mais sofreu com a crueldade dos mamelucos e ainda choram os efeitos da crueldade. No país dos guaranis foram destruídas quatorze reduções de indígenas e se calcula que o número de pessoas chega a quinhentas mil, já pertencentes ao seio da Igreja Católica e da fé cristã, eles, (os guaranis) foram sucessivamente mortos ou reduzidos a escravidão por esses assassinos. Isso é duro e difícil para se entender. Desde que, esses assassinos se entregaram a tão infame latrocínio, mais ou menos, dois milhões de almas indianas, perderam a vida ou foram escravizados. Não há mais necessidade de dizer que esses celerados, só conseguiram aproveitar de um por cento de toda essa gente capturada, porque a maior parte deles morria pelo caminho, obrigados a caminhar centenas e centenas de milhas, até São Paulo, entre o cansaço, a fome e maus-tratos, sem comida, e os poucos que conseguiram chegar, em bem pouco tempo se consumiram com o ar maléfico para eles e no duro trabalho do cultivo da cana-de-açúcar e nos trabalhos das minas. As perdas foram tantas que, das trezentas mil pessoas capturadas, em apenas cinco anos, permaneciam no Brasil, apenas vinte mil.

Mais uma vez, se fez em vários momentos, apelos veementes contra tais barbaridades cometidas, ao Rei de Portugal e ao Vice-Rei. Eles emanaram rigorosos editais contra o ímpio comportamento e exemplo desses maus procedimentos, mas eles nem se preocupavam. Continuavam como antes seus assaltos e ainda hoje continuam fazendo, sem temor a Deus e às leis lusitanas, e até agora não pensaram numa maneira de destruir esse ninho, de tão abominável iniquidade.

CAPÍTULO VIII

Como os Jesuítas introduziram a fé cristã no Paraguai

Nos reduzidos lugares de terra firme (continente) da América Meridional, onde os padres Jesuítas fundaram colégios, certamente não faltavam para eles o campo, onde iriam exercer seu inesgotável zelo apostólico, em favor daquelas almas cristãs e também para alimentar e fazer crescer a piedade nos habitantes daquelas cidades, e para dilatar por meio dilatar por meio das sagradas missões, o atendimento àquelas famílias dos povos vizinhos. Eles visitavam todos os arredores onde moravam os infieis e pregavam para os adultos e batizavam as crianças moribundas, mas não se estabeleciam nestes lugares.

No século passado, eles pensaram e se deram conta e tomaram a resolução de se estabelecerem junto às famílias dos índios e principalmente entre os mais afastados das cidades, habitadas pelos espanhóis, fato nunca antes pensado, já que os métodos adotados até então, não eram os mais cômodos e em desvantagens para converter os índios, visto que estes indígenas tinham relações com os europeus, ou que viviam próximos a eles, recebiam mau exemplo dos cristãos desregrados em seus costumes, oprimiam os pobres e não seguiam os santos ensinamentos e nem o esforço dos piedosos e fervorosos ministros de Deus. Como fazer para ensinar a verdadeira religião? E se eles aprendessem como fazer para conservá-la, homens que viviam como feras, dispersos por várias regiões e que não tinham lugar fixo, sem nenhuma lei, sem moradia fixa, escondidas nas matas e nas grutas, hoje se encontram em um lugar, amanhã já se encontram num outro distante. Eles continuam guerreando entre si, essa gente brutal, sedenta de carne humana e de vingança?

Os sábios religiosos compreenderam, que esta tarefa deveria ser conduzida com as mesmas técnicas dos tempos antigos, que pareciam ter maior senso dos demais. Também hoje esses ursos, com fisionomia humana, atuam na Ásia e na Europa. O primeiro estudo feito por aqueles sábios, foi reduzir aquela bárbara gente, em sociedade e os fez conhecer, que era melhor viver como civilizado, do que o modo bestial, praticado por eles até aquele momento, no alimento, na casa e

nas guerras tão familiares a eles. Aquela gente transformada em sociedade, acabaram de ser feras, aprendendo com o exercício da virtude, a se comportarem como animais racionais. Cícero, no livro I de Retórica, louva aquele sábio e grande homem: "Que reuniu em um único lugar e os organizou, segundo um plano, esses homens dos campos, que viviam separadas em refúgios silvestres e lhes ensinaram várias ocupações úteis e honestas, no princípio relutantes, por causa da novidade da coisa, depois através da reflexão e da exortação, agora mais preparadas, ouvem e aceitam, e de selvagens ferozes, conseguiram torná-los humildes e mansos. (Cícero de *Inventione* 1.2,2). E Orácio atribuindo semelhante glória à Orfeu, assim falou na carta III do livro II: "Sacerdote e intérprete dos numes, Orfeu dissuadiu os homens que habitavam nas selvas entre assassinos, e comiam um alimento miserável, no entanto se dizia que domesticava leões e tigres ferozes".

Do mesmo modo, fizeram os Padres da Companhia de Jesus. Preocupando-se em primeiro lugar, em tornar ou transformar aqueles selvagens em homens, levando-os a viverem em grupos, com habitação fixa e depois torná-los também, bons cristãos. Eram apresentados a eles os bens, que se poderiam tirar da sociedade e do comércio, tendo um coração bem formado e eles entendiam. Eram apresentados o modo brutal com que viviam, e o mal-estar que causavam com sua maneira de viver e eles compreendiam a verdade. Foram interrogados, de como não se davam conta da deformação, de comerem carne humana e o que é pior, ir à caça de homens, só pelo desejo de comer suas carnes, eles não sabiam o que responder. Em suma, os religiosos, tanto trabalharam e fizeram até que começaram a reunir-se sempre no mesmo lugar, com um mínimo de simetria. E para eles isso não custa mais trabalho, porque com pouca madeira, ramos de árvores, canas, cabos e estacas, constroem um mísero teto, ou tugúrio que serve de habitação para eles. Mas essa nova república ou colônia, estaria arruinada ou morta, se não tivesse a garantia do alimento para os habitantes: os Jesuítas apresentaram a necessidade de cultivar os campos, coisa que estes povos não estavam acostumados a fazer. Eles lhe forneceram, não só o necessário para cultivar o solo, como milho, legumes suficientes para alimentar esse povo no período de um ano, mas deram também o necessário para fazerem a primeira sementeira. Porém os homens deveriam continuar a caçar, pescar e recolher frutas e mel dos bosques. Não se passou um ano e essa gente, tornou-se mansa e dócil, dando

conta de que podiam recolher da terra, o fruto de seus trabalhos e quiseram se aplicar com afincos no cultivo da terra. E nas horas livres, esse povo se ocupou com as instruções dos religiosos, a construir uma Igreja de madeira e ao mesmo tempo eram-lhes mostradas a instrução religiosa e as pregações para instruí-los na doutrina da fé em Jesus Cristo e os deveres do cristão. Primeiro, foram batizadas as crianças e depois de uma acusada pregação, batizaram os adultos. Neste tempo começou-se a celebrar a missa em público e administrar os sacramentos com muita piedade e devoção, por parte dos índios, que os missionários não puderam conter as lágrimas, pela ternura e meiguice. Assim nos fala Luís Antônio de Bougainville em "Viagem ao redor do mundo" -1771: "Os Jesuítas se colocaram a serviço desses povos, com coragem dos mártires e paciência verdadeiramente apostólica. A coragem e a paciência serviam para atrair os povos, vincular e concretizá-los da obediência e ao trabalho, essa gente selvagem, inconstante e acostumada a ser dona de tudo, e acostumada à sua própria independência. Os obstáculos foram infinitos. As dificuldades surgiam a cada passo, mas o zelo triunfou sobre todos. A bondade dos missionários conseguiu, por fim, trazer a seus pés, esses selvagens e rudes habitantes das matas. Eles os acolheram nas moradias, deram-lhes leis e normas, ensinaram a arte útil e agradável; fizeram de um povo bárbaro, privado dos princípios morais e da religião, um povo dócil, civilizado e observante dos ritos cristãos. Esses povos Indígenas conquistados pela eloquência persuasiva dos seus apóstolos, obedeciam de boa vontade a esses homens, que estavam prontos a sacrificar-se pela sua felicidade; de tal maneira ficavam fascinados, que faziam do Rei de Portugal, a imagem de Santo Inácio." A estes povos e aos outros, que aos poucos se ajudavam, foi dado o nome de "Reduções" (reduzir à Igreja e a vida civil), que perdura até hoje. Esse povo foi reunido e reduzido a viver numa forma de governo de Sociedade ou de República.

Não podemos descrever, o entusiasmo crescente desses servos de Deus, pelo sucesso dessa primeira missão, tanto que estão dispostos a empreender outras. Assim penetram sempre mais, nessas vastas regiões do país, nas planícies, nos montes e bosques, a procura dessa gente dispersa, apresentando-lhes, a felicidade em conviver unidos e bem-organizados, com os valores da doutrina cristã, angústia e a impiedade de quem não conhece Deus, ou as que adoram deuses falsos. Eles tiveram conhecimento e viram com os próprios olhos, o

ótimo estado daquela redução. Não havia necessidade de convencê-los a fundarem outra redução semelhante e serem obedientes aos Santos mensageiros e as consideraram como se tivesse vindo do céu. E assim continuamente, fundaram outras reduções, reanimando as já existentes; cada redução, se dava um terreno para cultivar e especialmente nesse país, onde as terras não têm dono e podem ser ocupadas sem prejudicar ninguém. Por isso, dessas primeiras missões, os Jesuítas escolheram e transferiram-se para o Rio da Prata ao Oriente do Uruguai, cercada de ambas as partes por montanhas e no meio se estende por uma vastíssima e muito fértil e variada, banhada por mais seiscentos e oitenta milhas pelo Rio Uruguai, e mais ao norte em direção ao levante, na província de Guaira, onde também se encontram planícies muito férteis e clima muito bom, todas essas terras ótimas para o cultivo. Nestes sítios, agraciados pela mãe natureza, com muitas vantagens no presente e capaz de muito mais no futuro; os incansáveis missionários, começam a transferir aqueles índios que se mostram dóceis às suas exortações e a fundar novas reduções com um total sucesso, e em pouco tempo, acreditariam que chegariam ao número de 30 Reduções, compostas de quatro, cinco ou seis mil índios. Nos campos, entre uma e outra redução fundaram-se várias casas para os pastores de ovelhas e outros animais e para as pessoas que iriam trabalhar e cultivar as terras, todas à sombra de uma cruz bem alta.

Eles não viviam nus, como antes e neles não se encontravam mais os costumes brutais e sobretudo com o estudo recebido dos Santos ministros, deixaram as bebedeiras que causavam mil desordens. Quanto à voracidade desses povos, todos com bom estômago, ainda não cessou, porque para eles, é uma necessidade ou um deleito da natureza. Isso também acontece com os povos bárbaros da África. Não podemos esconder, que entre os povos do Paraguai, as pregações não seriam suficientes para convencer aquela gente a unir-se e abraçar um novo desafio da fé de Jesus Cristo, se antes não conseguissem convencê-los a ouvir, com meios materiais e humanos, fariam no dando-lhes alimentos em abundância. Quando os missionários trataram de fundar novas missões e induções, aqueles índios infieis diziam, "Se quereis que nós nos mantenhamos unidos, dai-nos bastante alimentos para comer, porque nós somos como animais, que a cada momento necessitamos comer, não fazemos como vós que comeis pouco e nas horas marcadas". Já lembramos, que comer carne crua ou apenas cha-

muscada nas brasas, não é costume só dos índios, mas também dos bárbaros tártaros da Ásia e de outros povos selvagens da África. Para tanto, os caridosos missionários não descuidavam, não poupavam trabalhos e nem gastos, para promover o necessário alimento daqueles infiéis, para depois conduzi-los, como aconteceu, à fé da verdadeira Igreja de Deus e ao amor ao trabalho do campo, de plantar e tirar o sustento para suas famílias. Os missionários traziam para eles pequenos presentes como: anzóis para a pesca, facas, tesouras, machados, agulhas e coisas semelhantes, muito apreciados por eles e que não se encontram nas províncias. São importados da Europa, e pelo alto preço não podem comprar, nas cidades dos espanhóis. Os bons missionários, traziam também remédios para cuidar da saúde daquela pobre gente e isso era necessário para incentivá-los à caridade, conquistando assim de muitas maneiras, o amor e a confiança desses bárbaros, para depois fazê-los filhos de Deus.

Desse modo, nas duas províncias Orientais do Paraguai começou a florescer uma nova cristandade e seus bens começaram a aumentar, quando os detestáveis mamelucos, isto é, a infame colônia portuguesa de São Paulo, estando o Guaíra vizinho do Brasil, facilmente cobiçariam tão grande e numerosa população de índios escravos, pareceu a eles uma ocasião muito boa, para praticarem um saque. E como lobos famintos, com um grupo de índios escravos, caíram, de improviso sobre a Redução de Guaíra, saquearam as casas, igrejas e os bens, matando, quem demonstrava resistência e o resto da população levaram como escravos. Resumindo, eles destruíram em poucas vezes, mais de oitocentos e cinquenta mil cristãos, arrasaram doze ou treze das maiores Reduções fundadas pelos Jesuítas, com tanto sacrifício e suor.

Os religiosos Jesuítas, consideraram aqueles lugares muito perigosos e impossíveis de lá continuarem, porque o resto dos cristãos, que se salvaram dos bárbaros mamelucos, vendo que seria muito difícil nessa situação, converter novos infiéis, vendo já os convertidos reduzidos à escravidão, por aqueles bandidos de São Paulo. Decidiram mudar para outro lugar menor, isento das incursões dos assassinos. Por isso convenceram os que ainda viviam nas Reduções de Guairá, a fugirem do perigo; caminharam mais de quatrocentas milhas e se estabeleceram às margens do Rio Paraná, coisa muito difícil. Enfrentaram sofrimentos incríveis, cansaço pelas dificuldades das viagens e

pela falta de víveres necessários a tão numeroso povo. Eles conseguiram chegar ao lugar designado, em número de doze mil e ali fundaram as Reduções de Santo Inácio e Nossa Senhora de Loreto, e depois fundaram as outras entre o Rio Uruguai e o Rio Paraná, colocadas de maneira em que uma poderia ajudar a outra. Com o passar do tempo, os cristãos acostumaram-se, a não ter medo dos corsários brasileiros, e naqueles lugares antes abandonados, foram criadas novas reduções; pois os próprios pacíficos fiéis do Paraguai, hoje, sabem manejar as armas, de maneira tal, que já conseguiram quebrar os cornos daqueles celerados bandidos. Só na parte do Guaíra, ao longo do Rio Paraná e Uruguai, no ano de 1717 se contavam mais de trinta novas reduções, com cento e vinte e um mil habitantes e cento e sessenta e oito almas, batizadas pelos padres da Companhia de Jesus. Mais tarde os missionários continuaram a fundar novas reduções, nas vastas regiões do país, que se encontram entre o Rio Uruguai e o mar e para o norte, até o Rio Manoré, que deságua no grande Rio Maranhão ou Amazonas. Nesta altura há outro povo, um grande país, situado ao poente, entre o Rio Paraguai e as montanhas do Peru e se estende por 900 milhas do norte para o sul, onde nascem outros dois grandes rios o Vermelho e o Picolmaia, sem falar dos outros menores. Essa região envolve muitíssimos povos indígenas, principalmente os "Chiriguanas". Ao lado dessa parte do país, encontra-se outro povo indígena também grande, na parte oriental, quo vai até o lago dos Xarayes, onde nasce o Rio Paraguai. Aí minam os Chiquitos, os Manachicos e outros. Os bondosos Jesuítas, tentaram muitas vezes levar a doutrina do Evangelho, mas não conseguiram porque os povos eram bravos, de mau caráter e muito selvagens, parecia não conseguir a sua conversão, quando em 1690 o Pe. José Acre, junto com o Pe. Giambatista de Zea, começaram com energia a pregar naquelas regiões bárbaras, a doutrina e a fé católica. Deus ouviu e facilitou o trabalho, porque duas tribos estavam em guerra entre eles e pela veemência das purgações, os padres conseguiram que fizessem a paz e o que ajudou muito a paz, foi os missionários terem salvo da morte um índio condenado, por suas faltas, pelo governador espanhol de Santa Cruz da Serra. Com esses atos de caridade eles conseguiram conquistar o afeto de muitos povos daquela região, e tendo conquistado a confiança desses povos, puderam fundar outras Reduções naquelas vastas regiões. As fadigas, cansaços dos padres e de seus bondosos companheiros, alguns deram sua vida pelo

martírio defendendo aqueles bárbaros infieis. Esses acontecimentos foram descritos pelo Pe. Gian Patrizio Fernandez, da Companhia de Jesus e impressos em Madrid, no ano de 1726. Os seus incansáveis sucessores continuaram e continuam ainda, a dilatar a religião cristã, na grande região do Chaco Paraguaio e outros países não civilizados daquele grande continente. Muitas vezes eles mesmos convidavam os missionários, mas os Jesuítas iam também, quando não eram convidados. Neste momento em que estou escrevendo, podemos crer, que o número de cristãos continua crescendo sempre mais. O zelo apostólico desses missionários era tão grande, que não só se preocupavam com o espírito, mas também com a parte material desses povos, e aos poucos iremos mostrando.

CAPÍTULO IX

Os trabalhos e perigos dos missionários na pregação e na conversão dos índios do Paraguai

Tudo quanto talei até agora, já podemos compreender, o grande serviço e magnífico crescimento que o cristianismo teve nessas imensas regiões da América Meridional, na esperança que futuro, essa quinta parte do mundo, passe toda ela, a trabalhar debaixo da bandeira da cruz; Confiamos que esse glorioso empreendimento, não seja frustrado ou desgastado pelas tropas insaciáveis de europeus, que vão até a América somente atrás de riquezas, ou lamentar o descaso daquelas que deviam governar e defender os direitos dos habitantes, não reprimem a infame represália dos corsários Paulistanos, por que estão preocupados em desfrutar as riquezas de suas montanhas e suas belas costas marítimas, esquecendo-se totalmente em ampliar a vinha do Senhor. Não pense ser fácil converter à fé cristã, aqueles povos bárbaros e selvagens. Ao contrário, essa tarefa custa fadigas Imensas, perigos e sofrimento. Se não fossem esses corajosos pregadores do Evangelho, sustentados pelo espírito verdadeiro de Deus, não seria possível ganhar para Deus aquelas brutais gerações. É provável que entre os inimigos da igreja católica, há alguns que desejam falar mal dos padres Jesuítas, denegrindo sua obra, o seu trabalho cansativo e suas santas intenções. Nessas missões junto aos infieis, deveriam ir constatar tudo o que fazem e padecem, paia reunir à Igreja de Cristo, tantos pobres e selvícolas habitantes do Paraguai.

A maneira com a qual os Jesuítas vão à conquista, é a seguinte: os missionários iniciam sua caminhada só com seu breviário (livro de oração da igreja) debaixo do braço, e na mão um bastão encimado pela cruz. Junto com os missionários vão uns vinte ou trinta, dentre os mais novos cristãos, todos fervorosos e cheios de zelo pela honra de Deus e o bem do próximo. Eles não eram apenas guias e intérpretes, mas também pregavam e eram apóstolos junto aos seus contrerrâneos.

Muitas vezes era necessário caminhar cem ou mais milhas, sempre com machados na mão para abrir estrada nas densas florestas e chegar onde estavam os bárbaros, como feras, vivendo em cavernas das montanhas, lagoas, pântanos, rios sem ponte e era necessário

passá-las. Não encontravam cabanas nem lugar para repousar. A terra debaixo das árvores eram seus leitos e feliz aquele que possuía um cobertor ou uma rede estendida sobre 4 paus para poder assim descansar e desse modo viver mais seguro, protegido das serpentes e das feras.

Às vezes, um punhado de milho era tudo o que tinham para comer. Outras vezes, nas viagens longas, não tinham nada para se alimentar, a não ser raízes e frutas silvestres. Às vezes, faltava também guia, e às vezes era necessário recolher as gotas de orvalho das árvores, para aliviar a sede. Naqueles países onde o Sol é muito quente, a sede é sempre um companheiro de viagem. Todas essas tribulações, parecem não significar nada a quem possui uma ardente caridade para a glória de Deus e a salvação das almas.

Tendo encontrado os índios, esses os receberam como inimigos, cercando os missionários e ameaçando com tacapes e flechas, com medo que fossem os mamelucos de São Paulo vestidos de Jesuítas. É preciso saber que esses nefandos canalhas, habituados a fazer grandes viagens, gastando de cinco a seis meses para emboscar e tornar escravo os pobres índios. Eles atravessavam o Rio Paraguai e iam até as populações dos Chiquitos e dos Ghiriguanos. Muitas vezes se serviam desse truque tão desprezível. Os mamelucos de São Paulo, mandavam na frente um, vestido de Jesuíta com alguns índios prisioneiros fiéis, com presentes e se apresentando como pregadores da lei de Cristo, convenciam-nos a reunirem-se. Feito isso, e estando todos reunidos, os mamelucos caíam em cima deles, levando-os como escravos e destruindo suas propriedades. Esta invenção infernal, descreditou por longo tempo, os verdadeiros missionários do senhor, de tal maneira que, os índios dificilmente acreditavam neles e foi necessário sofrer muito para convencê-los. As outras tribos acolhiam os bons religiosos com hostilidade, pensando que eles tinham vindo para vendê-los ou submetê-los à nação espanhola, por eles odiada de morte, porque sabedores do tratamento desumano que os índios recebiam e ainda reservam para alguns lugares a esses pobres índios. Foi necessário lutar por muito tempo, e ainda outro inimigo pior, eram os feiticeiros, fiéis ao demônio. O menor mal que podiam fazer, para não perder o seu sustento, era persuadir os seus índios, de que não escutassem o que os ministros do verdadeiro Deus ensinavam. Outros mais prudentes, recusavam obstinadamente a ouvir os missionários, e escutando deram a seguinte resposta: Vocês dizem que o Deus dos cristãos sabe

tudo, que nada lhe é oculto, e que por sua imensidão está em todos os lugares, vendo tudo o que fazemos. Nós não queremos que um Deus tenha tanta sabedoria e ciência e com os olhos assim em aberto. Nós queremos viver em nossos bosques e em nossas cavernas em paz e em liberdade, sem ter sobre nós um prefeito ou um juiz de nossas ações.

Em algumas tribos, havia caciques, que só em saber que os missionários vinham das cidades espanholas, era suficiente para impedir sua entrada e os expulsavam de suas terras. E se por acaso, se amansavam e aceitavam a fundação de alguma redução em seus territórios, faziam duas exigências e condições.

Quando o padre José de Acre, em 1690 começou a trabalhar e cristianizar os Chiquitos, os caciques daquelas regiões, convocaram uma Assembleia com todos os seus dependentes para consultar a respeito da construção, trabalho muito importante.

Reunidos todos, altas horas da noite, iniciaram a função com uma sinfonia de flautas, pífaros, cantando e dançando ao som de instrumentos e falando do acontecimento. Ao terminar cada música, faziam um brinde. Estavam no mês de julho, em pleno inverno. Para os países do sul da linha do Equador, sopra um vento muito frio. Mas assim mesmo, ao despontar do dia todos foram tomar banho no rio, e para a alegria da festa, adornaram-se a cabeça com belos penachos, acreditando que aumentaria a beleza de seus rostos. Faziam pinturas tão vagas que pareciam verdadeiros anjos, mas do inferno. Ao amanhecer restauravam suas forças com uma boa refeição e finalmente depois dessa estranha preparação, decidiram no conselho, admitir o cristianismo em suas terras e que fosse construída uma redução; mas com a condição de que ninguém seria afastado da população, se quisesse permanecer pagão, ou que quisesse ter mais de uma mulher e que seus filhos não fossem destinados ao serviço da Igreja. Essas condições foram aceitas pelo sábio missionário, com esperança em Deus que, com o tempo, os índios seriam vencidos pelo bom exemplo dos melhores e com o entusiasmo dos pregadores e a veemência das exortações. Tudo isso ocorreu justamente no fim de julho, festa de Santo Inácio e a Redução recebeu o nome desse Santo. Nós já falamos das dificuldades que encontraram nas estradas, durante as viagens pelo cerrado das matas, pelas terras não cultivadas e pela negligência dos habitantes. Quero apresentar um exemplo. No ano de 1716, o incansável Pe. Giambatista de Zea, Jesuíta missionário, de incomparável

zelo, decidiu ir à tribo dos "Zamucos" que moram ao lado ocidental do Rio Paraguai. Durante a viagem, entrou num bosque, totalmente denso e comprido, umas trinta milhas. Com batizados que o acompanhavam, nada sabendo da grandeza de sua extensão, começaram com o machado a abrir caminho, mas depois de vários dias de trabalho, não vendo o fim, aterrorizados, decidiram voltar também para fugir dos mosquitos, moscas, mutuca e outros tipos de insetos que não lhes davam trégua, nem um dia. O Santo missionário fez tudo para eles não desanimassem, tomando ele mesmo, ora a enxada, ora o facão e outras vezes trazendo água para amainar o calor, de um sol abraçador e animando-os a continuarem o trabalho. Depois de dezenove dias conseguiram vencer a mata. Com isso o padre Zea chegou aos índios Zamucos, encontrando-os bem dispostos, ao menos em condições para iluminá-los com a luz do Evangelho.

Em 1718, foi nomeado o provincial e em seu lugar chega o Pe. Miguel de Yegros com um irmão coadjutor religioso, Alberto Romero, com toda a esperança de continuar e terminar o trabalho apostólico. Mas acontece que os traidores Zamucos, depois de uma belíssima acolhida, mataram Alberto Romero, e os doze cristãos que o acompanhavam. Todos eles enfrentaram corajosamente a morte no seu insigne serviço de generosa caridade. E eis o grande perigo a que estão expostos os missionários católicos. Eles vão alegremente expor-se, desejosos da glória de Deus e do bem do próximo, olhando aquele grande prêmio, que o Deus da verdade prometeu a quem, com seu amor, está pronto a morrer. O missionário traz consigo a prudência e a humildade capaz de desarmar a ira dos bárbaros mais ferozes. É necessário que o missionário vá preparado para ser alvo de suas flechas e machadinhas, perigo que ao invés de amedrontá-lo, ou de fazê-lo desistir, esse bom de Deus, anima ainda mais a encontrar-se com aquela gente feroz, ou para convertê-la à fé, ou deixar ali a sua vida.

E quando isso acontece, mesmo que não fossem canonizados como mártires, é certo que não são menos do que aqueles, que nos primeiros séculos da Igreja, derramavam seu sangue para propagar a religião de Cristo. A Companhia de Jesus, bem pode se gloriar de seus piedosíssimos padres, que tiveram um fim glorioso nas missões do Paraguai e eu lembrarei somente alguns: Pe. Rocco Gonzales, Afonso Rodriguez, João de Castilhos e Pedro Romero. Esses foram os primeiros fundadores e arquétipos das missões e que a regaram com seu

sangue. Mais tarde foram os padres: Preto Ortiz, Bartolomeu Blende, Diego de Alfaro, José de Acre, Pedro Espínosa, Lucas Cavalieri, Pe. Fernandez, Arias Mozzo, da Silva, Mendonza, Solinas, Osório, Ripario, Sanches e outros. O seu sangue derramado naquelas terras de bárbaros, produziu como nos primeiros tempos da Igreja de Deus, uma abundante colheita. Novos cristãos surgiram e continuaram fundando novas reduções, que hoje florescem no Paraguai. Também nos anos de 1701 e 1722, dois outros missionários Jesuítas terminaram sua vida recebendo a coroa de martírio, não sabemos o nome deles. (O número de Jesuítas mortos são 47 na América do Sul, 14 no Peru-Ecuador; 13 no Brasil e Guianas; 22 no Paraguai e Uruguai, 11 no mar e 12 em diversos lugares).

Ainda que, a maior parte desses homens apostólicos não terminaram suas vidas debaixo de tacapes e machadinhas desses brutais índios, podemos atribuir a eles o mérito do martírio, porque primeiro eles desejavam e depois pelos sofrimentos, privações que sofreram com suma paciência e alegria, que cada um se dedica à perigosa missão de reduzir aquelas perigosas populações de pagãos para a luz do Evangelho. Coisa admirável é ver aqueles operários do senhor no meio de tantos sofrimentos e privações perseverarem. São de melhores dos que vivem nas comunidades dos colégios, eles trabalham naquela dura vida de 25 ou 30 anos.

Hoje não existem muitos perigos e fadigas para os apóstolos e servos de Deus, porque a crença é o feliz estado dos cristãos que vivem nas Reduções, ressoam também entre os bárbaros infiéis das regiões vizinhas. Mesmo que não queiram se converter (e ninguém jamais obrigou a isso), pelo menos guardam respeito aos sacerdotes e nem intencionam matá-los ou maltratá-los, com medo de serem castigados na vida presente, e isso trataremos mais adiante.

CAPÍTULO X

Pela caridade dos próprios índios convertidos, dá-se a dilatação da fé e do Reino de Cristo

Até agora falamos do admirável zelo apostólico, demonstrado pelos missionários, para trazerem os bárbaros infiéis da América, para o Reino de Cristo. Não podemos esquecer que essa dedicação é restrita somente aos missionários. Esse mesmo fervor foi o transferido para seus filhos espirituais, os índios convertidos que se tornaram professores e divulgadores das leis de Cristo. E quando um missionário, está prestes a partir para outras terras de bárbaros, para anunciar o Evangelho, encontramos sempre, trinta ou quarenta dos mais fervorosos cristãos convertidos, dessa Redução, que se sentem honrados, em poder acompanhar o missionário em suas viagens. Eles não querem ir somente para servir de guia, intérprete, ou para abrir caminho nas matas cerradas, mas também para defendê-lo das feras, que são inúmeras, encontradas ao longo do caminho e sobretudo para defendê-lo da crueldade dos próprios bárbaros, os quais matam um homem sem nenhum escrúpulo, da mesma maneira como se mata um animal. Basta estarem famintos, já é um motivo suficiente para cometer homicídio, pois já são enfurecidos pela própria natureza e ficam mais ainda com a presença dos missionários, os quais eles não veem com bons olhos, achando que vão lhes tirar a liberdade, impossibilitando-os de fazerem o que quiserem, mesmo que seja uma ação cruel e viciosa.

Mesmo que os ministros de Deus estejam prontos a derramarem seu sangue, para testemunharem à fé que pregam, a prudência lhes ensinou que, para o bem dos próprios índios, convém evitar tal entusiasmo. Se eles se deixam martirizar antes que esses índios se convertam e antes de fundarem uma Redução, a conversão dos assassinos se torna impossível, pois eles com toda a tribo fogem paia lugares horríveis e inacessíveis, escondendo-se em cavernas, com medo dos espanhóis, que virão para vingar a morte daquele servo de Deus. Por isso, os próprios superiores, ao enviarem os missionários às terras dos infiéis, exigem que sejam acompanhados por um certo número de cristãos, que garantem a sua segurança, assim como, a fé em Deus.

Aconteceu mais de uma vez, de o missionário e sua fiel escolta de índios cristãos serem vítimas do furor ou da traição dos bárbaros, recebendo de Deus o prêmio prometido a quem morre praticando a virtude da caridade apostólica.

Podemos verificar hoje, que quando entra um missionário nos sítios de índios selvagens, com sua escolta, os selvagens logo descobrem que aqueles são índios da Redução (e isto é fácil distinguir pelas suas vestes) e alguns sabendo, por ter visto ou ouvido falar que eles não vêm para causar-lhes danos e notando que entre eles existe um religioso Jesuíta, depõem as armas e as suspeitas. Depois o cacique se aproxima para dar as boas-vindas e perguntar ao Jesuíta, servo de Deus, qual o motivo de ter vindo pessoalmente àquelas terras. O missionário, então, se sabe a língua, responde pessoalmente e se não sabe, faz-se compreender através do intérprete, dizendo que fez aquela viagem, para mostrar o verdadeiro Deus, criador e dono de todo o Universo e as demais verdades e que sendo mandado pelo próprio Deus, para anunciar a sua santa lei, pede para que o ouçam, assegurando-lhes que não querem fazer nenhum mal, mas que veio a essas terras, impelido pelo amor, para fazer o bem e ensinar que só fazendo o bem na terra, que se alcança a recompensa eterna na outra vida. Logo após, dá ao cacique e aos demais chefes, alguns presentes e eles vão aos poucos tornando-se amistosos. E os índios que acompanham os missionários, fazem sempre um bom trabalho, porque eles sabem a língua dessas tribos e falam com facilidade, transmitindo a eles as glórias da religião cristã, falando com veneração, sobre os missionários, e principalmente, que ninguém quer escravizá-los (essa é sempre a maior preocupação), só querem falar para que, levem uma vida mais cômoda e alegre do que a que estão vivendo e que estão dispostos a defender a vida, para a salvação das suas almas. Com persuasão, esses bárbaros, cheios de vontade querem escutar a lei dos cristãos, ou pelo menos, permitir que o missionário vá até seus territórios, onde esperavam para ouvi-lo.

Em outras vezes acontece que, apesar dos trabalhos dos missionários, ninguém resolve abraçar a fé cristã, porque não conseguem abandonar os costumes de vida, os vícios, os abusos e principalmente a embriaguez e a incontinência, ou porque os feiticeiros, os ministros do diabo, têm mais força sobre eles. O missionário pode contar nos dedos, o número de convertidos, nessas casas. Se o número de convertidos for grande, incluindo os caciques, haverá uma população

inteira e assim há possibilidade de se fundar uma Redução, escolhendo um lugar mais apto e adaptado para viver bem e em condições humanas, com igreja, casas ou cabanas alinhadas, uma perto da outra, para manter as pessoas unidas. Se o número de convertidos é pequeno, totalizando uns cem, o missionário convida-os para se mudarem para uma Redução já existente, onde não se pode descrever a alegria e o amor com que são recebidos, mesmo se pouco antes sendo inimigos terríveis. A esses que chegam, depois das boas-vindas, recebem a terra para cultivar e enquanto, todas as Reduções se esforçam cada vez mais, para se fortalecerem contra os possíveis ataques dos inimigos, evitando desgastes e danos. Deste modo, cada ano, aquelas repúblicas cristãs, vão aumentando consideravelmente as aquisições e reservas, feitas pelo trabalho das mãos desses indefesos propagadores da Lei de Deus. Esses bons cristãos americanos têm um modo diferente de fazer caridade. Eles resgatam as crianças órfãs e os despojos das aldeias, após terminarem os combates entre os povos infieis, que costumavam lutar, um vizinho contra o outro, dado que essa raça selvagem está sempre em guerra entre si. É costume pois, fazer parte dos vencedores, o maior número possível de prisioneiros. E para que fim? Para fazer uma desapiedosa carnificina e se adonar daquelas carnes, para brindarem em suas festas, em homenagem à vitória alcançada. Com os ossos, faziam as pontas das flechas, cujas feridas são incuráveis, mesmo que seja feita apenas com um pedacinho da ponta da flecha. Esses bárbaros costumam poupar a vida dos meninos e das meninas, para depois vendê-los como escravos, utilizando-se dessa mercadoria, para trocarem com aquilo que necessitavam. Com essa finalidade, vão às Reduções cristãs, para entregar esses escravos e em troca, pedem trigo, milho, tecido e frutas. Então o corretor instruído pelos religiosos missionários, vai em nome da república e faz o contrato para que nenhum daqueles pobres, permaneçam nas mãos daqueles seres desapiedados.

Podemos ver chegar aquela pobre gente, quase morta, pelos sofrimentos e ainda o que é pior, a dor de ter visto com os próprios olhos, os pais e os parentes serem mortos e esquartejados, esperando eles também, terem o mesmo fim. Libertados da escravidão, eram logo alimentados caridosamente. Os Jesuítas ficavam vigiando, para que esses meninos e essas meninas fossem recebidos pelos caciques e chefes, como se fossem seus filhos e as meninas entregues às senhoras mais exemplares, deixando-os ficarem juntos com os filhos dos cristãos, amando a vida sadia, aprendendo a língua, os mistérios da fé e

a oração. Eles eram instruídos o suficiente para serem admitidos ao batismo e depois agregados ao resto do povo cristão.

Para resgatar esses escravos, as Reduções contribuem com quanto podem, pois alguns têm uns bens para essas necessidades, procurando reduzir o número de infelizes. Por isso a população cristã das comunidades já fundadas, aumenta cada vez mais e outras novas comunidades, também vão surgindo. Encontram-se caciques, índios, com tanta piedade e zelo pelo amor a Deus e pelo bem do próximo, que eles mesmos vão pregar missão nas terras dos infieis. Eles costumam levar consigo, súditos fiéis, os mais zelosos, em número suficiente, não para fazer mal aos infieis e nem para obrigá-los a abraçarem a religião de Cristo, mas só para se defenderem em caso de necessidade. Munidos do sacramento, antes de partirem, preparam os alimentos, do seu Pároco, padre missionário, para a viagem e alegres se põem a caminho.

Chegados nas rancherias dos bárbaros, a primeira coisa que fazem é assegurar que eles vêm como amigos. Depois das saudações, se abraçam e distribuem os presentes, dizendo que vieram unicamente impelidos para fazerem o bem e anunciar-lhes um bem maior, do qual, se quiserem, também podem todos eles participarem. Recebidos dessa maneira, como amigos, começam a apresentar a beleza e a grandeza da doutrina ensinada pelos missionários, ministros do verdadeiro Deus. A grandeza desse Deus dos cristãos, a majestade das igrejas e das funções sagradas e a indescritível caridade que usam os missionários, não medindo esforços, dia e noite para ajudá-los. Afirmam que existe a paz e a concórdia entre eles e mais a abundância de alimentos para o sustento de todos (não sendo necessário procurar nas matas), que não há mais necessidade de dormirem embaixo das árvores e ficarem nus, ou viverem em míseras choupanas, expostos às feras. Tão veementes são suas palavras, que convencem e muitos se decidem acompanhá-los à Redução. Recém-chegados e realmente convencidos, são muito poucos aqueles que querem voltar. A maior parte, voluntariamente fica ali, onde recebem, quando preparados, o batismo. Deixam sua bestialidade e vícios da vida passada, procuram ser, como os demais, fervorosos e bons cristãos. E eis como a misericórdia de Deus, depois de ter corrigido essa gente selvagem da América, serve-se deles para propagar e conduzir os demais, que ainda estão envoltos nas trevas, para a luz divina.

CAPÍTULO XI

A felicidade espiritual dos índios do Paraguai

É um espetáculo digno dos olhares do paraíso. Até os anjos se debruçam, para contemplar e provavelmente nós, os velhos cristãos, deveríamos nos envergonhar como vivemos, ao ver a maneira de viver desses novos cristãos do Paraguai. Eles nos surpreendem e nos superam em muito, por sua espiritualidade e o seu exemplo de vida.

Essa gente, que nos tempos passados, eram semelhantes às feras, viviam nos bosques e não pensavam em nada, a não ser, vingar e se destruírem mutuamente e principalmente contra os vizinhos. Sequiosos de carne humana, perdidos pela embriaguez e desonestidades, andando nus, sem conhecer o pudor e nem a vergonha; esses ursos, esses lobos, agora se tornaram mansos e inocentes como pombos. Sua compenetração, amor fraterno, a ilibada conduta dos costumes e a devoção, parece-nos a imagem da Igreja primitiva. Assim, a mão poderosa e a graça de Deus, tornaram aqueles povos, juntamente com a sábia e piedosa educação, dada pelos padres da Companhia de Jesus, os quais, nunca param seu trabalho com a catequese, a doutrina católica, as pregações. Com seu exemplo, inspirando nos convertidos, o amor e o temor à Deus, o repúdio dos maus exemplos, dos vícios e pecados e animando-os a praticarem as obras virtuosas. A experiência nos fez compreender, que a maior parte desses índios, são de índole doce, amigáveis. Hoje, encontramos neles, aquela simplicidade, que o Evangelho compara com o das crianças.

Como antes, ainda agora, há muitos selvagens não civilizados, isto é, com costumes bárbaros, ainda alienados naquela brutal e abominável forma de vida. Para animá-los a viver na inocência e retidão, serve admiravelmente, o costume louvável do exemplo e isso, podemos afirmar, que por natureza, todos são bons. Mas isso é impossível, depois da queda de Adão, a natureza decaiu. E ainda não se encontra a totalidade dos seres afortunados, que não cometam erros contra as virtudes e nesse conjunto, os primeiros cristãos, foram muito privilegiados de todos. Mas naquelas pequenas repúblicas, se alguém comete erros capazes de causarem escândalos, ou de dar mau

exemplo, como a desonestidade, a bebedeira, ou as inimizades, então, costuma-se aplicar o corretivo, que é decidido em conjunto. Alguns chefes do povo, como costumam fazer os censores romanos, ou magistrados gregos (magistrados da antiga Grécia, tinham a incumbência de fazer cumprir as leis contidas nos códigos), eram encarregados de vigiar e corrigir as transgressões de quem as cometia. Se a falta foi cometida publicamente, como um ato de impureza, ou um excesso de ira que causasse dano ao próximo, então vestem o réu como penitente, fazem-no confessar seu pecado e pedir perdão a Deus, no meio da Igreja. Depois conduzem-no para o meio da praça e o chicoteiam, na presença de todos. Eles jamais vão querer cometê-lo uma segunda vez, e ainda beijam as mãos dos castigadores, dizendo: "Deus vos dê a recompensa, por ter me castigado e corrigido". Para eles, era maravilhoso, pois depois de ter cometido alguma (alta, mesmo em particular, se apresentavam espontaneamente e se acusavam de ter cometido tais pecados e suplicavam aos censores, para receberem os mesmos castigos, pois cometeram os mesmos delitos, ofendendo Deus, por não ter seguido o exemplo bom, de tantos outros, que sabem resistir aos incentivos da carne. E eis aí, novos exemplos da Igreja Primitiva, na qual, a penitência pública era muito apreciada e muito usada.

A devoção e o fervor de espírito, dessa boa gente, nos causa inveja. Os boníssimos missionários, em primeiro lugar, com a instrução e as pregações, esforçam-se para instruí-los nos princípios e nos mistérios, que devem crer na Igreja de Deus e guardar em seu coração, as máximas, mais importantes e viverem como verdadeiros cristãos, para agradarem a Deus. Os missionários explicam, que devemos tudo ao Nosso Salvador Jesus Cristo e que devemos esperar tudo dele e dos Sacramentos da Igreja. Ensinam a eles, uma terna devoção a Santíssima Virgem Maria, ao Anjo da Guarda e aos Santos e escolhem um para ser seu padroeiro particular. Para melhor alimentar sua piedade, pois se trata de gente simples e de difícil compreensão, que entendem mais com objetos materiais, do que com teorias e a razão, os santos ministros, procuram apresentar para a sua fantasia, tudo quanto possa inspirar devoção a Deus, afeto e estima para as coisas santas. Por isso sempre tiveram a preocupação pela limpeza das igrejas, templos sagrados. Nos primeiros tempos, faziam só de madeira grosseira. Depois, mais tarde, os Jesuítas introduziram a fábrica de tijolos, telhas e cal, e tinham vindo para as missões, alguns irmãos coadjutores (re-

ligiosos Jesuítas não padres), pedreiros e carpinteiros. Hoje nas Reduções, podemos admirar construção de pedra e tijolos; certamente ainda existem igrejas construídas com madeira, mas alguns dos Jesuítas estudaram Arquitetura e conseguiram construir catedrais maravilhosas, plantadas naquelas terras de bárbaros. A maioria delas apresentam três naves e algumas, até cinco, portanto, com cinco altares também. Aos poucos, foram introduzindo pinturas, arte em entalhe e hoje, todos os altares apresentam colunas, entalhes em madeira, molduras, imagens e baixo relevo, (entre os arquitetos mais famosos, que trabalharam nas Reduções do Paraguai, foram: Camilo Petragrossa, Giosoppe Brassanelli, Giovan Battiste Primoli, Giovanni Andréa Beanche). As paredes eram adornadas com tapetes ou telas com rendas, ou emolduradas em quadros, onde estavam representados os principais mistérios, da nossa santa Religião, para penetrar na mente e no coração dos novos cristãos.

Estes são meios louvados também, por São Gregório Magno, onde se estuda o pobre povo que não sabe ler. Agora não há mais falta de materiais de construção, pois todas as Reduções fabricam os seus tijolos, pedras trabalhadas. O pavimento das igrejas são calçados. Em uma das capelas, está o batistério, belo e bem ornamentado, de modo que ao entrar, chama logo a atenção. Os paramentos das sagradas funções, são mais belos, do que ricos. Nos altares, além dos candelabros, enfeitam-se com flores naturais e ervas perfumadas, com as quais também fazem festões colocados ao longo das paredes. Espargem um suave perfume por toda a igreja. Nas festas mais solenes, eles colocam mais perfume e o pavimento é regado com água de flores, de laranjas, de rosas e de flores de ervas aromáticas, porque o país produz durante todo o ano, um grande número de diversas variedades. São Gerônimo, já naqueles longínquos tempos, louvava Nepociano, pelo costume de ornar as catedrais, com todas as espécies de flores e ramos de árvores, ervas aromáticas, tanto que Nepociano mereceu um epitáfio: "*Ephite phlum Nepotiani*".

Naqueles sagrados templos, é maravilhoso ver, não só os mármore preciosos, as joias, a quantidade de ouro e prata, mas a postura, a devoção e o fervor desses novos cristãos e principalmente a frequência aos Sacramentos e a assiduidade com que acorrem aos ensinamentos e a escuta da Palavra de Deus. Ao final das pregações e das reflexões, é costume fazerem o ato de arrependimento (contrição).

Nesses momentos, podemos ver o arrependimento e a emoção e muitos não conseguem reprimir as lágrimas, tanto é o arrependimento de seus pecados cometidos, como as antigas bebedeiras, seus vícios inatos e com a graça de Deus, está sendo erradicado desses povos primitivos. A delicadeza de consciência, se descobre principalmente no Sacramento da Confissão, onde com muita preocupação, perguntam se tal atitude é ou não pecado. E depois que sabem da gravidade do erro, se arrependem, choram e pedem perdão a Deus, com tanto arrependimento, que comovem os próprios confessores. Cheios de alegria, observam como Deus opera naquelas almas sinceras e arrependidas e no entanto pensam os missionários, quantas outras tribos continuam vivendo sem conhecer nada a respeito de Deus, mantendo seu modo de vida, com os costumes tão animais e desregrados.

Eles são pobres, mas se esforçam para ajudar e socorrer quem é mais pobre do que eles. Eles se preocupam em ajudar a construir Igrejas e com tudo que se refere ao culto de Deus. Deixam de boa vontade, todas as suas tarefas e espontaneamente trabalham e contribuem, para que Deus seja bem servido em sua Igreja. A cera que eles recolhem de certas colmeias, chamadas "*opemus*", consagram em honra da Maria Santíssima, da qual são devotos e dão o nome somente com o título de Mãe. Essa cera é branquíssima e de primeira qualidade. Um dia, o missionário, conhecendo sua pobreza, aconselhou vender sua cera, para terem mais alimentos. Eles quase se ofenderam, que tendo oferecido à sua boa Mãe, tocava a ela socorrê-los em suas necessidades.

CAPÍTULO XII

A Música do índio e sua Frequência às Igrejas

Devemos registrar aqui, uma outra invenção, deveras interessante, usada para aumentar a devoção dos novos fiéis americanos e também para atrair os infiéis para a verdadeira religião, para se unirem aos demais nas Reduções, já fundadas. Esta invenção é a música. Os missionários sabiam música o suficiente para ensinar os cantos e muitos eram verdadeiros peritos. É incrível, a inclinação inata, que esses selvícolas têm, pela harmonia e ritmo; assim eles são aproveitados pelos missionários, para ajudá-los. Os ministros de Deus cantavam hinos e loas sacras, cantos da doutrina cristã e os índios ficavam encantados pela beleza da música e saíam das suas tendas, para acompanhar e cantar com entusiasmo. Os missionários, vendo-os reunidos, aproveitavam para mostrar a beleza da doutrina e a utilidade da fé em Jesus Cristo, na esperança de contar com eles para abrirem outras Reduções. (O Jesuíta francês Louis Berger, foi o primeiro mestre de música missioneira no Paraguai, desde 1616, quando chegou).

Além da inclinação inata para a música, neles se encontra uma habilidade para a música oral, voz suave e melodiosa e também uma grande habilidade para instrumentos musicais e uma predisposição para aprender tudo quanto se refere ao canto e ao som. Possuem ótima voz e podemos constatar, muito mais bela e harmoniosa do que nos demais países. Parece que isso se atribui à água dos rios Paraná e Uruguai, pois são saudáveis e puras, como afirma Pierre Charlevoix, no seu livro "Histoire des Paraguay", de 1747: "Eles possuem uma voz bela e sonora e isso se atribui às águas dos seus rios." E esses sábios missionários, sabem escolher com particular cuidado aquelas crianças ou aqueles muito jovens ainda, que desde os primeiros anos, possuem uma voz com um timbre melhor, para treiná-los, tornando-se músicos exímios, conhecedores das notas musicais, de tempo, de ritmo, que suas músicas sacras, agradam tanto quanto as músicas clássicas da Europa. Por este motivo, em todas as Reduções, constroem-se capela cantorum (dos cantores), onde cantores e músicos treinam o canto polifônico; o tenor sustenta a música, acompanhada pelas melodias, compostas pelas vozes superiores - canto litúrgico cristão.

O que é mais admirável, é que todos os instrumentos musicais da Europa, foram introduzidos nas missões e são tocados pelos bons índios (cristãos, fiéis, convertidos), como o órgão, a guitarra, a harpa, o violino, o violoncelo, o trompete, a flauta, tambor, oboé, corneta, trombone e os demais instrumentos. Esses instrumentos, não só são tocados delicadamente pelas mãos dos índios, como também são construídos por eles. Qualquer pessoa que passasse por aqueles lugares e ouvisse uma música bem tocada, no ritmo e executada tecnicamente, pensava que estava na Espanha, pois a perfeição com que tocam, não é inferior à da Espanha.

O Pe. Gaetano Cattaneo, de Modena, trabalhando como missionário Jesuíta naquelas regiões e quando precisava de algumas coisas, pedia ao seu irmão, na Itália, Sr. José e em fevereiro de 1738, numa carta que dizia, entre outras coisas, o seguinte: "Bastar-me-iam ouvir três ou quatro missas cantadas, bem recopiadas, com as notas musicais e as palavras bem claras em todas as partes da missa; duas vésperas das orações das horas, uma, própria dos confessores e outra da Nossa Senhora Virgem Santíssima, ofício cantado com toda a melodia e com o autor dessas melodias, a escolher. Enfim, pude assistir, doze ou quinze concertos ou sinfonias, todas do compositor Sr. Alberti de Bolonha (José Mateus Alberti, compositor e músico. Publicou concertos para igrejas, câmara sinfônica e sonatas para violino) e principalmente, as primeiras que compôs e que são muito apreciadas na Itália, Espanha e Alemanha, por serem músicas de muita harmonia, sem as complicações do violino imposto. Vós bem entendeis, para que servem essas partituras de música." Serviam aos bons índios (cristãos, convertidos, fiéis), cujo valor é a habilidade, já vimos antes. Quero acrescentar a isto, tudo o que foi escrito por outro autor, quando da visita feita pelo Bispo às Reduções do Uruguai, que no seu escrito dizia: "Numa das últimas visitas que fiz às Reduções dos Guaranis, uma das coisas que mais impressionou a nós espanhóis, foi ver, ao chegar Sua Excia. Reverendíssima a uma Redução, um coro de jovenzinhos, que vinham ao seu encontro, cantando hinos e cânticos da doutrina Cristã, acompanhados pelos seus instrumentos; foi maravilhoso escutar um jovem de doze anos, tocar violoncelo, com tanta graça e destreza, que o Bispo, olhando-o, fez parar o coro dos cantores, chamou-o para frente e pediu que tocasse uma sonata, fazendo um solo. Ele obedeceu, fazendo uma profunda inclinação, colocou o violoncelo em cima de um pé e tocou por um quarto de hora, com tanta desenvoltura e rapi-

dez, que arrancou aplausos de todos. Estando eu, outra vez, passando pelas reduções, fui recebido com suma caridade pelos padres missionários, escutei muitas vezes essas músicas. Fiquei realmente, muito impressionado pela afinação, pela harmonia e compasso que estes músicos possuem e que não perdem para as mais insígnies catedrais da Espanha. "Podemos dizer, que isso é o milagre da atenção especial, que os piedosos padres missionários usam, no polir esses indígenas americanos incultos e colocá-los a serviço de Deus e no aproveitamento da espiritualidade de suas almas, utilizando a sua estupenda habilidade musical. É provado que aquela música, não "efeminada", mas "viril", aumenta admiravelmente a devoção daquela pobre gente, com o crescer do prazer que experimentam, quando assistem às missas cantadas e quando acompanham as procissões e as demais funções sagradas. Aqueles jovens peritos, entoam com tanta graça e de maneira tão devota os louvores a Deus e de seus santos mistérios. E ainda, pode-se dizer, quão eficaz é esse meio para atrair os outros bárbaros, até agora obstinados na sua vida selvagem, à religião de Cristo.

De fato, conseguiu-se fazer com que esses selvagens visitassem as Reduções cristãs e admirassem a decoração das igrejas, a beleza das funções religiosas e principalmente que escutassem as melodiosas canções e o som daqueles jovens inocentes, que os deixavam impressionados pela novidade, pelos objetos tão lindos, pela paz, pela harmonia social, pela alegria sincera dos cristãos, pela maneira de viverem, as habitações diferentes, querendo a maioria desses selvagens, ficar e abraçar o cristianismo, que é o que mais eles desejam daqueles caridosos fiéis. Grandes coisas se podem afirmar e mais ainda confirmar a força que exerce a música no ânimo deles, tão envolvente e relevante para cooperar e ganhar novos adeptos para a Santa Igreja de Deus.

A música é muito apreciada por esses povos. Ser escolhido para cantar, era uma grande honra. Os índios simples, ignorantes e analfabetos, procuram os músicos e cantores, porque os consideram peritos, para que eles escolham os nomes para seus filhos recém-nascidos, pois eles sabem ler as partes da missa, as horas canônicas e o nome do Santo que se festeja naquele dia. Mas, às vezes acontece de, os cantores por não conhecerem a língua latina, sugerem um nome que encontraram no Evangelho não apropriado como, Caíphas, piscina, Capharnaum. Então o missionário compreendendo a simplicidade do cantor, impõe novo nome, mais conveniente às crianças.

Outra grande honra, era ser considerado digno de ser escolhido para exercer qualquer ministério da Igreja. Havia o costume de se escolher um sacristão-mor e sob suas ordens mais dois ou três sacristãos e mais seis clérigos (pequeno clero ou coroinha, que usam uma veste comprida com colarinho e faixa na cintura, semelhante aos do clero espanhol). Eles usam também o sobrepeliz ou cota semelhante a italiana ou espanhola, tudo bem-organizada, engomada; o mesmo cuidado devem ter com a alva, o amito e a toalha do altar; não se tolerava mancha alguma e nem pingo de cera. Se por acaso derramasse alguma gota, trocavam-na imediatamente. Todos os dias varrem a igreja e enfeitam os altares, deixando tudo bem limpo, de maneira que tudo leve para maior devoção. Nessas Reduções, não há noviços da Ordem Religiosa, mesmo sendo piedosos e observantes, ainda não podem competir com a seriedade, reverência e comportamento desses novos rebentos da Santa Igreja, no serviço do altar e de todas as outras funções sagradas e também nesses serviços, podemos comparar aos primeiros cristãos.

Com o mesmo cuidado, deve ser tratado o cemitério, que se acha ao lado das igrejas, proporcional ao número da população. Era costume construir uma quadra, cercada por um muro, não muito alto e com ciprestes e palmas ao redor. No interior, plantavam fileiras de laranjeiras, que crescem e se desenvolvem com muita facilidade, graças ao clima muito quente; forma-se uma espaçosa estrada, por onde passavam as procissões dos defuntos, que era costume fazer todas as segundas-feiras, com missa cantada numa capela situada no final da avenida.

Em cada ângulo e no meio do cemitério, levantavam uma cruz bem trabalhada, em cima de um pedestal, onde se cantavam o responsório e esse espaço, era dividido, uma parte para os filhos e crianças, outra para os da congregação e o restante era ocupado pelos demais do povoado. Somente os missionários eram enterrados na igreja, num lugar reservado no presbitério. Queira Deus, que este rito, simples e natural, cheio de fé e devoção também venha ser usado na Itália, em nossos templos, acabando com as cerimônias, enfeitadas e perfumadas, só de aparências, como se fazia antigamente e ainda se faz em algumas catedrais.

Fora das Reduções, a uma certa distância, estão algumas capelas bem cuidadas e adornadas, onde todos vão em procissão, nos

dias do São Marcos das Rogações e do Santo Padroeiro e na festa de jubileu. A procissão se encaminha pelas ruas da Redução, todas traçadas iguais e direitas, com uma cruz bem trabalhada em todas emboCADURAS. Em cada cruz, a procissão para e se canta alguma passagem da doutrina cristã, acompanhada com as vozes dos jovens e o povo responde com seu canto. No fim das casas existem alamedas amenas, cercadas por ciprestes, palmas, laranjeiras e outras árvores, plantadas em fila e chegam até as igrejinhas. Essas alamedas, servem para defender a procissão do vento e do sol castigante.

Para se conhecer o estado e a louvável simetria das construções daquelas populações, eles se serviam de outras noções de conhecimento. Cada Redução possuía, de quatro a cinco mil pessoas e algumas chegavam até a oito mil habitantes, entre os quais, eu acredito, que são contados aqueles que moram nas choupanas e na colônia e no campo, para cuidarem dos mantimentos, dos rebanhos e das plantações, (o costume, de acordo com as estatísticas feitas pelos Jesuítas, em 1729, as populações eram de seis ou sete mil habitantes Santa Maria, São Nicolau, Loreto, etc. - mas nas cartas edificantes e curiosas dos mesmos religiosos, chegam a enumerar de quinze a vinte mil habitantes, (carta do Pe. Labbe - 1712).

Qual seria a frequência dos bons cristãos na igreja?

Sabemos que todas as manhãs, bem cedo, se reuniam os meninos de um lado e as meninas do outro, para recitarem em dois coros, as orações da doutrina cristã e se prolongava até o nascer do sol e aí chegavam todos os demais da povoação, menos aqueles justamente impedidos, para assistirem à missa. Depois todos voltam para seus trabalhos; à tarde, depois da catequese das crianças, ao toque do sino, todos vão novamente à igreja para rezarem o terço de Nossa Senhora e as outras orações. Cada sábado, estando todos presentes, se canta a missa da Santíssima Virgem Maria, acompanhada com o órgão e com os músicos; à tardinha, depois do rosário, cantam solenemente, as ladainhas e o responsório dos defuntos. Aos domingos, ao raiar do sol, todos já estão na igreja, onde cantam com entusiasmo os cantos da doutrina cristã. Depois celebram os noivados e os casamentos, com as cerimônias prescritas pelo ritual, função que dura muito tempo e isso é reservado para os dias de festas, para que essa solenidade, venha ser apreciada e venerada pelos infiéis e recém-convertidos, como sa-

cramentos. Depois se inicia a missa solene. Após o Evangelho, o padre faz do púlpito à pregação. Ao ofertório são lidos os proclames, para os futuros matrimônios e se anunciam os jejuns e as festas.

Terminada a função, é verificado se alguém faltou à missa ou a doutrina e qual foi o motivo e se houve qualquer desordem, dentro ou fora da Redução. Os culpados eram castigados pelos censores, na proporção de suas faltas. Depois do almoço é feito o batismo das crianças e dos catecúmenos, sempre em um bom número. Tudo é celebrado com solenidade, para reavivar no povo, a fé e para iniciá-los aos ritos sagrados. Depois seguem as reuniões das associações particulares, com suas práticas de piedade e sermão. Finalmente, depois de todos terem rezado o rosário diário, ao anoitecer, cada um vai para o descanso.

CAPÍTULO XIII

O Ministério Espiritual a serviço daqueles pobres cristãos

Cada redução, costuma ter dois sacerdotes, um dos quais, é o pároco e cada semana, fazem seu turno no ministério sagrado, de modo que sempre um esteja na missão, para não abandoná-la e caso de necessidade, para atender os seus habitantes. O outro sai, fazendo visitas às casas do território, para atender os doentes e assistir aos da campanha, que não podem morar na Redução. Nos casos mais graves, os missionários das povoações vizinhas, vêm para ajudar nos serviços de Deus e das almas. Eles se servem, como já citamos, dos índios cristãos, para suprir as diversas necessidades de seus sagrados compromissos. Aos domingos e às quintas-feiras, explicam a todo o povo reunido na igreja, a doutrina do cristão. Uma catequese paralela, se faz todos os dias, aos meninos e às meninas, que costumavam ser em número de novecentos a mil.

O Pe. Cattaneo, citado por mim várias vezes, escreveu em 1730, que somente em sua missão, de Santa Maria do Uruguai, dando todos os dias a catequese, para mil e duas meninas até a idade de 15 anos e para novecentos e sessenta meninos; daí se pode calcular o número de habitantes que atingiam aquelas populações. Eles preparam aqueles jovens, também com a catequese de preparação para receberem os sacramentos da penitência e da Eucaristia e seu número, era geralmente muito elevado, os quais saíam do paganismo e se encaminhavam para a fé da Igreja Cristã. Não era uma tarefa fácil, ensinar-lhes a doutrina, pois eles não conheciam bem a língua. Era então, necessário usar os intérpretes, para que pudessem aprender a língua comum, o guarani, que era usada em todas as Reduções do Paraná e do Uruguai.

Todos os domingos pela manhã, é feito o sermão para toda a população. Outro serviço cansativo é o atendimento das confissões, pois todos os habitantes costumam se confessar; uma confissão de um índio, equivale a dez ou doze dos nossos espanhóis, pois gasta-se muito tempo para cada confissão, por causa da língua e do pouco entendimento dessa gente inculta, que não sabe aplicar a teoria da doutrina com a prática. Usavam fazer a confissão para todos, na preparação das festas do Natal, da Páscoa, do Pentecostes, do Santo Padroeiro e

principalmente no tempo de cumprir o preceito anual de se confessar e comungar, que pela concessão do santo padre o Papa, começa na quaresma e vai até a festa do corpo de Jesus (Corpus Christi) e também no tempo do Jubileu, concedido pela Igreja, a cada ano. E assim trabalham juntos todos os missionários das missões vizinhas, não somente para a ajuda mútua, mas também para que o povo tenha maior comodidade e liberdade para se confessar.

Eles podem escolher os sacerdotes extraordinários e desconhecidos. Os sacerdotes começam oito dias antes, para que sejam feitas as confissões sem atropelos e incômodos, dando a oportunidade para cada região, cada missão e cada vila terem o seu próprio dia para irem à igreja, onde os missionários permanecem no confessionário, de manhã até à noite. Todos, durante a semana, fazem suas devoções de acordo com sua capacidade, em preparação para a sagrada comunhão, no dia do Preceito. Antes da comunhão, entoam em voz alta, os atos das virtudes teologais e do arrependimento, acompanhados com outras orações do Santíssimo Sacramento, que são repetidas pelo povo, com toda a devoção. É indescritível, a maneira como se aproximam da Eucaristia, com um piedoso afeto e uma ternura impressionante.

Também na América, os padres da Companhia de Jesus costumam organizar em todas as Reduções, duas congregações de pessoas diferentes. Uma composta de jovens, entre 12 e 30 anos e essa confraria é dedicada à São Miguel Arcanjo. A outra está sob a proteção da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe do Nosso Salvador e compõe-se de pessoas do povo, mais inclinada às coisas de Deus. Estas são tão numerosas, que os congregados chegam ao número de oitocentos, sob a direção dos presidentes, assistentes e de outros membros da diretoria, eleita a cada ano.

Costumam reunir-se depois do almoço de cada domingo, para ouvirem o sermão e para recitarem os salmos, ou as orações comuns, que também são rezadas na Europa, confessando se e comungando em todas as festas e celebrando com grande solenidade, a festa da congregação. Ninguém é recebido na Congregação, a não ser, depois de muitos pedidos e de serem reconhecidos pela bondade e virtudes exemplares. Eles se consideram honrados, em ser admitidos nessa piedosa congregação e inseridos na lista dos congregados, que se dedicam ao serviço da Rainha dos Anjos. Depois, a lista é assinada pelo missionário e colocada no cofre das relíquias. Eles temem, se por

acaso, não puderem cumprir bem. Seus deveres, ou ter transgredido alguma lei ou norma do regulamento da Congregação, porque o padre retira o nome da lista e da Congregação. (Uma grave transgressão, como intemperança, era suficiente para que o culpado fosse retirado da lista. O alcoolismo foi extirpado, com essas atitudes. O diploma de Congregado, era um título de honra para a família e se empunha no caixão do defunto).

Os serviços e as fadigas dos missionários, continuam com a assistência aos doentes, que é a sua principal ocupação (pois só em 1703, temos notícia de médico na missão).

Podemos notar um dos defeitos dos índios e que até agora, não conseguimos acabar com ele; é a sua extraordinária voracidade, gulodice. Não sei explicar, se isso, ainda é um resquício dos seus antigos costumes bárbaros, por terem assim acostumado seu estômago, ou seja, uma necessidade do seu temperamento natural, que é diferente da fome, ainda que discreta das pessoas habituadas ao clima da Europa. Certamente os europeus não sentem tanta fome quanto os índios, enquanto eles estão naquelas regiões. É certo que o defeito desses índios não está ligado nem ao clima e nem aos alimentos.

Com a paciência e o trabalho sábio e constante dos missionários, que tanto insistiram, que conseguiram erradicar a bebedeira, dos novos cristãos, vício muito antigo daquelas nações, que ofendem a Deus e causa brigas e males ainda piores. Tudo quanto se refere à gula e ao bem da saúde, até agora, se conseguiu pouco resultado, prevalecendo o hábito, ou os instintos de fome, aos ensinamentos da temperança e da dieta. Eles continuam comendo com gula, sem se preocupar, saciando-se de frutas e carnes quase cruas, provocando-lhes graves indigestões e, sentindo-se saciados, vão mergulhar nas águas do rio, acreditando que, com isso estão salvos e não se preocupam em dormir, entre a erva e a terra úmida. Dessas desordens, provém muitas enfermidades e muito mau humor, que transmitem para os filhos. (O padre Jesuíta Antão Sepp - Reisebeschreibung, Nürnberg - 1696 - afirma que essas doenças, desenvolvem-se por causa dos vermes, provenientes da carne quase crua, que comem.). O pior, é que depois de doentes, não sabem se tratar, nem mesmo a família sabe e por isso, torna-se dispendioso para a Redução, com uma população entre sete e oito mil pessoas, pois sempre, umas duzentas estão enfermas. Para tratá-las, não há médicos, nem cirurgião e só os missionários entendem

um pouco de medicina, ou levam consigo alguns irmãos coadjutores, que são enfermeiros e estes se esgotam muito com sua caridade, para ensinar a tirar sangue, fazer ou aplicar medicamentos. Não é fácil, suportar os trabalhos pesados, com um número tão grande de doentes. O missionário deve visitá-los e cuidar para que o remédio seja dado e para que seja preparado o laudo, confirmando a doença. Isso é feito pelos padres, em sua casa. Acrescenta-se que devem ainda prepará-los para receberem os sacramentos e quando o mal aumenta, ameaçando a vida, os missionários devem assisti-los durante toda a noite. Mas tudo isso é nada, se compararmos tudo o que aqueles fervorosos missionários fazem, quando uma epidemia assola toda a população. Esses povos não conhecem a peste que costuma assolar a Ásia e que às vezes, penetra em algumas cidades da Europa. No entanto, às vezes circula entre eles, gripes contagiosas e pertinentes, dores, febres malignas, varíola com os mesmos estragos da Ásia, da Europa e da África, (aqui ainda não conhecem-na com esse nome).

Quando uma Redução contrai uma doença contagiosa, para se defenderem, eles costumam fazer a quarentena, para evitar a contaminação. Esses pobres índios ficam doentes porque não têm defesa no organismo, não fazem a dieta e depois de alguns dias na cama, passam dessa, para a outra vida. Em cada casa, parece um hospital. Todos deitados pelo chão, outros em redes suspensas. Usam somente uma pele de veado, ou uma coberta de algodão. É admirável o trabalho dos incansáveis missionários, para atenderem a esse grande número de doentes, no mau cheiro de suas cabanas, para administrar os sacramentos e para impedir que morram de fome. Esse belíssimo trabalho de caridade cristã, por parte dos missionários, é agradável aos olhos de Deus e de exemplo, aos infiéis que, maravilhados, basta para levá-los ao jugo suave de Jesus Cristo.

Outro nobre e santo serviço, é o de ter em cada Redução, escolas para os filhos dos caciques, dos comandantes e chefes e para as músicas, ensinando-lhes a leitura, a escrita, a matemática e o canto gregoriano. Desse fato, nasce um bom fruto para o governo daquelas repúblicas, seja no campo espiritual, como no campo temporal. Exercitando desse modo, em seus rústicos engenhos, aprendendo mais facilmente as virtudes cristãs, servindo à Igreja, ajudando a expansão da fé, enquanto são capazes de atender às oficinas e aos demais afazeres comuns, aos trabalhos e às fábricas, de conduzirem com habilidade as

embarcações e de serem capazes de exercerem os serviços de prefeitos, juízes, corretores e outros ministérios públicos. (Esses índios, alunos das escolas são os que, quando adultos, vão governar o povo - Cartas Anuais da Província do Paraguai, Chile e Tucuman - da Companhia de Jesus). Os que possuem maior talento, estão em condição de ler corretamente uma carta escrita à mão, mesmo sendo em língua estrangeira e cantam corretamente os versos, as lições, as lamentações em coro, sem tropeçar em uma só letra, ou errar o acento. Antes de serem cristãos, sabiam contar até quatro, não conheciam outros números. Se quisessem dizer cinco (5), levantavam a mão. Se quisessem dizer dez (10) levantavam as duas mãos; se vinte, as mãos e os pés e se fossem mais de vinte, indicavam com gestos e emitiam um som estranho, que significava muito. Com tal desconhecimento existente entre os bárbaros não convertidos, não conheciam a idade das pessoas e não sabiam tantas outras coisas úteis à vida humana e civil. Hoje, não se ensina matemática somente às crianças da escola, mas a todo o povo e as lições são repetidas várias vezes, na igreja, após as cerimônias sacras, até que aprendam a mesa dos números (tabuada) e possam fazer uso deles.

CAPÍTULO XIV

O Fruto Espiritual das almas e a maneira de conservá-lo

De todos aqueles que vão visitar as Reduções fundadas nas Províncias do Paraguai e do Rio do Prata, alguns vão por curiosidade, outros pela obrigação de seus cargos (bispos e governadores). Ao verem a maneira como vivem e seus costumes, não podem deixar de louvar e abençoar, a mão onipotente de Deus, por meio dos missionários, que somente por intermédio dele, puderam mudar um povo, completamente bárbaro e cheio de vícios, transformando-o num jardim completamente florido de virtudes cristãs. Quem conheceu a maneira animalesca, que esses índios viviam e que alguns ainda vivem, imersos no paganismo, ficam ainda mais admirados e por isso, louvam ao Altíssimo e aos seus zelosos ministros, os quais, só a Igreja Católica produz.

Muitas vezes já dissemos, que os vícios primários desses bárbaros, são a embriaguez, a incontinência e a crueldade. Quanto à embriaguez, a palavra de Deus, tantas vezes inculcada pelos missionários, fez com que mudem e hoje a bebida chicha, tornou-se um licor suave para todos e não há mais necessidade de castigá-los por causa de bebedeiras. Eles tornaram-se fortes e abominam esse vício, que se alguém lhes oferecer um frasco de vinho, não querem tocá-lo nem com a ponta da língua, causando aos próprios espanhóis, espanto e admiração, os quais, mais de uma vez ouviram os índios dizerem: "Nada de bom vem da Espanha, a não ser o vinho e este se torna um veneno em suas mãos."

Quanto à sensualidade, parece que essa desapareceu nas Reduções, porque quando é chegada a idade conveniente, quase todos os índios se casam, (a idade para os homens é de 17 anos e para as mulheres, de 15 - Regulamento de 1689) e se por acaso, se descobrisse alguma relação ilícita, ou alguma ação escandalosa, quem as praticasse seria castigado publicamente, como já falamos anteriormente. Outra coisa que fazem, é a vigilância para mantê-los longe dos perigos. As casas são construídas, de modo que, cada família, viva e durma separada uma da outra, sem comunicação interna e sem se misturarem, homens e mulheres, nos lugares públicos. ("Para impedir as ocasiões

de pecado, eu decidi construir as casas, com acomodações como as da Espanha, para que, cada família, tenha a sua casa com limites bem determinados, para evitar o acesso fácil, entre uma casa e outra." Carta de Rocco Gonzalez, ao Pe. Torres Bollo, em Cartas Anuais - 1613)

"Costumamos fazer os poços, as fontes, os lavatórios comuns a toda a população, bem à vista e ao cuidado de um senhor, de virtude comprovada, a fim de que, nenhum jovem tenha coragem de atrevimentos e chegar-se com modos indecentes. Muita atenção se tem, para que o Templo de Deus, não seja lugar de tentação para a natureza corrompida. Segundo os ensinamentos de São Carlos (que ainda são praticados em muitas localidades dos milaneses), cada igreja das Reduções está dividida em duas partes, uma para os homens e outra, para as mulheres, ficando um espaço no meio, uma espécie de estrada, que vai da entrada da porta principal, até o altar-mor. O espaço da igreja, era dividido em três classes A primeira era ocupada pelas crianças, perto da mesa da comunhão, "balaustrada" do presbitério, logo atrás estão os corretores, mais cuidadosos, com uma vara nas mãos, que sem cerimônia, batem nos que faltam com o respeito e o silêncio. A segunda classe, mais atrás, é a dos jovens, eles também são vigiados por zeladores mais velhos. A terceira é a dos homens de toda a Idade e atrás deles, alguns velhos, muito venerados, vigia-os. O mesmo rito, observa-se na parte das mulheres. Elas são divididas também na mesma proporção, em três classes, de crianças, moças e senhoras de mais idade. Atrás de cada classe, presidem da mesma maneira, outros zeladores, que passeiam entre uma classe e outra, pela passagem que as separam e que se serve de caminho para as portas laterais. Dessas portas laterais, entram de um lado os homens e do outro, as mulheres, colocando-se imediatamente em seus lugares, sem o perigo de uma classe perturbar a outra, ou que os homens, se misturem com as mulheres. Esta organização é observada com tanto rigor, que um homem, jamais ousará entrar pela porta das mulheres e se por acaso, isso acontecesse, esse ao sair da igreja, era caçoado por todos, considerado e chamado de pateta, atrapalhado. Mas, se descobriam, que o ato foi cometido intencionalmente, por malícia, ele então, é logo castigado.

Para que essa distribuição seja bem-organizada, é necessário construir as igrejas muito grandes, como de fato são. No entanto, apesar da sua grandeza, elas são baixas, porque usam colunas de madeira de um só pedaço. Por isso o teto não pode ser alto, em proporção

com o comprimento e a largura do edifício. Quanto às casas, que estão no mesmo plano, acabam parecendo, majestosas basílicas. Além das portas, há muitas janelas, que mantém a igreja iluminada e são necessárias durante o verão, que é muito quente, pois elas servem para saída dos vapores e do hálito daquela gente grosseira. Pobres padres e pregadores, que têm que suportar tal ar viciado.

Nas Reduções fundadas na terra dos Moxos, sendo mais recentes, foram melhor construídas e melhor ornadas, com três naves, o coro e a cúpula, que dá uma maior ideia de religião para aqueles bárbaros.

Para conservar a honestidade e impedir as desordens, é necessário que os missionários tenham durante a noite, ministros secretos, que informem sobre as coisas erradas que possam acontecer, para poderem corrigir. Fazem três turnos de vigias, à noite e esses sentinelas, que se alternam em cada turno, foram criados para dar segurança à população, protegendo a Redução, contra os celerados mamelucos do Brasil.

Nesses novos cristãos convertidos, com delicadeza, preocupação e com as pregações frequentes, foi inculcada uma grande veneração pela castidade, que mais de uma vez, se viu uma moça preferir morrer a consentir com a impureza, desejada pelos índios infieis.

Todos os índios têm o costume de conservar uma longa cabeleira, da qual se orgulham, mesmo que ela os torne feios, mas eles se acham belos e formosos e consideram uma grande afronta, de quem quiser cortá-la. Muitas vezes, não se consegue distinguir entre um homem e uma mulher, porque os homens, quase não têm barba. Mas esse inconveniente não acontece nas Reduções, porque quando os homens se convertem e se tornam cristãos, eles deixam aparar os cabelos e isso acontece também com os filhos e assim, facilmente os cristãos se distinguem dos índios pagãos.

Os meninos de cada território, ao ouvirem o toque da Ave Maria da tardinha, costumam reunir-se e ajoelhar-se diante da Cruz mais próxima e entoarem as principais orações da doutrina Cristã e outras canções espirituais, feitas em sua língua, pelos missionários, reavivando assim, em toda a Redução, a lembrança das coisas sagradas. Com esse costume, foi crescendo a piedade, que hoje, ninguém dorme, sem antes fazer suas orações. Eles observam essas normas, também quando viajam pelos piores caminhos, quando estão nos rios, para a pesca,

ou quando vão para outras cidades, deixando os próprios espanhóis admirados, os quais não ouvem outra coisa da boca dos índios, a não ser cantos espirituais e orações devotas. (O Pe. Sepp, diz que para os guaranis, em suas viagens, o rosário era o seu melhor companheiro) Essa admiração cresce ainda mais porque, jamais se ouve sair da boca desses bons índios, juramentos, imprecações ou palavra indecorosa, ou injuriosa. Ao contrário, esses novos cristãos ouvem palavras e assistem ações de maus exemplos, justamente de quem deveria dar o exemplo, por ser mais antigo na vivência cristã e na fé esses não deveriam servir de escândalo para os novos convertidos, porém graças a Deus, apesar de terem o mau exemplo dos espanhóis, os índios não querem imitá-los. Alguns homens índios das Reduções, em número de cem, por ordem do Presidente Dom José de Salazar, foram trabalhar em Buenos Aires e depois que voltaram para casa, alguns candidamente diziam aos missionários: "Os senhores nos ensinam que algumas ações são pecados contra a honestidade e a caridade e nós sabemos que alguns espanhóis, que são cristãos, cometem abertamente." Filhos meus", respondeu o padre, pois não saberia dizer outra coisa senão, que aquela doutrina, é a mesma que ensinamos a vocês o que vem do mesmo Deus. Nós ensinamos aos espanhóis e os não espanhóis. Se eles não a observam, irão pagar caro no tribunal de Deus. Vejam vocês, se obedecerem, não terão que perder para sempre suas almas e nisto, vocês têm mais juízo que eles". Por esse motivo e para que não corrompam os bons costumes com os maus exemplos dos maus e para resguardar os demais bons, os Jesuítas obtiveram dos Reis Católicos, uma proibição da entrada dos espanhóis e demais europeus nas Reduções, a não ser, por necessidade de passagem reservada aos bispos, aos seus visitantes e aos governadores das Províncias. Se por acaso chega um europeu, logo é colocado a seu lado, um sábio índio, que saiba controlá-lo, ou despedi-lo com boas maneiras, o mais depressa possível. Esta é uma das razões, pelas quais, nas Reduções do Paraguai, longe das vistas dos europeus, florescem mais que em outras partes. A inocência e a observância dos mandamentos de Deus, não tendo eles, quem os desvie com seus maus exemplos, do caminho certo, conservando a pureza de conduta, dada a eles, pelos piedosos padres Jesuítas. ("Procura-se manter os espanhóis fora do povoado e se entrarem, que não façam mal aos índios e saiam o mais breve possível - Instrução de 1609, do primeiro provincial do Paraguai: Diego de Torres Bollo).

Pela mesma razão, nós observamos nos camponeses das províncias europeias, uma igual e louvável simplicidade de costumes de temor a Deus e aversão aos pecados, porque eles não têm diante de si, o exemplo escandaloso dos maus cristãos da cidade e nem se comunicam com as más pessoas. Observam a temperança nos alimentos e os trabalhos, eles não têm nem tempo, nem vontade de ofender a Deus. O bom exemplo dos pais, é a principal escola para os filhos. Nas Reduções desses novos cristãos, cada família procura criar a própria prole, com o bom exemplo e com os ensinamentos de uma verdadeira piedade e os mais velhos são os que mais observam a Santa Lei.

Porém, não há motivo para se admirar, que a juventude é levada a imitá-los e não ousa contrariar. Enquanto durar esse método, espera-se que se conserve e cresça, não somente o número, mas também a virtude da florescente cristandade. Não se quer afirmar com isto, que entre os novos convertidos, não possa nascer também, num belo jardim bem cultivado, alguma erva má, mas nesses casos, providencia-se logo, para que seja arrancado o mau exemplo, para não tirar a harmonia de muitos, que são na realidade os verdadeiros cristãos.

A crueldade e o espírito de vingança, são vícios de família para esses que são sedentos de sangue, no tempo em que viviam como animais e hoje ainda há muitos que não foram reduzidos e que não pertencem à Igreja Católica. Hoje, esse vício não é mais conhecido nas Reduções Cristãs do Paraguai e em seu lugar, nasceu uma indivisível caridade fraterna. Isto é narrado nos Atos dos Apóstolos, a respeito da Igreja Primitiva: "Que na comunidade dos crentes em Jesus Cristo, observa-se um só coração e uma só alma" (At. 4.32). O mesmo, é encontrado entre os bons cristãos das Reduções. Aqui, com a santa paz e o amor fraterno, vivem entre eles, estes irmãos. Não acontecem mais homicídios, rixas ou discórdias; são também muito raras as lides cívicas e quando acontece com dois, são regulados pelos juizes deputados. Todos disputam para socorrer os pobres e existem fundos comuns, destinados ao sustento dos necessitados. Se numa Redução, as plantações não produzirem nada, ou se ocorrer alguma desgraça, as outras Reduções não permitem que aquele povo passe fome e cada um contribui com uma parte suficiente do próprio sustento, para a necessidade do outro, sem nada cobrar. A sua caridade se estende principalmente para os idólatras, para atraí-los ao conhecimento do verdadeiro Deus e à fé em Jesus Cristo e não há ultraje ou fadiga, que não suporte

de boa vontade, quando se trata de converter algum pagão selvagem. E quando conseguem trazer alguém para a Redução, recebem-no com alegria, fazendo-os mil agradados. Por mais selvagens que sejam, hospedam-nos em suas casas, conforme determina o missionário, dando-lhes alimentos, vestindo-os, dando-lhes um pouco do que têm e lhes ensinam a doutrina cristã e as orações. Parece-lhes que conquistaram um novo filho, quando alguém abraça a Santa Religião.

Já falamos com que fervor, eles vão em companhia dos missionários ou dos caciques, para procurar os índios selvagens, expondo-se generosamente aos cansaços, à fome e aos perigos de vida, para expandir o Reino de Cristo. Os outros se dedicam a ensinar a sua língua aos missionários novos, com afeto e paciência incríveis, sem se aborrecerem jamais, ainda que se peça cem vezes para repetir o mesmo vocábulo. Havia um cacique, que com toda a diligência, se ocupava em traduzir na própria língua, os sermões, as pregações e as orações, para que os novos missionários aprendessem a língua que ainda não sabiam e para que assim pudessem, com facilidade se aplicar a sua missão, em favor das almas. Podemos acrescentar um ato de admirável caridade dessas pessoas, que hoje ainda facilita grandemente a fundação de novas Reduções; quando uma nova é fundada, todos os habitantes das já existentes, não só concorrem com seu incrível zelo, para providenciar os mantimentos para aquele povo, até que estejam em condições de sustentarem-se com suas próprias provisões, como ainda fornecem a semente, instrumentos, trabalhadores e artesões, dos quais, os catecúmenos possam aprender a cultura da terra e as outras artes necessárias para sobreviverem. Essas Reduções, depois de algum tempo, chegam a igualar-se às outras já fundadas a mais tempo. Não há necessidade de dizer, que para essas obras, contribuem também a caridade dos bispos, governadores e de outros senhores espanhóis importantes por sua nobreza e mais por sua piedade, mandam generosas doações, quando se trata de propagar a fé, com as novas Reduções.

CAPÍTULO XV

As principais festas desses novos cristãos e a maneira de celebrá-las

Para solenizar as principais festas eclesiásticas, os novos cristãos do Paraguai adotam a seguinte postura: Todo o povo se reúne nas vésperas e recitam o rosário, empregando o tempo até o anoitecer. Na manhã do dia da festa, a população acorda com o som solene dos sinos. Os padres atendem a confissão e terminado o sacramento da penitência, cantam todas as orações, até que todos os fiéis estejam na Igreja para a missa. Começa o sermão do dia do Santo ou da festa do Mistério da Igreja. Terminada a missa todos são liberados, permanecendo no recinto, apenas aqueles que comungaram, para a ação de graças, e as crianças continuam cantando, até que tenha gente na igreja para que a devoção cresça.

Para a festa do corpo de Deus, os fiéis adornam totalmente a igreja, a praça e as ruas por onde deve passar a procissão, arrumando tudo com grande beleza. Mesmo dentro de sua pobreza, se esforçam para pôr esses pobres ornamentos da campanha de tal modo, ordem, variedade e proporção que faria inveja às nossas cidades da Europa, com suas artes de tapeçaria, pinturas e brocados. Constroem arcos largos como as ruas, levantam-nos de distância em distância e revestem com ramos de árvores com as devidas proporções. Enfeitam com as diversas flores, que a natureza cobre a terra durante aquela estação. Outros se ocupam na pesca naqueles vastíssimos rios e trazem os melhores peixes. Outros se dão à caça de animais selvagens, mais saborosos e penduram nas arcadas das alamedas, como, galos, pombos, pavões, etc. Os caciques são encarregados de caçar essas aves. Eles procuram pegar os pássaros vivos mais lindos e em grande quantidade, pássaros que se encontram nas margens e nas ilhas dos grandes rios e principalmente no Rio Paraguai, que na sua língua significa "Rio das Penas" por causa da grande variedade de pássaros que existem aí, grandes e pequenos com penas belíssimas. (A palavra Paraguai, na língua guarani poderia derivar de para cua-i = rio dos guaca mayo - papagaios de cores brilhantes, Payaguá-i = rio dos Payaguá = tribo indígena; Paraguá i rio circundado de palmeiras). Esses pássaros são

amarrados num pé de modo que possam saltar de um ramo a outro, possam fazer pompa com suas cores. Ao lado das estradas colocam os filhotes de tigres, leões e outras feras, bem amarradas para que não cause danos e nem perturbem as funções, e isto para eles é grande solenidade, como em algumas cidades da Itália, onde tinham gaiolas ou viveiros com essas feras. Ao mesmo tempo, as senhoras se ocupavam no fabrico de farinha de trigo ou de milho, para fazer bolo, tortas cozidas ao fogo e depois colocadas nas arcadas, ou colocam no chão, como tapeçaria.

Recolhidas todas as espécies de frutas, hortaliças que a terra produz, unem e armam como ornamento e colocam nas paredes bem ordenadas. E sobre essas mesmas paredes, estendem cobertores delicadamente trabalhados com penas de várias cores, bem simétricas, que os tornam belíssimos. A estrada é toda coberta com esteiras, ramos, flores e ervas perfumadas. E tudo se apresenta muito belo, porque, como já dissemos, as estradas eram largas, retas e iguais. Devemos nos informar, se os europeus fazem a mesma coisa. Nas reduções, eles espalham ao lado da estrada por onde deve passar o Santíssimo Sacramento, as sementes de grãos de milho, legumes com os quais costumam semear os campos. Essas sementes participam assim das bênçãos de Deus, para se multiplicarem de acordo com suas necessidades.

No fim da missa solene cantada, se organizava a procissão do mesmo modo que se faz na Europa. O sacerdote, debaixo do baldaquim, com as vestes sacerdotais e a capa pluvial, segurada nas pontas por sacerdotes e na falta deles por dois clérigos, acompanhavam todos os cantores, os quais estavam divididos em várias caras que se alternavam. No começo de cada entrada se fazia um altar ornamentado, sem ouro nem prata, mas com tanta perfeição, com ervas, flores naturais e imitações, que despertam a devoção, mais do que aqueles preciosos altares, feitos por nós. Nele se colocava o Santíssimo Sacramento, enquanto os cantores cantavam algumas estrofes de hinos sacros e que as vezes terminam com alguma afetuosa conversa. Como já disse muitas vezes, em todos os lugares, só sente o perfume das flores e a fragrância da natureza, o que podemos chamar de, verdadeiro "*Chisti bonus odor*" = "O bom odor do Cristo" e que, acima de todas as coisas, que se torna sumamente agradável a Deus, em honra do qual se faz festam é a grande devoção que se observa naquele bom povo, durante as funções Sagradas.

Todos os homens participavam da procissão, exceto os que estavam legitimamente impedidos por algum motivo, os ausentes, doentes. Depois da cruz paroquial seguiam as crianças com as mãos juntas e da mesma maneira seguem todos os demais homens que não pertencem a nenhuma Congregação, porque cada Congregação vem logo após o seu estandarte e o titular com uma insígnia. Mais adiante vão os jovens seguidos pelos mais velhos. Mais perto do boldaquim, vão os caciques e os chefes do lugar. Atrás do Santíssimo vêm com os candelabros na mão, o magistrado, composto pelo corretor real, prefeitos, os juizes, os fiscais da doutrina, o procurador do povo, os ministros dos enfermos, os mestres de obras, sargentos e outros ministros civis e militares, que atendem o bom andamento da República. Do mesmo modo que os homens seguem as mulheres que acompanham essa multidão com tal ordem, modéstia e silêncio que não há pessoa que ouse abrir ou fazer qualquer coisa que não convém, diante de Jesus Sacramentado. Para que se observe uma atitude de composição, estão distribuídos pela procissão alguns zeladores entre os mais veneráveis, com o dever de evitar que alguém falte à devida devoção e à decência que se deve mostrar em tal santa função. É também costume que algum pelotão de soldados com seus distintivos, tambores e fuzis, para dar as salvas de tiros ao venerável sacramento, costumam preceder a luz da paróquia. No final, dada bênção ao povo e terminada a função, alguns deputados fiéis iam recolher tudo o que era comestível e que adornava as paredes laterais. Feita colheita, esperam o padre missionário, que manda dar o melhor aos doentes e aos necessitados e o restante é dividido para os que mais trabalharam para a festa. E assim Deus triunfa no meio dessa nação, onde, antes não sabiam nem que Deus existisse. Essa festa era feita de modo que os infiéis também assistissem e alguns, vendo um espetáculo tão devoto, rendiam-se ao chamado de Deus.

Na festa do Santíssimo Padroeiro ou o Protetor da Redução, a participação era ainda maior, porque se convidavam duas ou três Reduções vizinhas e também para manter a fraternidade e a benevolência entre eles. De fato, vinham os seus corretores com os chefes, a cavalo, vestidos com os melhores ornamentos, que guardavam para tais festas, e atrás deles vinha toda a população das Reduções citadas, de maneira que nessas Reduções, permanecessem somente algumas pessoas. Ao meio-dia da vigília, os sinos começavam anunciar a festa,

acompanhados do som de tambores, pífaros e cornetas. Diante da casa de quem representa o régio poder, na porta, é colocado o estandarte régio, debaixo de um dossel. Na hora marcada depois do almoço, o alferes, montado em seu cavalo, acompanhado pelos mais importantes, também a cavalo que se somam uns 500, são precedidos por pelotões de soldados a pé, com o estandarte na frente e suas bordas segurados pelos seus corretores convidados ou prefeitos e passam pelas ruas, até chegarem na igreja. Desmontam todos e na porta, o estandarte é entregue ao alferes, o qual recebe a água benta da Páscoa e é conduzido à igreja, na capela maior, onde lhe é concedida uma cadeira e tapete em lugar especial.

Cantam as vésperas (oração da tarde) com quatro ou cinco sacerdotes, que foram convidados das Reduções vizinhas. Os meninos dançam com roupas leves, como se faz nas catedrais espanholas, depois o alferes com seu séquito, volta para casa por outra estrada. Chegada à noite, acendem fogueiras por todas as partes e iluminam tudo com alegria. Na manhã da festa, todos os habitantes vão à igreja para fazerem suas devoções, imitados por muitos visitantes. Chegado o momento da missa cantada, procede-se da mesma maneira do primeiro dia. O régio alferes toma parte de todo o ofício e do sermão de um missionário visitante. Terminado o sermão, ele é conduzido para casa, onde já está preparado um grande almoço para aquele povo, com pão de trigo, peixe, carne de boi, de vitela e de outros animais, tudo em grande quantidade, tendo em vista a já citada voracidade. A bebida para os convidados é a água, com alguns sucos de ervas chamadas ca'a = ka'a, mas, nesse dia se permite algumas garrafas de vinho, que pelo fato de vir da Europa ou de outras províncias distantes, custa muito caro e por isso é distribuído em pequenas porções, que jamais a alegria chega a tontear a cabeça dos bebedores.

Um almoço semelhante é preparado também nas outras casas, onde cada convidado à sua festa, é tratado com muita cordialidade. A conversa dura até a hora das segundas vésperas, às quais todos são convidados com o mesmo ritual de antes. Depois, todos vão fazer teatro ao redor dos competidores a cavalo, os quais estão divididos em vários esquadrões e com insígnias de diferentes nações. Correm na praça, primeiro em linha reta e depois em círculo. Os missionários assistem essas funções para impedir com sua autoridade, qualquer inconveniente que possa surgir e para decidir, na qualidade de juiz,

qualquer controvérsia entre os competidores. Eles sentam em cadeiras com uma mezinha em frente, sobre a qual são colocados os prêmios, para aqueles que mais se distinguem. Estes prêmios consistem em terços, medalhas, cruzinhas, tesouras, canivetes, etc. Depois eles os distribuem a cada competidor. Mesmo o último classificado ganha alguma coisa, de modo que todos saem contentes e satisfeitos. Ao sinal do padre, termina a função e todos retornam para as suas casas.

Em algumas ocasiões, são permitidas as danças entre eles. É costume, as danças só para homens, e não sei dizer se entre as mulheres acontece o mesmo. Essas danças eram bem ordenadas, ao som dos instrumentos que os próprios europeus ficavam maravilhados e assistiam com prazer. Eu quis contar todas essas pequenas particularidades para que o leitor compreenda, que entre aqueles novos cristãos reina ainda uma alegria inocente e louvável e que o vínculo de amor e de hospitalidade, une entre eles aquelas pequenas repúblicas. Não há necessidade de acrescentar algo mais. O leitor, bem pode imaginar, que devoto é o comportamento desses bons cristãos nas funções da Santa Missa, que também naquelas regiões se celebram, segundo os ritos tradicionais da Igreja.

Também não podemos nos calar a respeito do seu cuidado e zelo, em ornamentar os seus templos. Isso não ficava atrás de ninguém. Eles não descansavam enquanto não se satisfaziam de perguntas ao missionário, se existem igrejas melhores do que a deles, nas outras Reduções, e se ele permite-lhes melhorá-la ou construí-la novamente, uma outra maior e mais bela. Obtida a licença, eis que todos arregaçarem as mangas e comecem a levantar um novo edifício, ornamentá-lo com tanta garra que cada Redução queria que sua igreja fosse a melhor, a mais vistosa de todas. E se por acaso eles veem em outra igreja, um detalhe, ou relevo, ornamento que eles não têm na sua, não descansam até não conseguirem outro igual, ou semelhante. Não medem esforço ou trabalho e se necessário for, tiram o pão da boca para terem como comprar tal objeto, ou para arrumar qualquer libra de ouro para dourar. Isso, às vezes, é necessário ir buscar até no Peru, ainda que sejam essas Reduções distantes mil milhas e muitas vezes até mais. O mais lindo, é que esse zelo religioso, serve de estímulo para aprenderem as artes e estudar o quanto podem, para obter a perfeição para a maior glória de Deus nas suas igrejas, fazendo para elas, várias peças ornamentais e trabalhos durante o ano, sem se cansar e sem ja-

mais pedir alguma recompensa, nem mesmo um anzol, uma tesoura, uma medalha, ou também se podem comprar tal pássaro, tecido ou outros ornamentos para dedicá-los ao culto de Deus e à decoração das Igrejas.

CAPÍTULO XVI

O Governo Eclesiástico daquelas Reduções

Estes novos cristãos estão sujeitos, como os demais infieis, à jurisdição dos bispos, nas dioceses, onde se encontram as fundações das Reduções, assim como estão os Bispos de Assunção, Buenos Aires, Córdoba e de duas ou três localidades, que se encontram naquelas regiões do país. Para os Bispos, sobra pouco serviço para regular aquelas Reduções muito distantes, porque ali só vive o pároco Jesuíta com um sacerdote. Não há clérigo, pároco secular, nem mosteiros de monges e confrarias, como existem na Europa. Os prelados não fazem outra coisa a não ser, enviar aqueles editais que eles mesmos fazem, ou que vêm de Roma, ou conselhos e esmolas; ação que é praticada pelos ricos e zelosos, para a dilatação do Reino de Cristo naqueles territórios bárbaros. O peso das igrejas das Reduções está sobre os ombros dos párocos Jesuítas, os quais conhecem a língua e a maneira de conduzi-los a fazerem aquilo que é conveniente.

Estes missionários, no momento que são julgados capazes de fazer tal trabalho, por conhecerem suficientemente as nações daquela estranha língua, são apresentados ao padre Provincial e ao governador da Província, que os nomeia em nome do Rei, e o bispo lhes confere diversas faculdades e privilégios concedidos àqueles párocos, em parte pelos bispos e outra parte da Santa Sé, seja pela grande distância, seja para facilitar a conversão dos infieis e a perseverança dos já convertidos. O zelo Pastoral dos Bispos, moviam-nos a fazer alguma visita àquelas populações, seja apenas para conhecer de vista aquelas ovelhas, ou para ser conhecido por elas e em particular para administrar-lhes o Sacramento da Crisma. Tais visitas podem ser chamadas de missões, semelhantes às dos apóstolos, porque não cobram nada, por causa da pobreza daqueles povos, mas aceitam doações de quem pode e quer dar, pois precisam para poderem fazer as visitas. Para se ter uma ideia das dificuldades, num só giro de visitas, alguns bispos receberam como doação, durante o ano todo, como aconteceu com o bispo de Buenos Aires, que não conseguiu mais de três mil pesos de coleta, onde o arcebispo de La Plata, do qual ele é sufragâneo, não conseguiu sessenta mil. O bispo de Buenos Aires precisa recolher

quantas provisões necessita para si e para todo o seu séquito, quando quer fazer as visitas, aproximadamente por 650 milhas que se conta de Buenos Aires até as primeiras Reduções do Uruguai. E isso porque na viagem não se encontra terra nem vila que se possa abastecer do necessário e também nenhum miserável abrigo para se recolher durante a noite, tornando-se necessário levar barracos ou tendas. Todo esse território, antes de chegar à Reduções, não é cultivado e é montanhoso. Pode-se compreender qual é o zelo desses bons pastores em exporem-se à tantas fadigas e sofrimentos para o bem de suas ovelhas, os quais sentem-se sumamente felizes em receber e ver em sua vida, o sagrado pastor.

Certamente tais visitas são raras e se repetem depois de muitos anos; por isso a população das missões, convida e espera essa visita. Pedem, rezam, e quando sabem que as suas preces foram atendidas, eles preparam ao bispo, uma ótima acolhida. Fazem tudo para poderem servi-lo durante o caminho. Alguns preparam as estradas para torná-las menos perigosas. Outros servem de guia, de cortejo e guarda-costas contra os perigos dos mamelucos e das feras. Outros esperam nos lugares mais desertos e preparam as previsões e refrescos. E para que os índios, por causa de sua rudeza, não faltem com seu dever, escolhem corretores ou outros chefes, de maior talento para vigiar sua conduta. Para isso um outro missionário dirige o percurso da viagem, de maneira que não falte, na medida do possível, a comodidade para o seu pastor, naquele país.

Algumas milhas antes do bispo chegar a alguma Redução, começam as manifestações de alegria, que cada um mostra pela sua vinda. É costume dos índios, irem ao encontro do prelado com as congregações, as milícias militares e quando avistam um pastor, começam a abanar com as bandeirinhas, a fazer manifestações, circunvoluções com os cavalos e a manifestar sua alegria, de acordo com seu costume. Aproximam-se, descem do cavalo, se ajoelham e beijam com reverência a mão do bispo. Recebida a bênção, voltam aos cavalos, formam duas alas e o acompanham. A umas três milhas da Reduções, vão ao encontro o régio corretor, o tribunal de justiça, os caciques, os capitães e os chefes. Atrás vem o padre superior dos missionários com os demais sacerdotes que pode reunir de sua paróquia, os quais dão as boas-vindas ao bispo e acolhem-no com a mesma reverência dos primeiros. Junto à Redução, é acolhida pela infantaria, dividida em suas

companhias, cada uma com suas insígnias militares, armas e tambores, e todos aclamam as boas-vindas do prelado, ao som dos clarins e pífaros e fazem demonstração de sua alegria. Os sinos tocam festivos para receber os visitantes.

Quando o bispo entra na igreja, encontra todas as mulheres reunidas, pois não é permitido a elas se misturarem com os homens, nem mesmo neste dia de tanta felicidade. Não podemos descrever sua devoção ao vê-lo e qual a veneration e respeito, que não se pode explicar facilmente, porque todos eles sabem que estão honrando na pessoa dele, o Supremo Pastor das nossas almas. Depois de dar a bênção apostólica, que todos recebem com as mãos juntas e a cabeça inclinada, o bispo é acompanhado até o genuflexório preparado diante do Altar-Mor, onde permanece de joelhos em oração. Logo em seguida se canta o *Te Deum* (hino de ação de graças), acompanhado pelo órgão e com a máxima solenidade. Terminada essa cerimônia, os padres e os chefes conduzem o bispo a seus aposentos e acomodam todos os seus acompanhantes em lugares já preparados. Eles ficam atentos para servir e assistir a todos, de modo que nada falte aos visitantes. Nos dias em que o prelado se ocupa da visita e confere a crisma a cada um que está preparado, o povo não para de fazer demonstrações de alegria. Vemos em todas as ruas e praças, surgir um jardim, seja pelas flores e ervas aromáticas espalhadas pelo chão, ou pelos arcos triunfais que levantam, enfeitados com flores e ramos de árvores engenhosamente entrelaçados para as festas.

Esta é a magnificência que eles preparam, como costumam fazer os humildes padres capuchinhos entre nós. Aqueles bons índios certamente não poderiam ter feito mais, mesmo que tivessem de receber o Sumo Pontífice.

Em todo o caso, é certo que todos aqueles bispos que visitam as Reduções encontram tanta regularidade nos costumes, tanta devoção nas funções sagradas e assim preparados para a obediência e respeito aos párocos, chorando de devoção pela consolação, não cessavam de louvar e agradecer a Deus pela sua graça, que pode transformar em mansos cordeiros, aqueles que, pouco antes viviam como feras indomáveis, alimentando-se ao lado dos outros com carne humana.

Não se deve esquecer, que mais que todos, os padres da Companhia de Jesus, aos quais são confiadas aquelas missões, pedem a visita dos bispos, para que esses prelados vejam com os próprios olhos a

falsidade, os boatos e calúnias que espalharam contra esses índios, dos quais falaremos mais adiante. De fato todos os prelados que estiveram naquelas regiões das Reduções, testemunharam em favor daqueles religiosos em todas as ocasiões que se apresentassem e em particular nas cartas escritas aos Sumos Pontífices e aos Reis Católicos.

CAPÍTULO XVII

A Felicidade Temporal dos Novos Cristãos do Paraguai

A felicidade temporal que gozam os índios da América Meridional, não é menor do que aquela espiritual; felicidade que muitos dos europeus, habituados ao luxo, à grandiosidade e aos prazeres, não reconhecem entre essa humilde gente, mas que considerando, segundo os verdadeiros princípios, efetivamente que aí, encontra-se e em algum outro lugar também, pode-se afirmar, muito superior ao estado de muitos povos da Europa.

A liberdade bem disciplinada, uma provisão suficiente para o alimento, a roupa e a casa, a paz entre todos e a tranquilidade de ânimo, são ao meu ver, os verdadeiros e sólidos ingredientes, que formam a felicidade de um povo. Ora, os habitantes das Reduções cristãs, até agora descritos, são súditos dos monarcas católicos da Espanha e dependem dos governadores reais das três grandes Repúblicas ou Províncias, de Tucuman, Rio do Prata e do Paraguai; mas súditos de condições assim tão mansas e agradáveis e desfrutam de quase toda a sua liberdade e na verdade, cada uma daquelas províncias é governada em forma de República.

Numa determinada época, os povos se sujeitavam ao domínio dos sábios romanos, com uma discreta vassalagem que, se de um lado, perdiam um pouco a sua liberdade, do outro ganhavam a defesa e proteção de uma república assim poderosa, que ficavam livres de muitos males, dos quais sozinhos não podiam se livrar.

Naquelas terras, existem tantas Reduções, quantas Repúblicas. Há um só corretor régio, que é índio e não espanhol. Ele é nomeado pelo Governador da Província, para cada Redução e se torna um lugar-Tenente do Governador, com aquela autoridade necessária para o bom andamento do governo. Todos os outros oficiais também são eleitos pela sua nação, isto é, pela população dos índios. Em cada Redução, a eleição ocorre no primeiro dia do ano e são eleitos dois alcaides, que são como dois presidentes do tribunal e outros oficiais necessários para a administração do governo público e da justiça civil.

São também de nacionalidade indígena, os caciques, os capitães e os oficiais militares, pois os espanhóis não podiam ocupar ne-

nhum cargo dentro das Reduções, nem estabelecer domicílio e nem exercer qualquer tipo de jurisdição, exceto o Régio Governador, ao qual, é apresentado o elenco dos eleitos, para receberem a aprovação. A administração da Justiça e o governo do povo, eram funções desses ministros domésticos e eles são na realidade, muito zelosos na função de procurar o melhor para a Pátria. Por isso tudo anda na maior harmonia e de modo particular, porque os missionários, sumamente respeitados por todos e desinteressados, estão vigilantes, para que nenhum abuse do próprio encargo e nem prejudique o bem público. (O corregedor, em guarani "poroquaitara", era a mais alta autoridade civil e era o chefe do cabildo, ou do conselho municipal da Redução. Depois vinham um tenente do corregedor, dois alcaides, com cargos administrativos e de polícia, dois alcaides rurais, quatro regedores ou conselheiros municipais, um mordomo ou administrador, dois oficiais de polícia (alguaciles), um alferes real e um secretário).

Os delinquentes, comprovada sua pouca capacidade de raciocínio, não eram castigados com todo o rigor costumeiro. Isto, no entanto, sendo indispensável aplicar-lhes algum castigo, pois não entendem, senão a razão do medo e podiam com isto, afastar-se dos vícios e das coisas que os corretores e os alcaides estabelecem. Os castigos têm o parecer do pároco que, feitos e executados com prudência, para que os castigados não passem a odiar as pessoas corretas da República, da Igreja e da religião. Somente quando o crime é muito cruel e selvagem, é que merece a pena de morte (e isso é coisa muito rara entre aquela boa gente), que neste caso, é mandado ao Governador da Província, onde o tribunal monta o processo. (Em 1649, foi impresso o Livro de Ordens, que continha os relatos do Pe. Vicente Carafa, sobre os regulamentos, as leis e os códigos penais, vigentes nas Reduções. A pena de morte não existia e os crimes mais graves, eram punidos com a detenção perpétua - Regulamento de 1686 - mas de 1716, a pena máxima passou para 10 anos. O número máximo de chicoteadas, era de 25 golpes e o condenado não podia receber mais de três séries durante dois meses. Tais penas corporais, não eram aplicadas publicamente).

Os tributos impostos aos novos cristãos, pelos bondosos reis da Espanha, são tão suáveis para os povos indígenas, que causa inveja aos povos da Europa, porque não exigem nada mais do que uma pequena contribuição, como sinal de vassalagem; e não exigem outra coisa, a não ser, colocar-se a serviço da Coroa e se a necessidade exi-

gir, por exemplo, uma expedição militar, construção ou fortificação de alguma cidade ou fortaleza, coisa que acontece raramente, então eram convocados. Essas pequenas contribuições, têm também como contrapartida, conceder-lhes vários privilégios pelos Reis Felipe IV, mais tarde confirmado pelo Rei Carlos II e hoje, pelo piedoso Regente Felipe V.

O primeiro privilégio, é que todos os índios, colocam-se imediatamente sob à obediência do Rei, tornando-se súditos da Coroa Real, depois de receberem a pregação dos padres Jesuítas. Daí em diante, não podem mais serem dados aos feudos, ou levados às comendas (como é usado em outros lugares) e nem serem sujeitos à jurisdição de qualquer outro poder.

O segundo privilégio, é que os cristãos das Reduções, não podem ser obrigados a pagar tributo, mais de uma "peça" por cabeça (uma moeda no valor de 8 Júlios Romanos), ao passo que os outros índios reduzidos nas comendas, pagam 5 "peças" por cabeça e mais outros maus-tratos. Nas memórias dos padres Jesuítas, tenho posto que, cada um pagava 1 "peso" e este valia mais de 8 Júlios Romanos.

O terceiro privilégio: eles não são obrigados a pagar esse tributo, antes de completarem 20 anos de idade e depois de receberem o santo batismo. E esse tributo deve ser entregue pessoalmente nas mãos do Ministro Real da capital, do qual, recebem um recibo ou atestado do pagamento, sem a intermediação dos exatores, ou dos comissários, que em muitos países da Europa, extorquem os tributos do povo e às vezes, sem proveito nenhum paia os cofres do governo. Por este motivo, os ministros da República e especialmente os padres da Companhia de Jesus, vigiam para que essa obrigação seja respeitada. Esse tributo é pago somente pelos homens, nunca pelas mulheres. Ao completarem 50 anos, não precisam pagar mais. Muitas vezes, também são aceitos como nobres, todos os caciques e outras 12 pessoas, que em cada Redução, ocupam-se no serviço das igrejas. Os nossos europeus, dão testemunho, quando fazem as contas do total que devem pagar aos príncipes e rejeitam a ideia, de que os bons cristãos, não sejam bem tratados também, no que se refere ao bem temporal.

De tudo que foi narrado até agora, pode-se deduzir, quanto louvor merece a piedade dos reis católicos da Espanha, soberano tanto numa, quanto noutra América. É claro que, no que diz respeito ao Paraguai, nem o interesse humano e nem os motivos políticos munda-

nos, levaram a entender suas conquistas vastíssimas, mas movido pelo desejo de conquistar súditos para a fé de Cristo e de popular o Paraíso de almas. Damo-nos conta do grande e santo zelo, da sua pureza, considerando o alto custo, gasto nos erários reais, em favor desses índios. Cada vez que se deve mandar da Europa os missionários, as despesas saem dos erários reais, que somam mais de trezentas peças e mais o gasto com a viagem. E para manter as missões e os missionários do Paraguai, é necessário desembolsar cada ano, dez mil peças. Igualmente, cada vez que se constrói uma igreja, o Rei manda um sino e paga todas as despesas da ornamentação sagrada. Sempre foi encargo do Rei, fornecer o vinho para as missas e esse era enviado da Europa, do Peru ou do Chile, todas províncias longínquas. As despesas de óleo para as lamparinas, que devem ficar acesas dia e noite, diante do santíssimo, era trazido da Europa e pago pela Coroa Real; e eu não sei dizer se os missionários têm tentado plantar nesses lugares, as oliveiras, árvores que nesse clima quente, deveria crescer bem. (A não ser que aconteça na América, o que aconteceu nas ilhas da Europa, onde as oliveiras crescem e dão muitas folhas, mas não dão frutos). Enfim, o dito erário, administra em cada Redução, quarenta ducados ao ano, para a compra de medicamentos para os doentes e outras contribuições para os gastos extraordinários.

Quase todas essas despesas são cobertas em todas aquelas regiões das índias, pela heroica caridade dos monarcas católicos, a qual, Deus abençoa também nos bens materiais, concedendo lhes, já há 250 unos, desde o descobrimento, o domínio das várias partes do inundo. Acrescenta-se ainda, que além dos cristãos convertidos, pagarem os seus tributos com valores baixos ao Rei, eles contam ainda com sua proteção e defesa. As Reduções não estão muito distantes da cidade ou dos Fortes dos espanhóis, para que no caso de invasão dos selvagens, os soldados espanhóis possam socorrê-los nas Reduções. Só o fato de serem vizinhos, bastava para dispersar os inimigos. Por isso, podemos também dizer, que é uma grande felicidade, para aqueles povos, o "não saber" e por isso não precisarem contribuir com os impostos pessoais, impostos de consumo, taxas e outros tributos que são conhecidos e cobrados na Europa. O fato de não terem entre eles, exatores, fiscais, servidores públicos e nem cobradores, não precisavam brigar na justiça, nem contratar advogados, procuradores, etc.; dado que entre eles, a Lei Justiniana não existe e se por acaso, acontecer qualquer desavença por qualquer coisa, elas são resolvidas pelos Ministros Públicos.

Quanto ao seu sustento, não existe família que não tenha recebido um terreno suficiente. (O terreno de propriedade das Reduções, era dividido em lotes privados, chamados "aba-mbaè = propriedade do índio", concedido a cada chefe de família, de modo que, cada família possuía uma horta. Relação do Pe. Mastrilli Durán, "Cartas Anuais", 1626-27. Depois, havia os campos, que eram de propriedade da comunidade, chamada "tupa-mbè = "propriedade de Deus", que era administrada para o sustento da comunidade. A Cédula Grande de 1743, disciplinou de modo definitivo, o uso e o emprego dos proventos que se recolham. Além desses terrenos que eram distribuídos a cada pai de família, havia também aqueles que pertenciam ao município e os frutos eram depositados nos armazéns públicos - Pierre Charlevoix, op. cit)) e ainda, sobretudo, o próprio e honesto sustento, pois era só vontade de cultivá-lo, semeando o grão de milho, trigo, legumes; outra fonte abundante de alimento, eram os pássaros, os peixes dos grandes rios e farta caça nos bosques, estes que fornecem ainda de graça, frutas e tudo quanto é necessário para construir suas casas. Naquelas regiões, existem abelhas, que produzem mel e cera em abundância para o uso dos habitantes. Em muitos lugares, há cana de açúcar, erva-mate = ca'a, boa para se fazer chá. Entre os vários peixes que se encontram, naqueles rios, existem também lobos e uma espécie de porco marinho, que vive dentro e fora d'água, parecidos com os nossos no tamanho e no aspecto. A pele do lobo é de cor tabaco, belíssimo e delicadíssimo, que parece um veludo e curtido, vende-se muito bem. Com os porcos marinhos e com a variedade de peixes e outros animais, fazia-se uma boa cozinha.

São grandes as obrigações que aqueles povos fiéis têm para com os piedosos padres missionários, que, com caridade e paciência, transformaram a sua vida brutal, através do conhecimento do culto do verdadeiro Deus e com tanto zelo e amor, governam-os. Também são gratos aos missionários que sempre procuraram providenciar ou aumentar em cada Redução, o bem-estar e as comodidades.

Que tipo de animais eram e ainda são os selvagens infieis, ignorantes e com um modo de vida, semelhante ao das feras. Sobre isso já vimos antes. Mas desde o momento em que aqueles índios se colocaram debaixo da bandeira da cruz e se converteram a Deus, sendo governados pelos Jesuítas, sua condição mudou completamente. Não podemos descrever, quanto suor e quantas despesas custaram no iní-

cio, àqueles missionários, para fundarem uma Redução, fornecendo alimento no primeiro ano, até que a plantação desse sua colheita e até que aprendessem a agricultura, pois eram rudes e inexperientes. Construir as igrejas e as casas e depois, pouco a pouco, amestrá-los nas artes e coisas necessárias à vida humana.

Para conseguirem esse resultado, esses abnegados operários do Senhor, transformaram-se em lavradores. Alguns com o machado, limpavam os campos para prepará-los para a sementeira; outros trabalhando com arados primitivos de madeira, outros plantavam e capinavam o milho, semeavam o grão de cevada, feijão e outros legumes, trazidos de países longínquos. Ao mesmo tempo, outros cortavam as grandes árvores e as levavam para baixo dos montes, para a construção das casas, da igreja, suficientes para esses primeiros cristãos. E para aumentar seu patrimônio, começaram a buscar das longínquas cidades da Espanha, distantes até centenas de milhas, bois, vacas, ovelhas, cabras, cavalos e aves domésticas, distribuindo àquela pobre gente, para que pudessem tirar seus frutos. No exercício desse glorioso serviço de caridade, foi morto o Pe. Pedro Espinosa, pelos bárbaros "Guaiaquilenses", quando levavam de Santa Fé um grande rebanho de ovelhas, destinado aos seus novos cristãos. Deixou sua vida sob golpes de seus machados e o seu corpo ficou como alimento para os tigres.

Era de suma admiração, ver os Jesuítas, nascidos nas grandes cidades da Europa, filhos de nobres famílias, insignes pela sabedoria, aplaudidos nos púlpitos por sua eloquência, admirados nas Catedrais e Universidades mais célebres. Tornando-se missionários, abraçavam os serviços de pastores, pedreiros, carpinteiros, carroceiros e fazendo de tudo para que os índios aprendessem esses serviços e se tornassem amigos, afeiçoando-se a eles. Enquanto trabalhavam, banhados de suor da cabeça aos pés, muitas vezes acontecia, que nenhum índio se oferecia para ajudar, permanecendo apenas encantados admirando, mesmo que fossem muito mais robustos que os missionários e sabendo que esse trabalho era pesado e estava sendo feito, unicamente para a comodidade e interesse deles. No entanto, Deus dispôs as coisas de tal modo, que as demais pessoas do mundo considerassem uma loucura, tentar conquistar aqueles índios para Deus e educá-los. Esses tão bárbaros, como feras e espalhados naqueles imensos e difíceis territórios, sabendo que entre eles, não havia ouro nem prata, que pudessem servir de cobiça aos europeus. Felizmente, construíram

aquelas Reduções e depois outras mais. Em grande número se uniram, as quais hoje, florescem e tornam-se comunidades bem populosas e bem-organizadas. Aí todos os anos, colhe-se muito milho, legumes, mel, frutas, algodão, tabaco e sendo esses produtos isentos de impostos de consumo, são transportados e vendidos nas cidades que não têm tais produtos. Em todas as Reduções, há ótimas pastagens, onde os animais se multiplicaram muito bem e também, uma parte dessas pastagens são cultivadas.

As artes ensinadas a eles pelos missionários, ou pelos irmãos coadjutores, desenvolveram-se entre os índios de tal modo, que hoje existe um grande número de pedreiros, carpinteiros, ferreiros, arquitetos, escultores, douradores, entalhadores e muitos outros ofícios, que cada um se esforça para se aperfeiçoar cada vez mais.

Há muitos que sabem fundir o ferro e o bronze, para o fabrico de sinos e de instrumentos musicais. As mulheres aprenderam a fiar, a tecer, coser e fazer as vestes. Qualquer um podia colher o algodão e fazer tecidos. Outras vestes são fabricadas com a lã das ovelhas. Os homens fazem o trabalho de tecelão para o público. Na Itália, faz-se guerra por um bom punhado de terra.

Aqui na América, procura-se quem queira receber terras, para cultivá-las e ainda sobra muita terra.

Segundo o testemunho dos missionários, os cristãos do Paraguai têm uma inteligência de criança e muitos são incapazes, restritos para a especulação e, às vezes, os chamam de crianças de barba. (Os Jesuítas pintavam os índios, como uma espécie humana que não poderia jamais ultrapassar a inteligência infantil, sem que chegassem, com a vida que levavam aqueles crianças, a conhecer a verdadeira alegria das crianças - Louis Antoine de Bougainville, op. cit.). Este não é um requisito importante para poder governá-los com facilidade. Todavia, fica uma dúvida, se essa limitação de sua inteligência é um defeito particular da natureza daquela nação, ou é um defeito accidental da sua educação. Também os povos do Canadá, na América do Norte e das nações bárbaras da África, alguns missionários escrevem que são lerdos, de inteligência rude e não dadas a pensar e refletir sobre as coisas. Mas essas afirmações não são suficientes. A maior parte dos americanos do Paraguai vivem e fazem os mesmos trabalhos que os camponeses europeus. A maior parte deles, vemos como limitados, duros de

inteligência e simples, mas de bons costumes, pois não frequentam as pessoas malvadas, não são maliciosos e se ocupam de seus trabalhos, vividos na pobreza. Também nesse clima de pobreza, nascem tantos felizes gênios, seja nas cidades ou nos bairros e principalmente onde o ar é mais puro e mais leve. Quer se apliquem nas artes, nas ciências ou ao mercado, os progressos são admiráveis. E necessário ver se esses índios são verdadeiramente tão deserdados da natureza, que não possuem alguma capacidade para a especulação. No entanto, é preciso que se diga que, além de ensinar a ler, escrever e aritmética, nada mais foi ensinado e que sua conversa, é com gente do mesmo tipo deles, gente simples e ignorante. Se eles fossem cultivados e seus filhos exercitados na escola, como é costume entre nós, nem todos seriam constrangidos a permanecerem como abóboras sem sal. Ao bem da verdade, temos visto com facilidade e felicidade, aprenderem a música e muitas outras artes e em algumas não só se igualam, mas superam as das cidades dos espanhóis. Eles sabem construir casas, igrejas, moinhos movidos a cavalo, para moer o grão, máquinas para irrigar os campos, trazer água dos rios para a população, em lavatórios públicos, açudes para peixes. Entre eles foi introduzida a pintura e um afresco feito por um medíocre artista, está em Modena, com os senhores Irmãos Cattaneo, enviado pelo Pe. Gaetano Cattaneo, seu tio, o qual confessa que havia melhores lá. Mas entre eles, faltam as tintas de cores suaves e finas e por isso, suas pinturas têm aquele brilho e parecem mortas. Eles conseguem copiar os caracteres escritos e entalhes no bronze.

No dia 14 de dezembro de 1730, o Pe. Gaetano escrevia ao seu irmão, Sr. José Cattaneo: "Percebereis duas imagens feitas a pena (caneta), por um índio, copiadas de uma figura estampada no bronze, as quais, ao meu ver, parecem duas obras-primas. Eu afirmo que, se estas fossem feitas na Europa, por mãos de excelentes mestres, seriam dignas de muita estima, por sua delicadeza e vivacidade com que foram delineadas, coisa muito difícil de fazer à pena e ainda mais, saídas das mãos de um pobre índio, grosso e descalço, que passa quase toda a vida trabalhando no campo. Uma pequena imagem da Imaculada Conceição (daquelas que usam nos breviários) copiada por um outro índio, foi muito apreciada pelos padres missionários alemães, que a enviaram a Viena, como coisa raríssima, onde numa célebre galeria, encontra-se uma outra semelhante, enviada por outros padres missionários e colocada lá e tida como de grande valor.

Ora, essas duas que estou enviando, são sem dúvida melhores, seja pela delicadeza do trabalho e pela qualidade e quantidade de imagens, onde, parece-me que deveria estar não só na sua casa, mas como numa galeria de príncipe.

Muitas outras artes, esses bons índios não podem fazer, porque não têm exemplares e originais melhores. É coisa verossímil, que quem é dotado de tanta habilidade para as artes, deveria poder aplicar seu intelecto também nas ciências e que desse modo, qualquer um deles poderia ser admitido na Companhia de Jesus, fato este que se tornaria de grande vantagem àquela vastíssima vinha do Senhor, onde há grande falta de operários e é necessário enviar, de tempo em tempo da Europa, com tantos gastos e entre privações e perigos. (Os índios não eram aceitos ao sacerdócio, porque não eram capazes de se manter no celibato - José Cardiel. Breve relación de las misiones del Paraguay). Porque isso não se fazia ou não se tentava fazer por aqueles justos e sábios missionários. Também por ser recomendação de seus superiores, que não se introduzisse novidades e que se continuasse no estilo antigo. A experiência fez com que o método que permitiu plantar assim felizmente as Reduções, deve ser o mesmo que os pastores, devem adotar para conservá-las. No entanto, seja-nos lícito crer com Coreal e com outros práticos das cabeças desses índios, que esses, por entendimento, não são dos nossos.

CAPÍTULO XVII

Regulamentos para o governo bom e feliz daqueles povos

Veremos agora o que influiu naqueles povos para manter a felicidade até agora descrita. Para os europeus, são felizes aqueles que gozam de um status de honra, que possuem muitas riquezas, muito dinheiro, vestem-se bem com toda pompa e podem preparar uma mesa lauta. Bem ao contrário, é a mente das pequenas Repúblicas dos indígenas do Paraguai. E isso, porque não têm ambição e nem procuram honras, eles possuem o que é necessário ao seu sustento, não se preocupam com o luxo e se contentam com o pouco. Por esse motivo agradecem à Divina Providência pelo bom trato recebido e vivem em uma tranquilidade admirável. Por Isso, o Pe. Bortoli, encontrou aqui, mais do que em outro lugar, "a pobreza contente". (O Pe. Daniello Bortoli (1608-65), foi um dos primeiros historiadores da Companhia de Jesus, escreveu: "A pobreza contente, descrita e dedicada aos ricos não contentes.")

Entre eles não há escravos, como nos demais países dominados pelos espanhóis, nem patrões para servir, ou que os maltratem. Cada qual é patrão de sua casa. Cada um tem o poder que é seu, ou o que o estado que lhe deu, para que seja seu tudo que pode colher, sem precisar dar uma parte ao príncipe, nem tão pouco um moeda de 8 centavos.

Quanto mais ativo for, trabalhando na cultura da terra, ou em outro ofício, mais ele recolhe para si. Cada terreno é proporcional às forças de sua família e querendo pode ser maior, porque terra é o que não falta. Mas, às vezes, eles não fazem mais, porque são apenas dois: marido e mulher, ou mais algum parente que ajuda a trabalhar aquela terra e não poderia fazer mais. Na Europa, a propriedade dos bens e a cobiça de aumentá-los, é causa de várias desordens que perturbam a sociedade. Esses pacíficos cristãos estão isentos das inquietudes da vida. Cada um planta ou semeia o milho, que representa a principal colheita da população e também grão-de-bico, feijão, abóbora, melancia e principalmente a mandioca, cujo fruto, como já dissemos, é semelhante aos nossos rabanetes e externamente é parecido com um

tubérculo comprido, vermelho, lamacento e dentro é branco; dessa raiz eles fazem farinha, chamada pelos espanhóis de farinha de pau, e que é o alimento principal e substancioso para eles. Naqueles lugares cresce bem o trigo, mas é pouco cultivado. Não sei dizer por que não plantam arroz, sendo tão cômodo e tendo abundância de águas nos rios. Nas relações das missões dos Chiquitos encontra-se escrito, que: "nas vastíssimas campanhas que se estendem do Paraguai até as margens do lago Xarayes, pelo benéfico cuidado da natureza e sem nenhuma indústria, produz-se uma grande quantidade de arroz e servem de provimento para os Payaguas, Guastos e outros povos vizinhos". O arroz é, pois, o alimento básico dos chineses e de muitos outros povos da Ásia e das ilhas das índias Orientais. Entre eles, apesar de terem cargos e funções como os caciques, os capitães, os militares e ministros públicos, os camponeses e o povo que cultiva a terra, tais diferenças não afetam em nada, pois todos têm sua terra, os cargos não lhe dão maior porção de terra nem mais riqueza proveniente de mercadoria ou de indústria. Isso não tira a igualdade, nem causa inveja, como acontece entre nós, que temos classes como: Nobres e plebeus, pobres e ricos, patrões e empregados. As vestes mais comuns do povo, consiste em um gibão às costas e um par de calção, ou de calças e uma capa de tecido que chamam de "poncho". É comprido e cobre todo o corpo, parecido com a casula, paramento usado para celebrar a missa e vestido da mesma maneira, por uma abertura no meio. Este "poncho" e as demais vestes são brancas e podem ser lavados. Se o poncho não for de tecido colorido, quer dizer que foi presente dado a ele numa ocasião importante, ou um prêmio merecido por algum trabalho realizado, por exemplo, semear a terra, recolher o algodão em grande quantidade em suas terras, ou tecer um poncho em várias cores, para usá-lo nos dias de festa ou em tempo de gala. O mesmo acontece com o gibão e as calças coloridas, que são roupas de luxo. Eles vestem quando são mandados de balsa para alguma expedição. Chegando na cidade ou lugares dos espanhóis, vendem tudo que possuem para comprar um metro de tecido, principalmente se for vermelho, para fazer um gibão ou um par de calças. Isso para eles é uma roupa de rei. Na cabeça usam um gorro feito de tecidos coloridos. Nas pernas e nos pés não usam nada. Os caciques, os capitães, chefes e a população andam descalços. A roupa das senhoras consiste em uma camisola comprida até os pés e presa à cintura, sem mangas. É essa mesma roupa que eles usam

para trabalhar na roça. Em cima dessas roupas, usam outra chamada, "tipoi" com mangas, comprida até os pés, semelhante às batinas, mas soltas como as vestes de dormir femininas, que era moda da época. Parecem monges de convento, porque os seus cabelos, longos e soltos sem nenhum adorno, caem-lhes sobre os ombros, parecendo um véu. As vestes costumam ser brancas e compridas até o chão. Parecia um hábito religioso de freira.

As mulheres amarram uma cinta sobre a fronte e deixam cair sobre as costas e sobre eles colocam os fardos para transportá-los. Esse costume era também praticado pelos povos bárbaros da África. Parece até que os europeus ensinaram-lhes um modo mais cômodo para carregar pesos. Mas essa antiga maneira de transporte, eles achavam melhor do que o nosso.

Além de suas casas, em cada Redução, vemos a igreja e ao lado, a casa do Jesuíta missionário, que exerce a função de pároco, Ele tem um sacerdote para ajudá-lo. Ali encontramos os armazéns da prefeitura para as colheitas, onde guardam os grãos, a erva mate "ca'á", o algodão e os demais mantimentos, que serão distribuídos aos índios, segundo suas necessidades. Ao lado ficam as oficinas, onde fabricam as telas de tecido, uma espécie de tecelagem e outras artes e serviços para o público. Por fim, vemos a vila dos índios, formada por casas baixas de um só piso, que se parecem com as tendas das feiras. Estão alinhadas uma ao lado da outra. Entre elas, as ruas, direitas e perpendiculares. Cada casa é composta de um quarto quadrado, onde mora uma família. As paredes são feitas com ripas trançadas e rebocadas com barro, uma espécie de massa. Sem fogão e sem janelas e com uma só porta, pela qual entra a luz e sai a fumaça causada pelo fogo, que se encontra sempre aceso no meio da peça. A lenha não custa nada, A não ser colher das matas e trazê-la para casa.

Em casa, eles dormem em redes fixadas em quatro estacas, é chamada de "maca" e podem ser transportadas de um lugar para outro. Esta é a única cama que usam. Pela manhã quando se levantam, recolhem as camas, que ficam suspensas na parede, à maneira de toalha; a casa fica assim, livre e sem cama e sendo apenas um cômodo. Para eles é suficiente. Apoiadas na parede estão suas poucas tralhas e no meio da peça eles fazem fogo. Sentam-se ao redor dele, na terra, esquentando-se e fazendo ao mesmo tempo, a comida. O modo de sentar-se é no chão, cruzando as pernas, costume também de mui-

tos outros povos da Ásia e entre os Turcos; deste modo, as cadeiras sempre estão arrumadas, sem nunca ocupar lugar na casa. Essa gente não tem vontade de possuir móveis complicados, estando contentes somente com aquilo que é indispensável. Não se perturbam e nem se incomodam com o supérfluo.

Para conservar entre eles, a paz, a amizade, e a união, é muito importante que eles não possuam ouro, prata, nem dinheiro. Nos outros países, essas riquezas são a causa da inveja, preocupação, inimizade e brigas.

Naquelas regiões, não se encontra nenhum tipo de metal. Ao menos ninguém até agora tentou descobrir se as montanhas pudessem ter. O ferro e aço chegam da Espanha com os navios, que cada três ou quatro anos chegam a Buenos Aires. E esses metais que lá desembarcam, sobram muito pouco para as Reduções do Paraguai e como consequência, aqueles pobres índios, mal providos de instrumentos, não podem aperfeiçoar seus trabalhos. O metal do qual necessitam para a agricultura, é encontrado num lugar e o mais perto é o Coquimbo, província chilena rica em minas de cobre, diante mais de 1.600 milhas do Paraná e do Uruguai, com caminhos péssimos e perigosos, pelos Andes e pelas cordilheiras que são montes altíssimos e sempre cobertos de neve. Essa é uma grande dificuldade e por isso, só era possível trazer o suficiente para fazer pequenos sinos.

Esses novos cristãos fazem algum comércio com as cidades espanholas. Eles usam canoas e barcos que se guardam nas Reduções, descem e sobem os grandes rios acima mencionados, os quais formam a grande Bacia do Prata. Envia para Buenos Aires grandes quantidades de uma erva famosa do Paraguai, que é uma espécie de chá, porém muito apreciada por ser medicinal. Levam fumo em folha, mel, frutas de diversas espécies, trabalhos manufaturados e peles de animais. Eles mandam também para Santa Fé, tendo nessas duas cidades, procuradores com autoridade necessária para a venda dessas mercadorias. Uma parte do dinheiro que recolham com a venda, ia para pagar os tributos anuais do Rei. Com o restante, compravam o necessário para a construção e para os adornos da igreja. A aquisição de ferramentas para o seu trabalho no campo e para manter as artes (eles costumavam vender erva, tabaco, bovinos, algodão e outros produtos destinados a Buenos Aires e Santa Fé).

No comércio que fazem, nunca entra dinheiro, sempre costumam trocar as mercadorias. Procura-se manter, com consciência e cuidado, os custos estabelecidos, para que não usem o dinheiro e não se introduza entre eles a avareza e as desordens, e ainda os danos causados pelo interesse particular. Para que os índios, que transportam as mercadorias, não as levem, porque a viagem é longa e dura por muitos meses, as suas mercadorias são entregues aos cuidados de outros, isto é, aos delegados, que recebem e cuidam como se fossem coisas suas, levam-nas com exatidão e quando voltam da viagem, retornam contentes de ter vendido tudo como se fossem eles os próprios donos. Para recompensar o trabalho da viagem, eles recebem os mantimentos da prefeitura, que a Redução guarda nos depósitos.

Mas acontece que pela intolerância ou pela falta de providência e pouca capacidade dessa gente prever o futuro, não se preocupam em guardar ou armazenar provimentos necessários para a entressafra; e convém recordar que tanto os indígenas da América, quanto os da África, possuem uma certa resistência para os trabalhos braçais. Foi decidido que o missionário costuma assistir de seis a sete mil pessoas, tenha igual solicitude, como um pai de família, que se responsabiliza por seus filhos que ainda não chegaram ao uso da razão. Para isso, aplica-se o seguinte expediente: quando se entrega a uma família um terreno, que se julga suficiente, dá-se a semente. Uma vez cultivado, garante o sustento paia o ano todo. No tempo da colheita, é recolhida a mesma quantidade de semente, para serem conservadas nos graneleiros, ou seja, nos armazéns públicos, para poder garantir a semeadura do ano seguinte. Sem essa precaução, é certo que eles comeriam tudo. A redução ou o prefeito empresta a eles uma junta de bois para ararem as terras. Se os bois fossem de propriedade dos índios, eles não saberiam o que fazer, pois se viu muitas vezes, que depois de usá-los no trabalho, para não terem o trabalho de colocar o jugo, toda vez em que fossem arar, não tiravam mais do pescoço e deixavam-nos assim, encangados.

Outro, depois do trabalho findo, foram capazes de matá-los para comer com sua família e quando são pegos em flagrante, não dão outra explicação, a não ser a desculpa de que estavam com fome. ("Se alguém dá um cavalo para eles, deixam-no morrer de fome, porque não dão comida e nem o soltam no pasto. Eles mantêm um cavalo, mas não para ficarem alimentando-o toda hora. Eles mantêm

um, amarrado a uma corda, por dois ou três dias sem alimentá-lo. Se dermos uma junta de vaca, por dois ou três dias, para que possam ter leite, não tiram o leite por pura preguiça e, às vezes, ainda matam e comem até o terneiro. O mesmo acontece com os índios cristãos"). José Cardiel de Morilus Guaraniorum). Por isso, os missionários escolhem alguns dos mais ativos, como ministros do povo e como inspetores, para controlarem o trabalho de todos, para que semeiem, recolham e conservem da colheita a quantia necessária a eles e à sua família, para se alimentarem e se vestirem durante todo o ano. Para que também tenham como pagamento os animais, mas se eles são pegos em falta, castiga-os segundo a sua falta, exigindo que cada um cumpra o seu dever e que os trabalhadores não devam manter os preguiçosos. Com todos esses cuidados, há muitos que na metade do ano, já não tem mais alimento, causado por doença, por muita desgraça ocorrida, ou por sua negligência, ou ainda pela abundância imprudente no consumo da colheita.

No seio dessa população, não se admite a mendicância e muito menos aqueles que têm a tentação de roubar por necessidade. Para isso se tomou o seguinte expediente: Além das granjas enunciadas, existem muitas outras, terrenos espaçosos, adotados para o plantio, e sementeira de todos os gêneros, que se possa frutificar naquele clima. Essas terras chamadas terras da comunidade, que em língua Tupambaé quer dizer "Possessão a Deus". Essas terras são recomendadas e entregues aos mais industriais e ativos, a fim de que cultivem com a ajuda dos jovens de cada família, os quais, até os 15 anos são obrigados a cultivar, suprimindo desse modo com o número e a frequência o que falta na força.

Todas as manhãs, depois de comer alguma coisa, feitas as orações e assistida a missa, todos (menos aqueles que vão para a escola ou para as oficinas), sob a orientação de quatro ou cinco convidados ou fiscais, ou melhor superintendentes do Tupambaé, trabalham o dia inteiro, plantando, capinando. Depois recolhem e debulham os grãos de milho e outras hortaliças, cultivam o algodão, isto é, as bombazinas (os invólucros que retêm o algodão dentro). Esse trabalho requer maior habilidade para o plantio e para conservá-las limpas das ervas daninhas e depois recolher o algodão, abri-lo, secá-lo e guardá-lo em casa. As 22h:00, terminado o trabalho, eles vão com as meninas para a igreja. Ao terminar a doutrina dos velhos, eles cantam mais ou me-

nos por meia hora a. Suas orações e depois escutam a doutrina dada pelos missionários. Finalmente, todo o povo entra na igreja, para recitarem o rosário e mais algumas orações e terminam com o ato de contrição. Terminadas as orações, as meninas, saindo da igreja ficam na praça e os meninos nos pórticos da residência dos missionários, onde recebem uma porção de carne. Depois de ter cantado, em sua língua, a bênção, eles recebem o alimento e vão, todos contentes, para as suas casas. E eis que aquelas repúblicas, podem de alguma maneira, ser chamadas de numerosos mosteiros, onde, são maravilhosamente ordenados os deveres diários, sejam espirituais ou materiais e são proporcionados pelo alimento de cada um.

Tudo quanto se recolhe de grãos, frutos, algodão do Tupambaé, as ervas ca'a, é depositado nos armazéns públicos e nos depósitos, para serem distribuídos durante um ano aos doentes, aos inválidos, aos órfãos e a quem trabalha como empregado da comunidade, para fazer as viagens, aos ministros, aos que não podem cultivar os campos e aqueles que por desventura ou por negligência, não têm mais como se sustentar, até o final do ano. Finalmente, prover de alimento com os depósitos públicos, todos aqueles que estão à serviço do Rei, viajando com as expedições militares e aqueles outros guerreiros das várias Reduções, que chegam às vezes até seis mil. Toda a colheita do público se distribui, como já dissemos e se ajudam mutuamente, de graça, segundo suas necessidades.

O que dissemos de uma Redução, é encontrado e praticado igualmente em todas as demais Reduções.

Este é um estado invejável daqueles habitantes, pela comunhão de bens que se pratica entre eles. Mesmo sendo pobres, todos são ricos de abundância e se mantêm uma certa igualdade, pois nenhum pode ter mais do que os outros, e os necessitados encontram tudo o quanto necessitam para suprir suas necessidades. Também, nisso há uma semelhança com os primeiros cristãos e com a Igreja primitiva.

E podemos notar, como dissemos antes, se alguns dos povos vizinhos sofrer uma carência, por algum acidente climático, seca, chuva, ou demais causas que são muito raras, pois a natureza não costuma frustrar o suor e as esperanças dos trabalhadores mais diligentes, ou ainda se ocorrer a morte de animais, ou por outras causas naturais, as

outras Reduções, costumam socorrer com doações que suprem suas necessidades, e nada pedem, a não ser, a promessa de que Deus os ajudará em caso de fome.

Em cada Redução, há a preocupação com as roupas dos habitantes. Em um pórtico grande e cômodo, com a assistência dos missionários, são distribuídas as oficinas, os manufaturados para o público e só nesse lugar é que são encontrados. Aí são fabricadas as coisas mais necessárias a eles. A oficina principal é a dos tecelões, os quais trabalham continuamente para fabricar tecido e vestir o povo. Para esse fim, cada semana é distribuída, às senhoras e às meninas, uma quantidade de algodão, para o trabalho do fio e cada sábado, entreguem o fio, com o qual os tecelões fazem tantas medidas de tecido. Com esse cuidado, cada ano se consegue obter o suficiente, previsto para vestir toda a população, e ainda sobra. Mas se deixassem aos cuidados dos índios, fabricarem suas vestes, por experiência que já nos ensinou, eles pela preguiça, andariam completamente nus, como estavam antes de se converterem. Apesar de as Reduções terem, toda uma organização de atendimento, foi necessário fundar no fim do século, um hospital público no país dos moxos, onde são atendidos os desnutridos, doentes comuns, e os pobres velhos, que não podem mais trabalhar.

No centro dessas Reduções, colocou-se uma farmácia, para o atendimento ao público de medicamentos necessários a cada enfermidade; há também uma livraria comum a todos os missionários daquelas regiões. Isto tudo é resultado da caridade e da prudência desses religiosos, a fim de que nada falte a seu dileto povo fiel e também para que os infiéis sejam encorajados a unir-se a eles.

CAPÍTULO XIX

Os Animais do Paraguai e seu uso

Os espanhóis começaram a ampliar suas conquistas, do Peru e do Chile. Estenderam para o Paraguai e fundaram cidades, vilas e comendas e introduziram nesses países a maior parte dos animais e do gado que existem na Europa e servem ao serviço do homem. Trouxeram de fato, os cavalos, burros, mulas, bois, porcos, ovelhas, gatos, cães, galinhas, patos, pavões e outros animais, que pela abundância e boa qualidade das pastagens, se multiplicaram muitíssimo, como observamos no capítulo IV. Os cavalos, as éguas, os bois e as vacas, de vez em quando fogem de seus donos para o bosque e preferem viver em liberdade nos campos (principalmente nas zonas de Buenos Aires) e é espantoso ver como esses animais se multiplicam incontrolavelmente naqueles lugares, mesmo existindo nesses países, leões e tigres, que possuem plena jurisdição e se alimentam diariamente desses animais. Em muitos países e ilhas das Américas se encontram tais animais nas florestas. Merece ser lido o que escreve o Pe. Gaetano Cattaneo, falando em uma carta sua, dos campos dos arredores de Buenos Aires. Também entre o grande Rio da Prata e o Brasil, encontram-se matas imensas, muito extensas e compridas, onde vivem os cavalos, os bois e as vacas, que fugiram e hoje são raças em excesso, por incrível que pareça.

A prodigiosa quantidade que cada ano se mata para tirar a pele, ou somente a língua e a graxa, espantaria a nossa imaginação. Em Buenos Aires e em seus arredores, fazem o tráfico de pele e os habitantes matam grandes touros selvagens em tal quantidade, que está escrito nos diários do citado religioso, estas peles são depois vendidas na Europa. Estes grandes artefatos de couros, que chegam à Itália pela Inglaterra, são feitos de pele bovina por essa industriosa nação, que compra nas costas ocidentais e sobretudo no Paraguai, pagando por cada couro, seis a oito reais. Na realidade, os espanhóis não permitem a venda dessas mercadorias, mas eles remetem grandes quantidades com seus navios a Cádiz, onde provavelmente, os ingleses se abaste-

cem. É certo que, tanto os portugueses como os espanhóis, fazem um grande carregamento para o contrabando.

Em 1679, os portugueses, apesar da presença dos espanhóis, como direi mais adiante, foram ocupar uma região adiante de Buenos Aires e ali construíram um forte; os espanhóis os expulsaram, mas eles logo voltaram e, talvez pela negligência dos governadores de Buenos Aires, tornaram novamente a fortificar-se na ilha de São Gabriel e a levantar uma fortaleza, que até agora ocupam.

Ali também chegam os ingleses, que em 1727 planejavam ocupar uma outra ilha daquelas, que teriam feito, se não fossem antecipados pelos espanhóis. Contudo, fizeram uma rica aquisição de couro bovino e levaram para a sua pátria, distribuindo depois, os couros curtidos para várias cidades da Itália.

As feras selvagens que vivem naquelas vastas selvas, dilaceram grande quantidade de vitelas, ajuntaram-se aos cães, que aí se refugiaram e se multiplicaram aos milhares e como os corvos, alimentam-se daquelas carnes abandonadas dos touros, que são mortos pelos homens e, às vezes, quando não encontram esta carne, eles atacam o gado, mesmo ainda estando vivo. É difícil compreender, como no meio de tantos inimigos cruéis, aquele gado bovino pode continuar se reproduzindo e se expandindo. Ainda no ano de 1730, o Pe. Cattaneo foi ao Paraguai e a matança continuava.

Para nós, parece justo que concluamos que a economia e a prudência estão muito descuidadas pelos espanhóis e pelos índios daquelas regiões. Uma coleção ou um parque tão abundante de gado bovino, mereceria ser governado com maior cuidado no futuro. Eles poderiam contentar-se, a cada ano com um número mais discreto daqueles animais e encontrar gente que, ao invés de fazer tanto estrago com touros, se esforçassem com fuzil ou com outras armas, para eliminar o maior número possível de cães selvagens, tigres, leões e sobretudo dos cães, que se multiplicam sempre mais, podendo chegar a formar uma imensidão e pôr em perigo também a vida do homem, coisa que já aconteceu.

Os cristãos que moram nessas florescentes Reduções do Uruguai e do Paraná, costumam também ir à caça de bois, vacas e servos nas mesmas selvas que antes falamos.

Da história das missões dos Chiquitos, conta-se que no princípio do século corrente, aquelas cristandades estiveram em grande pe-

rigo de ruína, por causa da hostilidade das feras que apareceram entre eles e os povos dos Guanoas, infieis e situados entre o Rio Uruguai e as florestas anteriormente mencionadas. O motivo, era que esses bárbaros impediam os cristãos de passarem o Uruguai e fazer provisões de bois e vacas, das quais costumavam reunir de vinte a trinta mil, cada ano, nos vastos campos que se encontram nas praias do mar Atlântico, porque a fome e a carestia afligiam muito as Reduções cristãs. O Pe. José Giuseppe de Arce, insigne missionário da Companhia de Jesus, expôs corajosamente sua vida e foi sozinho tratar com os inveterados Guanoas, conseguindo final mente aplacá-los e restabelecer a antiga paz e amizade entre os povos. Este bom servo de Deus, conseguiu a Coroa de seus apostólicos serviços, em dezembro de 1715, com a palma do martírio entre os bárbaros do Paraguai superior.

Essa comunicação serve, para melhor entender, a que ponto chegou a inexplicável propagação desses bovinos nas selvas. Há outras Reduções que estão nas vizinhanças dos bosques, onde vivem bois e vacas que multiplicaram sua prole. Principalmente nas regiões, tanto de um lado como do outro lado dos Rios Paraguai, Uruguai e Paraná, onde se encontra um grande número de gado desse porte, e os cristãos para se restabelecerem de carne e para venderem a pele, o couro, caçam com toda a facilidade esses animais que se tornaram selvagens. Por outro lado, as Reduções possuem uma previsão suficiente de bois, vacas e cavalos domésticos que eles usam a cada dia e os conservam de uma maneira bem diferente da que é costume fazer na Europa.

Os índios não usam para o gado nem estábulo e nem palheiro; somente para os cavalos, costuma amarrar nos pórticos. Todos os demais estão soltos e livres no pasto. Quando eles precisam dos bois ou os cavalos, eles montam a cavalo e buscam com o laço, do mesmo modo que fazem também nos bosques de alguns pântanos da Itália onde, com igual liberdade, vivem os rebanhos bovinos. A maneira que eles usam para laçar os animais domésticos e selvagens, é a seguinte: três ou quatro vão a cavalo com uma corda comprida. Uma ponta da corda é presa na sela do cavalo e na outra, é feito um laço mais largo ou mais estreito, de acordo com o desejo de cada um. Girando no ar a corda para manter aberto o laço, correm atrás do boi ou da vaca que querem laçar. Quando acham que podem laçar, atiram o laço, mesmo de longe laçam o animal pelos chifres ou pelo pescoço, fazem com tal destreza que erram muitas poucas vezes. Se o touro, sentindo-se pre-

so, investe contra eles, desviam com o cavalo para um lado de modo admirável. Se ele insiste nas investidas, os caçadores recebem de lado o abalo ou choque, pegando-o sempre no contratempo de modo que ele perca a força. Se há árvores, aproveitam para girar a corda na árvore como fazem também os italianos, encurtando o espaço do touro. Um rapaz de 14 ou 15 anos, pela sua destreza, laça um animal feroz como o touro, e não o deixa escapar. Puxando ora de um lado, ora de outro, nunca direto, faz tantos giros que o cansará, deixando-o tonto, e o fazendo cair. Quando são muitos e têm pressa e o animal resiste, laçam as pernas traseiras e, se ainda não bastar, laçam as patas dianteiras e assim, puxando-o de um lado para o outro, derrubam-no chão e depois fazem o que querem. Eles ainda não aproveitam o leite das vacas, como em todos os países da Europa fazem, para o fabrico de manteiga, queijo, requeijão, cremes, etc. Coisa um pouco mais difícil, é laçar os cavalos. Eles não têm chifres e são muito mais velozes que os bois, a razão pela qual, quem está montado deve fazer seu cavalo correr mais que o outro, cortando aqui e acolá caminhos do que foge, até que, de perto, se possa jogar o laço no pescoço e capturá-lo. Esses índios são muito habilidosos nessa tarefa, pois estão habituados a essa maneira de laçar bois e cavalos sempre que necessitam deles, o que para nós europeus, parecerá estranho e muito cansativo, mas para os índios, não deve parecer fatigante. Eles ficam contentes por não terem de trabalhar noutras tarefas, como o provimento de alimento e o de cuidar desses animais.

É coisa admirável que, com esses mesmos laços, essa gente está apta a laçar aquelas feras, por mais ferozes que sejam; eles vão à caça dessas feras para tirar a pele, pois essas peles são apreciadas também naqueles países e valem um bom preço. Para pegar o tigre é necessário usar uma habilidade particular. Ele deve fazer giros com o cavalo, logo que laçar o tigre e arrastá-lo atrás daqui e dali, até que a fera fique tonta. Porque, se depois de tê-la laçado pelo pescoço, deixá-la um tempo, ela poderá aferrar com as patas o laço e o laçador corre o risco de levar uma patada, jogando-o no chão, ou de que ela salte sobre ele. Mas eles sabem quando laçar e de que modo pegar esses tigres. Parece que os tigres do Paraguai, são maiores e mais ferozes, que ordinariamente são os da África. Se por acaso ele só fica ferido (coisa que acontece), ao invés de fugir, por causa da sua ferocidade avança rápido contra o caçador, distinguindo logo entre tantos, quem o feriu. O matador, se

não estiver bem armado, ou não tiver a ajuda dos outros, corre grande perigo. Os outros índios, são muito adestrados, que quando o tigre avança ou solta sobre eles, com uma maceta, dão um golpe no flanco, desequilibrando desse modo o salto, deixando-a estonteada e então, logo caem em cima dela, golpeando-a até a matarem. E se o primeiro golpe for bem dado, é suficiente para matá-la. Em outros modos ainda, aqueles índios infieis, arriscam-se perigosamente, pois não se ocupam de outra coisa, a não ser da caça e da pesca; são muito mais espertos do que os outros. Estes, costumam andar seminus, com apenas uma tanga ao redor da cintura até os joelhos e pintados com várias cores pelo corpo, para dar a impressão de serem mais terríveis para quem os olha. Eles não se penteiam e não cortam o cabelo, que são desgrenhados e horríveis de se ver. Muitos deles trazem encrustado no queixo, um pedaço de vidro, lata, ou ouro, um enfeite verdadeiramente bizarro, que os deformam ainda mais. Parece que eles se preparam para parecerem mais com os macacos, do que com a aparência de homens.

Além do arco, das flechas e da lança, carregam na cintura, pedras redondas. Penduradas ao ombro, uma bolsa de couro e presas por uma corda feita de couro de vaca, comprida dois ou três braços, que eles usam também como uma arma terrível. No momento de combater, seguram uma pedra na mão e com a outra mão, giram a pedra no ar, como uma funda, até que chegue o momento exato de lançar essa boleadeira. Então lançam e mesmo de longe, com tal certeza que enrolam as patas dianteiras ou as traseiras e dessa maneira os amarram, que dificilmente, o animal pode se mover ou correr. Depois, com as mãos livres, caem em cima e o matam. Com a corda eles prendem as avestruzes e muitas vezes também os tigres e leões, pois sabem laçar com grande destreza as pernas daquelas feras e as enrolam de tal maneira que não conseguem mais se soltar. Então se lançam sobre eles, pegam-nos e levam vivos ou os matam, como mais lhes agradar.

Os leões, em comparação com os tigres, são poucos. Os tigres não costumam sair dos bosques, pois ali é que eles encontram seus alimentos.

Ordinariamente, esses índios vão caçar os quadrúpedes e as aves com arco e flecha e são muito hábeis e adestrados em atirar, que não erram nem no voo. Abatem com flechas certas os peixes que aparecerem à flor d'água. Mas para a caça dos veados, vicunhas, guanacos e outros animais de grande porte e velozes, eles usam o laço e

as boleadeiras. A vicunha é um animal semelhante ao cabrito, mas um pouco maior, que com a sua pele da barriga, eles fabricam belíssimos chapéus, que nós chamamos de Iã de vicunha e com os pelos laterais, os índios fazem luvas, lenços, toalhas que são muito procurados. O guanaco é também um animal semelhante ao veado. Um pouco menor de corpo, com o casco fendido como as cabras, os olhos grandes e pretos muito belos, um pescoço comprido, conserva a cabeça alta com certa majestade. Na corrida é velocíssimo, mas por pouco tempo. Uma vez presos eles se domesticam facilmente e os espanhóis se servem deles, especialmente no Potosi (região da Bolívia), para transportar para baixo daquelas montanhas, em estradas difíceis e escorregadias, cheias de cavernas, onde cavam para a extração de minérios. A lâ desses animais, é mais semelhante à das cabras do que à das ovelhas. É branca ou preta e também avermelhada. Geralmente comprida um ou dois palmos chegando até três. Eles usam corno sela de montaria. Gostam mais do frio do que do calor e quando vem sobre eles o sol e começa a queimar, se põem a gemer e depois se deitam no chão, para descarregar o fardo, pois já não querem mais andar com o fardo.

Os índios comem carne como nós fazemos com o castrado, e por isso é chamado pelos espanhóis de carneiro, mas os europeus sentem logo o cheiro do carneiro selvagem e então se enjoam e não querem mais comer.

Naqueles países da América, é abundante o número de cabras selvagens, lebres, javalis e três espécies de servos, alguns são grandes e outros menores. Para a caça deles vai quem quer e se fartam de carne em suas mesas e depois vendem as peles. Aí também é encontrada a avestruz, em grande número. Aves de pernas compridas e pescoço longo que chegam à altura do homem. Tendo as asas muito pequenas em proporção ao corpo, não podem voar, mas ajudadas com as asas, correm com tanta velocidade, que os cães quase não conseguem pegá-las. As suas penas são de um cinza claro e tingidas com diversas cores, fazendo belíssimos penachos. Os ovos são ótimos para comer como os de galinha. Não é verdade que elas conseguem digerir as pedras, latão ou ferro.

Nas terras dos Moxos, encontra-se um animal alto, chamado orocomo, da altura de um grande leão, com o pelo vermelho, o focinho comprido e os dentes bem afiados. O índio bem armado impõe respeito a essa fera; mas se está desarmado, a fera avança e o joga no

chão, sem fazer-lhe mal, porque o índio tem a agudeza de se fingir de morto. Então o "orocomo" começa a empurrar e toca todas as partes do corpo, e imaginando que ele esteja morto, não faz mais nada a não ser cobri-lo com folhas e gravetos, depois se manda novamente para o centro da selva. Então o índio que conhece os ritos estranhos daquele animal, apenas desaparece, ele se levanta e "dá no pé", ou sobe em alguma árvore para se colocar fora do perigo e de lá se põe a olhar o "orocomo", que infalivelmente retorna, mas dessa vez vem acompanhado de um tigre que parece ser convidado a repartir com ele a presa. Mas não encontrando mais, o animal prorrompe com urros assustadores, e olhando para seu companheiro como se estivesse demonstrando a dor por tê-lo enganado.

Lá também se encontram muitos ursos de várias espécies. Uma é particularmente do Paraguai e se chama "urso formigueiro". Este animal não pode abrir a boca, ou melhor dizendo, sua boca é um buraco redondo. Como sabemos, naquelas regiões existem muitas espécies de formigas que fazem bastante danos. Então, o urso enfia o focinho em um daqueles horríveis formigueiros e esticando a língua pelo buraco deixa encher toda a língua dessas formigas e depois retira e as engole. Repete tantas vezes esse jogo, até que esteja satisfeito desse alimento esquisito.

Este animal feroz, mesmo não tendo dentes para usá-los, não lhe falta por isso armas terríveis com as quais combate. Essas armas, são as unhas dos pés. Ele não se joga em cima do inimigo, que vem ao seu encontro para agredi-lo, como fazem os leões, os tigres e as demais feras, as quais se abaixam e se lançam em cima do inimigo. Ele, ao invés, espera e apertando-o com aquelas suas unhas de uma e outra parte, com uma força tremenda o faz logo em pedaços. Ele combate também com o tigre e abraçando-o descortesmente aquela presa enorme, estraçalha-o. Mas sabemos também, que o tigre sabe muito bem usar suas presas, ou os dentes, e muitas vezes os dois ficam mortos no campo. Enfim, como já disse em outro lugar, não se houve falar, que esses animais façam mal aos homens, exceto que sejam arrastados pela fome, ou que o homem o provoque e nem mesmo os índios, que vão sempre bem armados e preparados para afugentá-los caso ele quisesse conversa com eles.

Primeiro foi falado que os índios possuem um bom número de cavalos e de bois, para o seu uso e para o trabalho no campo e a sua

manutenção custa pouco. Devemos acrescentar, que eles têm também cavalos e mulas, para as necessidades da comunidade e para manter o comércio mercantil. A experiência nos tem mostrado, que em todas as províncias do mundo, um povo não pode ter todos os tipos de grãos e de frutas com igual abundância, seja pela diferença da qualidade da terra, ou pela variedade das estações e pela diversidade de gênio dos seus habitantes. Assim também no Paraguai, há alguém que tem mais trigo, milho e capões (carneiros), vacas, mas não tem algodão, mel, cera, nem fumo, etc. Por Isso uns vendem para os outros o que sobra, recebendo em pagamento frutas, grãos, sementes de outras espécies, de acordo com sua necessidade. Os preços são muito estáveis, sem que se possa alterar, para que a avareza de uns, não possa prejudicar os outros, ao satisfazer suas necessidades. O que sobra dos grãos, das frutas, vestidos, telas, etc., de uma população, é transportada para outras que tem falta e o lucro é repartido para cada um da República. Uma parte desses produtos naturais e manufaturados são enviados a Buenos Aires e a Santa Fé, para trazerem dinheiro, visto que os tributos devem ser pagos com dinheiro.

CAPÍTULO XX

O Governo Militar dos Cristãos do Paraguai

Uma das maiores alegrias e felicidades dos índios do Paraguai é viverem em paz, na união e na tranquilidade interna, porque em cada Redução, o latrocínio, a rivalidade, as brigas, a bebedeira, a sensualidade escandalosa, as lites civis e outros males semelhantes, são imediatamente corrigidos. Entre eles reina a caridade, solidariedade para com os necessitados, para com os doentes e a concórdia reina em todas as suas funções, sejam sagradas ou materiais, onde todos trabalham com igual zelo para o bem e para com o serviço da comunidade, como se fosse para si mesmo. Não é menor a amizade, a hospitalidade e a comunhão que cada Redução professa com as Reduções vizinhas, considerando-se todos irmãos, porque são filhos do mesmo Pai e Deus, que todos adoram e, governados pelos padres espirituais, que por sua vez não pensam, senão no seu bem.

Entre eles não surgem brigas por questões de limites de terras e ninguém pensa em conquistar as terras dos vizinhos, sendo eliminada a execranda ambição, que provocou tantas guerras e ainda hoje se ressentem nas províncias da Europa. Com isto, podemos pensar que não há a necessidade de se ter um exército ou um serviço militar. Mas os militares, são muito necessários para a defesa das Províncias e Repúblicas, pois sempre existem nações bárbaras e infiéis, que incomodam o cristianismo e seus seguidores e se não houvesse quem os freie, poderiam de boa vontade, fazer guerra contra os cristãos, como é costume entre eles, para poderem comer uns aos outros. Também em 1735, estes assolaram uma pequena Redução, fundada pelos Cirinhanos, matando e aprisionando aqueles cristãos, queimando a igreja e matando também o padre Jesuíta. O mesmo aconteceu com uma outra Redução fundada nas fronteiras do Chaco, entre os Lules e Mocavies. Entre eles estava a detestável colônia brasileira de São Paulo, da qual já falamos no capítulo XVII e que tanta destruição tem causada, seja entre os índios selvagens ou contra os cristãos, cuja crueldade, sempre devemos temer, até que a misericórdia de Deus e a piedade dos Reis de Portugal não consigam destruí-los. Por esses motivos, em cada Redução, formaram-se algumas companhias militares de índios, a infantaria e

a cavalaria, com seus oficiais, bandeiras, cornetas e tambores, como é costume nos exércitos da Espanha. As armas usadas pela infantaria, são as mesmas usadas pelo costume dessas regiões: o arco e as flechas com pontas de osso ou de madeira duríssima e pontuda, que penetra um pouco menos que o ferro. Outros combatem com pedras agudas ou redondas, que são lançadas com fundas. No combate corpo a corpo, usam como arma, uma grande clava, um bastão, ou um pau grosso, feito de madeira de lei duríssima, que eles chamam de "macana". Se acertam um só golpe na cabeça de um, não precisa de um segundo golpe para matá-lo. Seguramente bastariam essas armas, para lutar contra os índios infieis, seus costumeiros inimigos. Mas com os já falados mamelucos paulistas do Brasil, que costumam ter armas, como lanças, espadas e armas de fogo, eles ficam em desvantagem, pois com suas armas primitivas, não podem resistir a um ataque feito com armas de fogo e a destreza dos corsários espanhóis. Por isso, os Reis Católicos permitiram que fossem usadas as mesmas armas, para a sua defesa. (Ainda que a primeira permissão, de usar armas de fogo nas Reduções foi de 1645, a permissão definitiva, veio em 1679. Com essa permissão, as autoridades espanholas responsabilizaram os missionários, pela guarda e o bom uso das armas de fogo, que deveriam ser entregues aos Guaranis, unicamente para o uso do exército, em caso de investida bélica. A mesma determinação, podia se encontrar no Regulamento das Reduções de 1689 - Pablo Hernandez; Organización Social de las Doctrinas Guaranies, 1913).

Formaram-se Companhias Militares para as fronteiras, armadas com lanças, arcabuzes, espadas e a Cavalaria Militar, armada com lanças e fuzis. Estas armas não estão à disposição dos índios, a não ser, em ocasião de usá-las para a própria defesa e estão sempre guardadas, nos depósitos de armas de cada Redução, sob os cuidados dos oficiais encarregados de cuidá-las e mantê-las sempre limpas e prontas para serem usadas. Para treiná-los, o corretor do Rei, obriga-os aos exercícios de estratégias militares, na praça de cada Redução, que é muito grande e forma um quadrado espaçoso, cercado de casas, todas iguais e pela igreja com ampla fachada e com a casa dos missionários, que é mais alta que a dos índios. De oito em oito dias, passa em revista a tropa. Depois da revista, inicia-se entre eles, divididos em dois esquadrões, uma batalha simulada. Mas devem tomar cuidado, porque pela sua própria índole e pela pouca capacidade de entender, muitas vezes,

atacam-se para valer na batalha. Para isso, necessário colocar entre as duas tropas, algumas pessoas sábias, com cassetetes, para separá-los, ou até mesmo, evitar que no calor das escaramuças, decidam matar, como se fossem verdadeiros Inimigos. Todos fazem exercícios no arremesso de pedras com a hindu, arremesso de flechas com o arco e os mais hábeis, recebem um prêmio, pelo acerto dos arremesses e quase todos são sempre premiados, visto que, dificilmente erram o alvo.

Não faz muito tempo, os índios quando viram os cavalos pela primeira vez ficaram totalmente amedrontados. Corriam apressados e trepavam nas árvores como se vissem leões ou tigres. Hoje, com os exercícios, deixaram totalmente o medo, correm a cavalo com rédeas soltas, manejando ao mesmo tempo, as armas com toda a destreza. O seu esquadrão de lanceiros a cavalo, é formidável.

Esta milícia, foi instituída, não para conquistar outros países, mas unicamente para conservar a própria liberdade e nenhum cuidado foi esquecido para conservar a paz entre todos. Entre os índios infiéis, não há força que possa vencer os cristãos. Primeiro porque as Reduções são mais numerosas do que aqueles bárbaros (e cada Redução procura aumentar sempre mais seu povo, procurando atrair à fé e à união, os infiéis e ainda nos momentos de necessidade, cada Redução pede a ajuda à outra e segundo, porque os bárbaros não conseguem resistir à cavalaria e às armas de fogo. Por isso os índios infiéis se preocupam em conservar a paz entre as Reduções e aqueles que não querem a paz, retiram-se para o mais longe possível. Sempre existem alguns, como assassinos de estradas, que roubam os animais ou matam os pastores, ou levam os prisioneiros, quando os encontram nos campos, longe dos que possam ajudá-los.

Mas os piores de todos, são os conhecidos mamelucos do Brasil, a vergonha do cristianismo que, cada ano, fazem escaramuças e percorrem centenas de milhas para escravizarem aqueles índios e isso, fazem porque dizem que são seus Moros. Mesmo que os piedosos reis de Portugal tenham proibido tal tirania com editos mais rigorosos e sob gravíssimas penas, mesmo que os sumos Pontífices tenham fulminado com pesada excomunhão. (Bula do Papa Urbano VIII - 1639, que reafirma aquela do Papa Paulo III - 1537, contra os escravos, um barbarismo tão execrado, nada disso serviu para reprimi-los e prestavam juramento de obediência solene a Deus e ao Rei, quando lhes provinha, também para tirar proveito, (vergonha do cristianismo).

Para dar um testemunho de sua crueldade, convém recordar que, pelo fim do século passado, esses cães chegaram de improviso na Redução de Jesus e Maria, construída no Guaíra e estando mais perto do que os outros, meteram nela suas unhas. Os mamelucos eram oitocentos, acompanhados com três índios Tupy, seus súditos e estavam bem armados com mosquetes, fuzis e outras armas. Os índios não tiveram tempo para qualquer defesa. Os mamelucos começaram a prender, homens, mulheres e crianças, quantos queriam e caíam em suas mãos. Ao primeiro aviso de tal calamidade, que caiu sobre aquelas inocentes ovelhas, o Pe. Simão Mazzetta, insigne missionário, julgando que ainda houvesse alguma sombra de cristianismo, teria ao menos respeitado o Pe., vestindo a batina, a sobrepeliz e a estola com a cruz na mão, foi ao encontro deles e com toda a mansidão, começou a admoestá-los, para que não fizessem mal a esses novos rebentos da fé cristã. A resposta que deu um dos seus capitães, de nome Federico Mello, foi tirar o facão de sua bainha e desfechar golpes na cabeça do bom missionário. Mas Deus quis, que esquivando-se livrasse desse golpe. Mas nesse mesmo momento, o cacique Carubá todo apressado em levar a notícia ao Padre, que os Tupys entraram por uma parte da Redução e estavam levando-os como escravos, aqueles pobres cristãos, então o Mello levantou o arcabuz e descarregou no peito do cacique e o deixou morto no chão. Então toda a Redução foi saqueada, não pouparam nem a igreja, a sacristia, nem as imagens dos Santos e quem quisesse opor-se, perderia a vida. Temendo que viesse socorro das Reduções vizinhas, pela manhã bem cedo, aqueles ímpios celerados, partiram para sua província, levando com eles toda a grande procissão daqueles infelizes escravos. O padre Francisco Dias, comovido com a notícia de tal tragédia na sua Redução, encontrou o Pe. Mazzetta desfeito em lágrimas, vendo destruída em um só dia e pelos homens que se diziam cristãos, uma tal florescente população de fiéis, colocada por ele, junto com tantos sofrimentos e cultivada com tanto suor. Os dois padres tomaram a decisão de ir atrás de suas ovelhas, crianças e mulheres mortas de fome ou agonizantes ou trucidados por aqueles monstros desumanos, porque não conseguiram acompanhá-los. Chegaram e foram ao grosso da tropa, uniram-se ao grupo de seus pobres paroquianos, para confortá-los e animá-los em tudo que podiam, sofrendo pacientemente o cansaço físico e os maus tratos daqueles infames celerados, até que depois de uma longa viagem, de oitocentos quilômetros, che-

garam à cidade de São Paulo. Aí vendo que os escravos eram mandados a cultivar o campo, outros cultivar a cana-de-açúcar e vendo que não era possível encontrar a justiça, os dois religiosos tomaram a estrada para a Bacia de todos os Santos, capital do Brasil, longe de São Paulo, cerca de seiscentos quilômetros, para procurar a liberdade de todos os infelizes, junto ao governador geral do Brasil, Dom Francisco de Oliveyra. Dele trouxeram um urgentíssimo despacho aos paulistanos e acompanhados com um comissário encarregado da execução voltaram à São Paulo.

Aqueles cães, enfurecidos pelo fato acontecido, faltou pouco para que o fizessem em pedaço, como aconteceu alguns anos antes, com o venerando Pe. Diego de Alfaro, que o mataram por um ato semelhante de heroica caridade, em favor de suas ovelhas roubadas. Nessa ocasião, não faltaram as ameaças, as vilanias e as flechas lançadas contra as janelas dos missionários. Tanto trabalho e cansaço daqueles servos de Deus, acabou resgatando, não mais do cinquenta pessoas de sua gente, que eram mais de quinze mil e que foram levadas como escravos, para aquela maldita cidade. Eles não tornaram a voltar para aqueles lugares, pois pressentiam que esses assassinos, estavam preparando outros ataques ao Paraguai cristão, porque no primeiro assalto, conseguiram muitas riquezas. Mas a desgraça faz pensar. Doutrinados, não só dessa desgraça, mas também das anteriores, esses bons cristãos se entregaram de corpo e alma aos exercícios das artes militares, para se defenderem, segundo o direito natural, dos ataques e das invasões injustas dos pérfidos mamelucos. Esses criminosos mandam sua gente espionar e estão de olho nas Reduções cristãs mais expostas ao seu furor. Mas elas também, estão sempre alerta e para não serem pegadas de improviso, colocam em todas as estações do ano, homens com dever de vigiar a campanha e se inteirar no percurso de 100 ou 200 Km, observando se há rumores suspeitos ou sinal de inimigos. Cada mês, de acordo com as notícias que têm, voltam a informar à Redução. E quando têm suspeitas, medos, a milícia é avisada e se prepara com armas e todas as companhias que são necessárias e mandam o aviso também para outras Reduções vizinhas. Depois saem por muitas milhas nos campos à procura do inimigo, procurando atacar em lugares com grande espaço, porque sabem por experiência e sabemos que os índios usam os cavalos e armas de fogo e são superiores aos mamelucos e para evitar que se aproximem das Reduções, pois é

sempre perigoso pelos danos que causam ou pela insegurança e medo das mulheres e das crianças. Também, para que os amaldiçoados mamelucos não se aproveitem dos momentos em que se desenvolvem os ofícios divinos, como já aconteceu, quando o povo todo estava na igreja desarmado, hoje os cristãos para estarem sempre preparados para a defesa, também quando vão à igreja, levam consigo o arco e as flechas. Eles não vão ao encontro dos inimigos, se antes não tiverem a permissão e a bênção do missionário, ou seu vigário e tem a certeza do sucesso na luta. ("Há sempre um piquete de cavalaria que vigia e explora as estradas e comunica tudo que pode descobrir. As passagens por onde podem penetrar em suas terras, estão sempre bem vigiadas e guarnecidas, porque pode acontecer que, apesar de todo esse cuidado, eles podem vir escondidos pelos bosques, para atacar uma vila ou Redução, quando estão na igreja com as funções religiosas, por mais seguros que possam estar, permitem aos militares levarem as armas e ao primeiro alarme do inimigo, possam parar um ataque e dar aos demais habitantes a possibilidade de salvar-se" - Pierre Charlevoix - cit. - 92). Tais precauções serviram para reprimir e frear o orgulho e os ataques dos paulistas. Aconteceu que esta gente experimentou o valor dos índios, ficando eles mais de uma vez, totalmente vencidos. Célebre foi a vitória que os cristãos, nas vizinhanças da Redução de Santa Cruz, onde foram totalmente derrotados, uns oitocentos mamelucos contra quatro mil Tupys, ao encalço deles, deixando vivos uns poucos que imploram para poupá-los e que lhes fossem dada a permissão de voltarem ao Brasil, prometendo não mais retornar a incomodá-los e isso foi lhes concedido pela caridade dos vencedores. Já faz muito tempo, que essa infame população, depois daquela alegre vitória, não tentou mais investir contra as Reduções, e ainda mais se pode crer, que de agora para frente, não voltarão mais, pois cada Redução está sempre crescendo em população e assim também aumenta o número de soldados capazes de fazer frente a quem quiser incomodá-los.

Os soldados cristãos do Paraguai, não deram provas de suas bravuras só contra os mamelucos de São Paulo, eles muitas vezes, estando a serviço da Coroa espanhola e dos seus governadores eram escolhidos pela sua bravura.

Em 1662 era governador de Assunção, cidade capital do Paraguai, Dom Afonso Sarmiento. Encontrava-se ele em viagem para conhecer Vila Rica, ficou um dia em um castelo e foi cercado por um

grande número de indígenas infiéis. Eles não tinham consigo, nem gente, nem armas, nem provisões de alimentos. Depois de ter resistido alguns dias, estava ao ponto de se entregar à discrição, ou melhor à indiscrição daqueles bárbaros, quando uma Redução dos Itatins soube do perigo que o governador estava correndo. No mesmo momento esses índios cristãos, tomaram suas armas e se lançaram contra os inimigos, os quais depois de um longo combate, fugiram, deixando muitos deles mortos sobre o campo de batalha. Depois desse fato, aquele cavalheiro não se cansava de elogiar a bravura desses bons índios Itatins, falando a todos que eles salvaram sua vida. Em outra ocasião, achava-se em perigo, Dom Sebastião de Leon e vieram libertar esse cristão da Redução de Santo Inácio do Paraná. Eles são bem orientados pelos párocos, da obrigação que devem a Deus, enquanto cristãos, ao Rei, enquanto súditos e em todas as ocasiões, que a Coroa precisou deles, sempre demonstraram que sua fidelidade não era menor que a sua bravura. De todas as vitórias alcançadas há muito tempo naquelas regiões, conta-se uma que seja apenas atribuída total ou em parte à bravura daqueles índios. É verdade que eles necessitam sempre de um capitão espanhol, treinado nas estratégias de guerra, não estando em grau de se ordenarem e lutarem em ordem, combatendo todos amontoados e atacando o inimigo com gritos pavorosos, tática que serve para os índios e em quase nada adiantaria para com os europeus. Motivo pelo qual, procura-se sempre um oficial espanhol, para primeiro exercitá-los nas artes militares, para depois combaterem com os leões, avançando sem nenhum medo, empregando toda a grande força contra o inimigo. Isto os portugueses experimentaram no ano de 1680 e como aconteceu, convém contar.

No fim do ano 1679, os portugueses, sob a guia do bom orientador Manoel Lobos, insigne mestre de campo, foram ocupar um lugar na desembocadura do Rio do Plata, onde aquele majestoso rio faz uma enseada capaz de abrigar muitos navios e defendido dos ventos pela ilha de São Gabriel, que o protege. No entanto, Dom José Barros, (Gioseppe Barros), Governador de Buenos Aires, enviava batedores a Lobos, para compreender suas intenções. Os portugueses tiveram tempo e oportunidade de construir um forte bem defendido, com artilharia e provido do necessário, para se manter contra qualquer assaltante. A fleuma espanhola esperou até o fim do mês de agosto de 1680, para se resolver. Pediu socorro militar às Reduções do Uruguai que

estavam sob seu governo. Depois de uma viagem de setecentos quilômetros, três mil índios conduzindo cavalos, crendo que era necessário, para um exército espanhol.

O governador de Buenos Aires não possuía mais de trezentos infantes da sua província, para se reunirem aos índios e ainda não deu nenhuma peça de artilharia, para não deixar desguarnecida a cidade. Mas a coisa pior, é que não concedeu aos índios, a não ser, duzentos arcabuzes e outros tantos sabres, deixando todos os outros, armados só com os arcos, flechas fundas e mosquetes, pois não havia se formado o exército dos índios. Como Marechal de Campo, foi nomeado Dom José Vera, que imaginou uma curiosa disposição das tropas do seu pequeno exército: marchavam primeiro os cavalos em número de quatro mil sem soldado, logo atrás, seguiam os índios com os oficiais espanhóis e à retaguarda, os da infantaria. O engenhoso Marechal, pensava que os portugueses tivessem empregado os primeiros disparos de sua artilharia na vanguarda, que era formada só de cavalos, o exército de campo não teria dificuldade para derrotar os portugueses em terra.

Mas os índios ainda que incultos, murmuravam dizendo que os cavalos se assustariam pelos primeiros disparos dos canhões e sem ninguém nas selas para governá-los, voltariam para trás com fúria, desorganizava o esquadrão, com o perigo de serem trucidados pelos inimigos. O seu arraçado temor, chegou até o comandante, o qual deu ordem para tirar os cavalos de lado e ordenou que continuassem a marcha e pela manhã chegaram à fortaleza. Foi combinado que ninguém avançasse até ouvirem o disparo de pistola, como sinal de assalto.

Um índio subiu até o pátio, onde se encontrava um sentinela adormecido e o matou. Um outro sentinela percebeu e disparou um tiro, crendo que fosse o sinal combinado, todos os índios se lançaram com garra nos muros e montando um sobre os ombros dos outros, ajudaram fazendo escada para os infantes espanhóis subirem. Por várias horas os portugueses opuseram resistência, combatendo o próprio Dom Emanuel Golban, que era o seu apoio, até que, depois de muitos ferimentos causados pelos assaltantes, morreu no campo de batalha. Coisa admirável era ver sua consorte, manejando a espada ao lado do marido, mesmo que os espanhóis, por mais de uma vez, tentassem convencê-la, ela se fez de muda e continuou lutando até cair. Enfim, os portugueses, viram que tudo estava nas mãos dos espanhóis

e que o chão estava encoberto de cadáveres. Pediram trégua, mas os índios não entendiam a sua língua. Parecia que estavam combatendo contra os mamelucos do Brasil, seus ferrenhos inimigos. Lutaram até conseguirem a vitória. Ouvindo o sinal dado pelos espanhóis para cessarem, obedeceram imediatamente. A artilharia, as munições e os escravos, foram entregues ao Estado Real. O resto, ao som das trombetas, entregavam aos índios. O melhor ficou para os espanhóis; O ouro, a prata, as joias e as coisas de valor, porque os índios, interessavam-se mais pelos alimentos, pelas tesouras, facões e coisas semelhantes, espoliando os mortos, para tirarem as suas roupas, enquanto os outros, mais atentos, colhiam o melhor do despojo. Dos espanhóis, seis morreram, dos índios trinta, mas os feridos, foram muitos. Dos portugueses, contaram duzentos mortos e os demais, ficaram prisioneiros e dentre eles, o próprio General Dom Emanuel Lobos, que foi tratado com toda a cortesia e respeito, pelo comandante espanhol. Nessa perigosa investida, participaram também, quatro missionários Jesuítas, que exerceram sua caridade entre os índios e os portugueses, confessando e absolvendo os moribundos.

Por esta vitória, pela rara coragem mostrada nessa ação, ainda que essa gente não fosse acostumada a tal tipo de batalha e por ter conduzido, uma grande quantidade de cavalos, aqueles índios, conseguiram uma honra imortal, do Vice-Rei, dos Ministros do Peru e das outras cidades. Chegaram à Corte de Madrid, uma quantidade de cartas, louvando sua bravura e sua fidelidade, sugerindo ao mesmo tempo, a necessidade de enviá-los àqueles lugares e manter os missionários Jesuítas, ajudando-os na fundação de novas Reduções, pois fazia tanto bem àquelas almas e era de grande utilidade para a Coroa. Conta-se muitas outras proezas militares daqueles bons índios, fiéis à Coroa da Espanha e em 1735, quatro mil deles, marcharam a serviço do Rei, contra os portugueses. Mais tarde, outros seis mil, que depois de uma longa viagem, chegaram à Província de Assunção, para dar posse ao Ministro Real, enviado para lá, para pacificá-la.

CAPÍTULO XXI

O Amor que os índios Cristãos Professam aos seus Missionários

Ninguém, a não ser quem vai ao Paraguai, pode compreender qual é o respeito e o amor que esses índios têm para com seus piedosos missionários da Companhia de Jesus. O que eu não sei dizer é se essa veneração é de maior glória para os religiosos, ou aos próprios índios cristãos. Sem o conjunto de virtudes e de ações construtivas, aqueles servos de Deus não poderiam se fazer amar tanto por aqueles povos e também não poderiam obter tanto afeto daquela gente, se não possuíssem uma bondade natural e com o coração sempre inclinado para a gratuidade. O nome "Padre", é para todos aqueles que alimentam as almas cristãs na vida da espiritualidade e se estendeu também para todos que usam hábito eclesiástico nas ordens religiosas aprovadas pela fé apostólica. No Paraguai, os Jesuítas são considerados não só como padres espirituais, mas também como pais de família daquelas Reduções confiadas ao seu cuidado e como pai, pensa no bem dos próprios filhos e como ministros, enviados por Deus, se ocupam, tanto do bem espiritual como do bem material. (O fato de que os guaranis chamavam indiferentemente, durante muito tempo depois os missionários cristãos, os mais idosos e também o feiticeiro de pai (padre), é índice interessante da confusão religiosa e cultural existente naqueles anos. Essa confusão deixou marcas também nos unos sucessivos - Alberto Armani, cità del Sale 1977, "Cidade de Deus e Cidade do Sol").

Naquelas Reduções só existem os religiosos Jesuítas, que se ocupam daqueles povos, já que se respeita o tratado sábio que diz: onde uma Ordem Religiosa tem seus religiosos trabalhando na pregação do Evangelho e da fé de Jesus Cristo aos infiéis, não deve entrar nenhum missionário de outra Ordem; isso para evitar comparações, discussões e competições, pois cada Ordem tem seu carisma e podem divergir na maneira da pregação, não isento da paixão humana, tendo já em outras ocasiões causado confusão à própria religião. É admirável ver que aqueles bons índios, sabendo que em Buenos Aires, tinham chegado novos missionários da Europa, os ministros se esforçam para serem escolhidos para irem buscar esses missionários, numa distância

de até centenas de milhas da sua Pátria, para trazê-los à Redução, para as quais eles são designados. É bom ver, que é com tanta alegria que esses missionários são recebidos quando chegam e também de como, com toda a humildade, os índios se colocam à sua disposição, submetendo-se a qualquer castigo que mereçam pela falta cometida, mesmo que o castigo seja para o cacique ou para os oficiais. Eles se mostram também grandemente honrados quando são escolhidos para acompanhá-los no anúncio do Evangelho aos infiéis, para defendê-los das incursões dos bárbaros, ou índios não convertidos.

Em anos passados, aconteceu que um bando de infiéis quis matar o padre Antônio Ruiz com o propósito de fazer um lauto jantar com sua carne, dizendo que seria muito saborosa, porque os Jesuítas da Europa usavam o sal nos seus alimentos. Os índios do Paraguai não conhecem o sal, pois estão longe do mar e como não procuraram, nunca encontraram no seu país, uma mina de sal como a de Tucuman; eles comem a carne sem esse condimento. Digo condimento e é assim para nós, mas nem eles, nem os índios do Canadá e os demais países usam o sal e ficam admirados dos europeus que tanto o procuram.

Esses bárbaros entraram durante a noite, na Redução da qual ele, (o Pe. Ruiz) era o pároco. Os índios o procuravam. Quando um índio se deu conta do que estava acontecendo, correu e colocou a longa batina e o chapéu de missionário, para que pensassem ser ele o verdadeiro Pe. Luiz e voltassem contra o índio o seu furor e não demorou muito o encontraram de fato e assim tendo-o em sua mira, desfecharam uma grande quantidade de flechas, mas por especial providência de Deus, não conseguiram acertá-lo. Os cristãos se acordaram e se deram conta do assalto. Saíram de suas casas com suas armas e puseram em fuga os assaltantes. Desse fato se pode deduzir o quanto era forte o amor sincero que esses índios dedicaram aos seus pregadores e mestres.

Eis os motivos pelos quais esses cristãos convertidos, professam tanta afeição e reverência aos missionários. Cada um deles está consciente e sabe qual era o seu estado de vida anterior e o modo como viviam os seus antepassados. Nos bosques viviam como animais e ainda tem como exemplo os seus conacionais, que não querem aceitar a vida nas Reduções. Vivem na obstinação, na infidelidade e no barbarismo. Estes bendizem a Deus e agradecem nos seus missionários uma vida racional. Vivem uma vida cômoda, civilizada, em paz e

na concórdia, sem jamais se destruírem e fazerem banquetes de carne humana, como ainda fazem aqueles índios indomáveis e brutais. A este grande benefício se soma outro ainda maior: o de ter conhecido o Deus verdadeiro e a Santa Religião para a salvação de sua alma, faz com eles considerarem os missionários, depois de Deus, a causa de toda a felicidade. Por Isso os amam e os veneram.

A sabedoria, a exemplaridade dos costumes são o distintivo que sempre acompanha os padres da Companhia de Jesus e isso está bem presente também entre as delícias e as dissoluções dos povos do México e do Peru. Esse teor de vida irrepreensível, mantida rigorosamente entre eles, tem muito mais sentido no Paraguai, do que em outra nação. Aumenta o respeito entre eles e sabemos que os povos sempre estão atentos a todas as ações, escandalizando-se facilmente pela mínima coisa que fazem de mal. Assim também facilmente se edificam a cada ação virtuosa, que os missionários fazem. Observando-os, tão devotos e bem compostos em todas as funções religiosas, tão pacientes no trabalho, nas provocações e nas ocasiões de aborrecimento pelas levandades de alguém, os missionários viviam só para as funções do colégio e na igreja. Não saíam de casa a não ser para visitar os doentes e administrar-lhes os sacramentos e isso eles faziam sempre com a companhia dos enfermos, testemunhas perpétuas de suas ações. Assim assistem principalmente os agonizantes, por esses motivos (boas ações) eles veem com reverência, como se fossem anjos vindos do céu.

Um outro motivo para conquistar seu amor, consiste no incansável cuidado que os missionários têm, em ampliar as comodidades do povo, como se fossem seus próprios filhos. As diversas leis ensinadas a eles e principalmente estudando a possibilidade de introduzir novos trabalhos, a melhoria da agricultura e o comércio na região, o trabalho que eles mesmos fazem com as mãos, em todos os setores, dando vivo testemunho da grande caridade que praticam aqueles ministros de Deus. Também proporcionando a felicidade terrena dos seus paroquianos, tornando-se seus tutores e feitores, estudando todo o dia, para inventar coisas novas para tornar a vida deles melhores. De modo particular, estão atentos na defesa deles, para que nada venha por parte dos espanhóis em detrimento da liberdade, ou para não introduzirem penas a essa população, que contrarie as ordens e privilégios concedidos pela gloriosa clemência e piedade dos monarcas católicos da Espanha.

Tanta caridade e tanto cuidado, desses servos de Deus, para proporcionar o bem de todos os seus povos, sob o cuidado do seu poder espiritual, pois é um poderoso meio para cativá-los e ao mesmo tempo a arma mais segura e eficaz para atrair também os bárbaros, ao suave jugo da Lei de Cristo; os cristãos vendo nos missionários, não o seu interesse próprio, mas somente um grande desejo de ajudar, tanto no campo espiritual como no material.

Durante muito tempo, um eclesiástico espanhol permaneceu naquela região, cujas melhorias eu aproveitei para narrar, mas isto, só ele registrou. Aconteceu ao Pe. Francisco Diaz, que foi testemunha dos trabalhos apostólicos e das numerosas conversões que ele fez. Quando aquele Santo missionário atravessava algumas rancherias vizinhas (assim se chamava o conjunto de cabanas) de infíéis, para atraí-los para Deus, entre as quais grassava a peste, pôde constatar, como de fato acontecia com aqueles bárbaros, uma nação das mais cruéis, confinadas aos Chiquitos, aproveitavam-se dessa calamidade e invadiam essas populações, para matar sua fome, aproveitando a carne humana. Eles matavam todos aqueles que estavam sãos, como ovelhas, feitas em pedaços de acordo com seu bárbaro costume. Comiam semi-cozidos e, principalmente as crianças, cortando-as diante daquelas pobres mães, pois para eles, esse era o prato preferido pelo seu sabor. Tinham decidido prender o Pe. Diaz e fazer dele um banquete, mesmo sendo ele franzino. Mas um índio fugiu e levou a notícia até a Redução de São Francisco Xavier, da qual o Pe. Diaz era missionário. Aquele povo ao ouvir a notícia e sabendo do perigo que seu amado pastor corria, mesmo sendo longe muitas milhas, pegaram logo as armas e escolheram a melhor esquadra da milícia. Lá chegando, lançaram-se com tanta decisão sobre aqueles assassinos, que logo conseguiram aprisionar muitos deles e outros conseguiram fugir. Os vencedores, como castigo, queriam deixar esses prisioneiros pendurados nas árvores e já estavam executando a sentença quando o Pe. Diaz, movido pela caridade e piedade, interveio a favor daqueles miseráveis e conseguiu que eles fossem perdoados. Instruídos pois, na Santa Fé e tratando-as com carinho e ternura paterna, libertou-os e proveu-lhes de alimentos suficientes. Eles ficaram surpresos, vencidos por tal benefício e estonteados por tanta amabilidade que, ao chegarem às cabanas, falaram tanto da religião cristã e da caridade do seu pregador, que toda aquela nação, com vida se uniram em grupo e vieram colocar-se aos pés do

Pe. Diaz, pedindo-lhe com súplica que lhes ensinasse a lei de Cristo, porque todos eles estavam decididos e queriam abraçar a religião e colocar-se ao seu cuidado para serem contados entre os cristãos. O bom religioso ficou admirado, ao ver diante dele, um grande grupo de índios que, pouco antes, eram cruéis sanguinários e agora pela mão poderosa de Deus, transformados em mansos cordeiros. Acolheu-os com sua costumeira caridade e alegria, conduziu-os à Redução, onde foram distribuídos e recebidos com muita festa pelos antigos cristãos. Receberam o batismo, viveram sempre como verdadeiros e fervorosos cristãos.

Eis aí os frutos da caridade, a nós tanto inculcada por nosso divino legislador Jesus Cristo. A violência e a tirania usada por alguns contra aqueles pobres índios, não servem a não ser para afastar e perder também os já convertidos ao cristianismo e tornar ainda mais difícil a conversão dos infiéis, em particular como aconteceu na vastíssima província do Chaco, a qual se estende entre os rios Salado, Vermelho e Rio Grande. Quando entraram pela primeira vez, alguns operários da Companhia De Jesus, muitos dos quais coroaram seu apostólico trabalho com um glorioso martírio e principalmente os padres Solinas e Pe. Ortiz, depois de imensos sofrimentos chegaram a fundar algumas povoações de novos cristãos. Alguns espanhóis sabendo disso e obcecados pelos interesses, sob protesto de submetê-los estavelmente à Coroa e assim obter as encomendas, começaram a oprimi-los e tiranizá-los. O que aconteceu? Aqueles novos cristãos, exasperados se refugiaram, um a um e abandonaram o jugo divino, embrenharam-se nas matas e retomaram suas vidas de bárbaros e ainda envenenando os conacionais contra as leis cristãs e seus pregadores. Desse momento em diante, não mais puderam sujeitá-los, nem ao Evangelho, nem aos espanhóis. Somente nesses últimos tempos, surgiu alguma esperança de trabalhar com eles, para levá-los à fé cristã. Tendo iniciado alguns missionários Jesuítas, a formar entre eles alguma pequena população de neófitos.

A mesma desordem aconteceu, anos atrás, naquela vasta região da América, que chamam de Magelanica. O Pe. Nicoló Mascardi, fervoroso missionário da Companhia de Jesus e depois glorioso mártir do senhor, deu um bom início à conversão daqueles povos, quando estalou na cabeça de alguns ministros do rei católico, mais interessados ao seu particular interesse, do que ao serviço de Deus e à monarquia.

Para eles era melhor conquistar aquele país com armas, para fazê-los escravos. Aqueles índios irritados pela hostilidade dos espanhóis, não só abandonaram a religião, mas mataram também o fervoroso missionário. Naquelas regiões, nada se conseguiu no campo material e ainda ficou um ódio implacável contra o cristianismo; isso acontecerá sempre que existir a cobiça abominável de escravizar os índios ou de oprimi-los de outras maneiras, por aqueles que são pouco fiéis ao Rei e menos ainda a Deus. Para isso, é preciso fazer prevalecer o crucifixo e não o canhão, a caridade e não à violência, devem converter e somente eles podem converter quem não acredita em Jesus Cristo.

Convém aqui confessar e Francisco Coreal, confessa também suas viagens, (não sei se é este o seu verdadeiro nome, porque não sei à qual régia pertence), que os Jesuítas são feitos para dilatar a fé católica naqueles países, por causa da sua paciência, prudência e habilidade para ganhar, civilizar e educar aqueles povos crescidos na barbárie. Um exemplo: algumas povoações que habitam nas margens do Monday, rio que deságua no Paraná, mostraram-se dispostos a receber o batismo. Eles mesmos mandaram pedir a Dom Faustino de Los Casos, da Ordem dos Mercedários, Bispo de Assunção, capital do Paraguai. O zeloso prelado enviou para lá, alguns sacerdotes, que no início fizeram uma boa conquista, mas estes não tardaram muito a prendê-los. O prelado expediu aquele que mais se preocupava com a notícia, o decano da sua igreja, isto é, o mais douto, exemplar e desinteressado dos seus eclesiásticos e também ficou desiludido pela inconstância daquela gente. O bispo então, recorreu ao padre provincial dos Jesuítas, pedindo para assumir os seus religiosos, naquela vasta e mais importante empresa, isso porque sabia-se que eles, chamados por Deus por vocação do seu Instituto, a pregar a fé em Jesus Cristo, eram também favorecidos por ele, com essenciais favores nesse nobre serviço, como a estatística apresentava tantos povos convertidos e levados à sociedade Cristã no Paraguai.

Foram escolhidos dois missionários Jesuítas, os quais com larga experiência, não ficavam com os índios mais perto da cidade, mas entraram no bosque a procura dos mais distantes e convertidos. Esses conseguiram fundar uma Redução de mais de duas mil pessoas, a qual, cada dia ia crescendo e podia servir de estrada para ganhar os remanescentes daqueles bárbaros. A bênção de Deus desceu abundante sobre aqueles incansáveis operários de muitas missões, iam pe-

netrando sempre mais nas províncias do Chaco, dos Chiquitos e dos Ciriguanas, povos estes que pela sua ferocidade, nunca se submeteram aos espanhóis. Até agora, os espanhóis não conseguiram descobri-los, por causa das ásperas montanhas e pelas densas florestas que os protegem. O fato de ter fundado nesses últimos, um Colégio na cidade de Taricá, tem agilizado os Jesuítas a ganhar para Deus, muitas almas daquela região, na esperança de progredir sempre mais, na propagação da fé cristã.

As missões e as Reduções do Paraguai, serviram de modelo para as demais fundadas naquelas regiões da América Meridional, longe do comércio dos espanhóis. Os povos dos Moxos, por mim muitas vezes lembrados, estão situados debaixo da zona tórrida no 12° de latitude meridional, entre o Rio Guapaí, limitando-se com outros numerosos povos, também bárbaros, os quais são totalmente desconhecidos. Seu país, também é desconhecido e certamente seus olhos, abrir-se-iam para a luz do Evangelho, se a Companhia de Jesus pudesse mandar os seus apóstolos nas diversas e numerosas partes do mundo.

Pelo ano 1675, o Pe. Cipriano Barazi, sacerdote da Companhia de Jesus, determinou-se com todo o fervor, a introduzir o cristianismo entre os povos dos moxos. Não se pode imaginar, quanto cansaço e quanta fadiga, pela dificuldade da língua, pela mudança de clima, e tantos perigos, em vista da crueldade daqueles bárbaros e pela oposição dos sacerdotes da tribo, quanto tenha custado a um missionário acompanhado por um sacerdote amigo, ou leigo, a converter à fé, povos selvagens, os quais habitam muito distante das Reduções já fundadas e não têm nenhum vislumbre da religião cristã.

Deus abençoou o suor daqueles incansáveis religiosos, pois no espaço de alguns anos, conseguiram fundar naquelas regiões três Reduções, pondo o nome de Bem-aventurada Maria Virgem de Lareto, Santíssima Trindade e São Francisco Xavier. Aberta a porta do zelo dos outros missionários Jesuítas, chegaram pois, vários companheiros que, com igual fervor, dilataram naquela região do país, o reino de Deus, de modo que, antes que terminasse o século passado, foram fundadas mais doze novas Reduções, distante uma da outra uns vinte quilômetros, nos lugares mais saudáveis e ubertosos e já se contava, quase trinta mil almas batizadas. Podemos crer a essas horas, que cresceu tanto o número de fiéis, devido à contínua aplicação daqueles fer-

vorosos ministros de Deus, para atrair novas famílias para morarem na sua povoação e para distribuir a cada um, a sua porção de terra para cultivar, já que dá-la não custa nada.

Para unir aquela gente dispersa e distante, era necessário trazê-las para morarem numa povoação bem organizada e fazê-los mudarem seus ritos e seus modos de vida, introduzindo entre eles, o regulamento das Reduções do Paraguai, isto é, a piedade, a caridade, a cultura das terras e as artes necessárias e úteis para a vida do homem e para construir igrejas e ornamentos com pedras e tijolos, porque antes, só sabiam construir míseras choupanas de quatro madeiras, não se quer nada mais do que a inexplicável paciência e cuidado do Pe. "Barazi". Ele foi pessoalmente buscar do Peru, Lima, um grande rebanho de vacas, de touros que se multiplicaram e serve hoje de tranquilidade e comodidade para aqueles novos cristãos. Procurou e depois descobriu e abriu uma estrada para subir as altas montanhas da Cordilheira, que agora se poupa muitos dias de caminho para ir a Lima.

Não satisfeito com as construções e fundações tão belas, o bom servo de Deus foi pregar o Evangelho a vários povos, até que chegou junto aos "Bauri", povo de aparência dócil, mas na realidade, do suave jugo da religião cristã nada queriam. No dia 16 de setembro de 1702, terminou gloriosamente com o martírio, o longo caminho de vinte sete anos empregados totalmente em continuar fadigas e viagens para aumentar o Reino de Cristo.

CAPÍTULO XXII

Os trabalhos que sofreram e ainda sofrem os missionários por causa da inveja dos outros

Se a divina clemência, como fez até agora, não continuasse a reprimir os maus chefes da secção e a inveja insidiosa daqueles que não veem com bons olhos estes piedosos pregadores do Evangelho na América Meridional, as conquistas até agora alcançadas, cessarão e chegarão por certo a perder aquilo que conquistamos. E quem são esses inimigos da glória de Deus e da Companhia de Jesus? Não são os infiéis e nem tão pouco os hereges, mas alguns entre os próprios católicos, aqueles mesmos, dos quais já falei nos capítulos precedentes; gente só preocupada com as próprias comodidades e com o acúmulo de bens materiais e que gostaria de ver cristãos todos os povos das índias Ocidentais, mas somente para enriquecerem, como fazem com os animais de carga e para torná-los escravos miseráveis, ao invés de torná-los fiéis súditos da Coroa da Espanha. Portanto, não é de agora que estes dizem, não só no Peru ou nas outras partes da América, mas também na Espanha e na Itália, que os padres Jesuítas fundaram tantas Reduções de cristãos no Paraguai, unicamente para o seu interesse e que pelo mesmo motivo procuram aumentar o número de novas construções e que nesses lugares, vivem como príncipes.

"O comércio do Paraguai está todo em suas mãos e ninguém pode fazê-lo sem o seu consentimento. Eles são tão ricos e poderosos, que daqui a poucos anos, ninguém mais poderá resisti-los. Muitas vezes chegaram a fazer os oficiais deporem, indicados por eles porque não estavam satisfeitos com os mesmos e porque possuíam o poder, doam e são muito versáteis em enrolar os governadores reais. Depois de converterem os índios, persuadem-nos de que nada é mais agradável a Deus do que dar todos os bens e de convencer os seus fiéis servidores a construírem igrejas, altares e ornamentá-los. Eles portanto, devem trazer suas produções e pagar tributos. Se vão caçar, devem dar tudo aos Jesuítas, aos quais entregam também o melhor das colheitas e em particular a erva do Paraguai, que é uma das melhores. E não basta trazerem aos Jesuítas o ouro que recolhem nas jazidas e nos leitos

dos rios das montanhas ou que ainda cavam nas minas de Calchacos e no Uruguai. Estas são as conversas que dizem e que já mencionou Francisco Coreal (provavelmente não espanhol, ou se espanhol, não fiel católico como seus conacionais) escreve na obra, viagens, não por ter ele notícias concretas, porque ele nunca penetrou no Paraguai, mas escreveu somente por influências de alguma venenosa reação daqueles que se vangloriam de serem inimigos dos Jesuítas e que conseguem transformar as suas mais belas ações e virtudes, em reprovação, pela malignidade das cores com que pintam.

É necessário dizer, que o que concerne às missões do Paraguai (só posso falar desse país e não de outro), são todas meras calúnias e detestável invenção de inveja e da maldade dos outros. Já vimos como as Reduções são fundadas e governadas. Somente isto, seria suficiente para condenar essas ocasiões que apresentamos, para aniquilar a mentirosa autoridade principesca, que é atribuída aos patrões da Companhia de Jesus. Em cada Redução, convém repetir, tanto o régio corretor, que nós chamamos potestade e que administra a justiça em nome da Província e isso é coisa certa. Naqueles lugares os missionários não fazem nada mais, que um pároco de nossas cidades e dos nossos castelos. Quanto ao juro, é bem conhecido que eles não pagam tributo algum, décimo ou primícia aos missionários, os quais recebem do superior das missões, o Delegado Provincial, no cuidado e nas normas do regulamento geral das missões, são previstos do necessário com as esmolas anuais estabelecidas pela bondade dos monarcas católicos, como se fossem num colégio, não tendo eles à sua disposição sem licença, nenhum vintém. Tudo aquilo que sobra nos alimentos, é usado para os índios pobres. Estes também nada pagam para o batismo, matrimônio ou funeral. E não só o superior administra aos missionários o alimento necessário e a roupa, mas manda também muitas daquelas miudezas aos cristãos que muito apreciam e que não podem comprar, devido ao preço elevado no comércio das cidades espanholas, como tesouras, facas, canivete, anzol, agulha de costura medalhas e pequenas imagens sagradas.

Nas cartas que o Pe. Caetano Cattaneo, depois de chegar a Buenos Aires, na Redução a que fora destinada, escreveu ao seu irmão José, sem esquecer de pedir que mandasse para o Paraguai, não só as miudezas descritas acima, mas também muitas coisas vindas da Europa, das quais eles precisavam muito e que não podiam comprar,

pois eram muito caras e assim podiam dar a esses pobres habitantes. E chegando a Modena o anúncio de sua morte, aos 28 de agosto de 1733 na Redução de Santa Rosa, o seu irmão ainda tinha um baú daqueles presentes pronto para ser retido na volta de Cádiz. Quanto ao ouro, que se quer forçar a crer que os índios trazem e entregam aos missionários, é uma manifesta mentira. No Paraguai não se conhece e não se encontra nenhuma mina e se existir, ninguém trabalha nela. Não podemos imaginar, quantos sonhos fazem a avareza dos europeus sobre aqueles países habitados pelos bárbaros. Cada montanha que veem, imaginam repleta de ouro. Basta ler Coreal, para encontrarmos uma lista de minérios existentes no Paraguai, mas que até agora ninguém tirou um só grão de ouro. Veja nas "Regiões da Guiana", país até agora não explorado e onde se sonha com casas e palácios repletos de vasos de ouro e de prata. Se no Paraguai fossem descobertas e exploradas as minas de ouro, a felicidade daqueles índios, teria terminado. A avidez dos espanhóis exigiria, fazendo valer o próprio interesse, com o pretexto de enviar ao Rei, geraria grande desordem entre aquela população cristã. De fato tudo o que, até agora defendiam e continuam defendendo, é precisamente o estado da pobreza. E nunca faltou perseguições, acusações e grandes calúnias contra aqueles piedosos missionários, chegadas até a Corte de Madrid.

Esta guerra aberta, vinha da parte daqueles que não admitiam que estes zelosos missionários se opusessem rigorosamente contra esses desumanos que queriam reduzir à escravidão ou recrutar aqueles pobres índios, sem se importarem com as severas ordens dos reis católicos, que proibia escravizar os índios. Havia também aqueles que queriam os índios e suas terras para transformá-las em Comendas, como aconteceu em algumas partes em Tucuman e em outras regiões, mas os monarcas da Espanha isentaram os índios desse jogo insuportável e eles espontaneamente se colocaram sob a soberania da Coroa e à suave lei do Evangelho.

Esta indulgência, conforme a justiça e a bondade dos reis da Espanha, não conseguem incutir aqueles que chegaram na América, desejosos do ouro e da fortuna. Também no passado, nunca deixaram de atacar, ou mover tempestades contra as Reduções administradas pelos Jesuítas, maquinando todos os meios possíveis para conseguir expulsá-los desses lugares, porque depois de disperso o pastor, tornar-se-ia mais fácil entrar naquelas Reduções e desfrutar despótica-

mente os costumeiros maus tratos, sem que alguém reclamasse. E no entanto o que aconteceu? Tantas calúnias espalhadas entre os infiéis não serviram a não ser, para tornar mais clara a verdade. A correta atitude e o desinteresse dos missionários nas coisas materiais, as visitas dos governadores e dos bispos, tornaram-se mais frequentes às Reduções e eles indagaram e mais uma vez examinaram juridicamente semelhantes acusações, filhas da maldade e da inveja. Essas autoridades encontraram tudo ao contrário do que acusavam. Nos tribunais de Buenos Aires e de Assunção, encontraram-se os atos autênticos e em Madrid, encontram as cartas dos prelados e ministros do Rei, que louvam os trabalhos apostólicos daqueles missionários e de seu sábio governo, com proveito e crescimento em favor da Coroa. E no entanto, não existiu paz até agora, a não ser, por alguns períodos de trégua. Nestes últimos anos se armou um novo turbilhão, o qual, eu conheço de modo especial.

No ano de 1735, os Jesuítas do Paraguai ficaram sabendo de uma informação enviada no ano 1730, ao rei católico, pelo governador do Paraguai, Dom Martins de Barúa e da qual, foram espalhadas várias cópias em Buenos Aires e provavelmente também na Espanha. Esta informação feria frontalmente os índios cristãos do Paraguai, os quais se diziam súditos da monarquia espanhola. Mas ovelhas que não davam nem leite, nem lã para o príncipe, que gastava muito mais com a Coroa do que recolhia e que como conclusão, convinha mudar as anotações, aumentando o tributo dos mesmos, mantendo ao seu governo os corretores espanhóis e ordenando que devesse ser livre o comércio e o tráfico, entre aqueles índios e os espanhóis. A informação provinha seguramente de um inimigo declarado dos padres a Companhia de Jesus, o qual, já em 1732, tinha por duas vezes violentamente expulsado os Jesuítas do seu Colégio no Paraguai, depois por ordem do Rei foram readmitidos. Essas informações continham várias e vergonhosas calúnias, contra os próprios padres, quase como se eles fossem os danos daquelas regiões. Nesse documento se encontram repetidas, quase todas as irreverências e acusações que encontramos esparsas em Coreal, o qual certamente teve que beber, quando de sua passagem por Buenos Aires, no final do ano de 1690, da boca de alguns maldosos e invejosos do bem das outras.

Nas cortes dos reis e dos príncipes não faltam e nunca faltou aqueles alquimistas, que ensinam fazer ouro não com o difícil, mas com

o impossível meio das argumentações falsas (*Lapis philosophorum*), com o fácilmo meio que consiste em aumentar os tributos em cima do povo. Com semelhante e iníquo zelo, esperava também Barúa, conseguir honra e mérito diante da corte. Mas, descoberta a intimidação, o padre Jacó Aguilar, provincial no Paraguai da Companhia de Jesus, enviou ao Rei um pedido bem formulado, com o qual, procurou destruir as diversas calúnias usadas por Barúa. Também afirmar a honrabilidade dos seus religiosos e apresentar a iniquidade dos conselhos daquele mau cristão, tentando não só impedir a possibilidade de aumentar novos cristãos à religião de Cristo, mas fazer perder também todos aqueles já conquistados. Uma cópia desse memorial impresso em Madrid, que tenho e do qual devo ao honrado e generoso príncipe Dom Gaetano Boncompagno, Duque de Sora e mordomo maior de sua majestade o Rei das duas Sicílias, o qual herdou dos seus antepassados uma particular afeição pelos padres da Companhia. Sendo embaixador do seu Rei, junto à corte do rei católico, esforçou-se e empregou também seu patrocínio para impetrar a paz nas missões do Paraguai.

Na conhecida "Informações", havia contradições. O Barúa, ora pretendia que os índios das Reduções do Paraguai não fossem tributários, ora concordava que pagassem tributos, mas não segundo o número de habitantes; proposições todas desmentidas no Memorial, tendo certeza do pagamento feito todos os anos passados e precisamente de 1666, ano em que se começou a impor esse tributo aos índios cristãos do Paraguai. O informante mostrava não conhecer as exceções, acordadas e confirmadas muitas vezes pela bondade dos monarcas católicos, que isentavam as mulheres, os jovens até 20 anos e aos de mais de cinquenta anos de idade. Além disso, para pagar com dinheiro o tributo imposto (pois eles não tinham ouro, nem prata ou cobre), deviam levar seus produtos naturais, perfazendo uma viagem de seiscentas milhas, até as cidades espanholas, onde vendiam e recolhiam o dinheiro necessário para satisfazer a obrigação do tributo. Quanto à proposta de duplicar, daquele momento em diante, o tributo para aqueles pobres índios, obrigando-os a pagar ao invés de um, dois pesos ou escudos e colocar um corretor espanhol, como se fazia com os índios sujeitos às cidades espanholas. Respondia-se, que havia uma grande diferença entre os índios assalariados com as armas e os índios das Reduções, os quais espontaneamente, graças às incríveis diligências e fadigas dos Jesuítas, tinham abraçado o cristianismo e estavam

sujeitos à Coroa da Espanha, com a condição de gozar do estado de República, de eleger os próprios oficiais e de pagar o tributo só com o peso.

Seria uma injustiça tentar agora mudar o seu governo e aumentar os seus encargos tributários. Mesmo porque, esses índios são chamados a servir o Rei nas guerras, nas fortificações das cidades espanholas, na construção dos fortes e em outras ocasiões, coisa que fazem às suas custas e às custas da comunidade. E isto é uma coisa digna de ser bem observada, para distinguir, a insaciabilidade do Ministro Real e em particular a sua evidente calúnia, quando diz que aqueles índios "não reconhecem como superiores a não ser só os provinciais e os párocos Jesuítas", quando ao contrário, todos sabem que aqueles povos devem obediência aos Governadores Régios, aos Vice-Reis, aos Bispos e aos outros seus Ministros. "Ao mínimo aceno de ordem, assim está escrito no Memorial, proposta, ou carta dos governadores de vossa Majestade, veem-se aqueles dois, três, quatro ou seis mil índios saírem apressadamente de suas terras, deixando suas casas, mulheres e filhos, com suas armas e cavalgaduras próprias se as possuem ou vão a pé, fazendo isto com alegria, andando por seiscentas ou novecentas milhas e isto fazem para sofrer, combater e morrer por Vossa Majestade, sem nenhum dinheiro ou recompensa, serviço que nenhum vasallo do mundo costuma fazer para seu senhor. E ainda tem a coragem de dizer que esses índios reduzidos, não reconhecem, a não ser os seus provinciais e seus párocos."

Muitas vezes, os governadores fazem visitas às Reduções e lá encontram a máxima obediência. Todos os anos os oficiais daquelas pequenas Repúblicas, vão apresentar aos seus governadores para obter a confirmação de seus cargos. Muitos espanhóis, por causa do seu mau humor, queriam que os índios professassem obediência, vassalagem, servidão e reverência, não só à Vossa Majestade, mas a cada um deles, em particular e também aos seus servos, aos seus escravos, de modo que, ao se tornarem espanhóis ou mestiços, possam ter consigo, três ou quatro índios e se um índio das Reduções, não se humilha, não faz o que ele quer, descarrega-se sobre esse índio, chamando-o de bárbaro, malcriado, que não é vasallo do Rei e que não respeita um espanhol e que não reconhece ninguém a não ser seu pároco.

Barúa confessa que queria colocar um corretor espanhol à frente daqueles índios, mas que podia ocorrer o perigo de um motim,

acrescentando de um modo muito insolente, "os próprios missionários encorajariam a se amotinarem e a se revoltarem". Ora, se esses religiosos cristãos, tão sábios pudessem chegar a uma semelhante traição contra Deus, contra o próprio Rei, ou que por vingança pudessem se alegrar em ver aqueles seus filhos espirituais, retornarem às matas, à idolatria e à brutalidade como os conacionais não convertidos ou infieis. O padre Aguilar, tem a convicção que na mudança de governo, possa ocorrer uma rebelião, visto que muitos exemplos, tem acontecido nas cidades de Assunção, Vila Rica, Santa Fé, Corrientes e em quase todos os lugares daquela província, onde os espanhóis, por terem carregado os tributos ou inculcar nos índios convertidos à fé, além de perdê-los, ainda as transformaram em inimigos, ficando as cidades saqueadas ou destruídas, ou bloqueadas, com estradas infestadas e os viajantes mortos e não falando das outras maldades providas desses atos. Em consequência disso, uma grande parte do país e os arredores das cidades, tornaram-se improdutivo e desertas. Nem mesmo as estradas são seguras. O Sr. Barúa, era do parecer de que os índios das Reduções deveriam ser levados para os bairros das cidades, para mais facilmente os dominarem. Caso eles se revoltassem, mas com os exemplos enumerados acima, alguns deles ainda muito recentes, não conseguem tornar conhecidas suas grosserias. Se para os espanhóis, não foi possível conquistar à força tantas cidades ou aldeias habitadas pelos bárbaros do Paraguai, nem obrigar esses índios ao seu dever, porque eles marcham de má vontade contra os infieis e nem têm força ou modo de subjugar-los. Antes eles sofreram grandes derrotas dos exércitos dos índios. O que aconteceria se esses milhares de índios das Reduções, se revoltassem e se juntassem com os demais infieis e atacassem os poucos espanhóis?

Barúa queria que os índios tivessem livre comércio com os espanhóis, isto é, que pudessem vender suas frutas e suas manufaturas a quem e como quisessem. Mas, há muito tempo foi estabelecido e ainda é costume, que tudo o que sobra daquilo que é necessário ao público, como as vestes, telas, fumos e ervas do Paraguai, entre outras coisas, seja levado em nome das comunidades, às cidades distantes dos espanhóis, longe centenas de milhas e entregues aos procuradores dos padres Jesuítas, os quais vendem essas coisas, ou trocam, em vantagem de todos, prestando conta de tudo às Reduções e mandan-

do-lhes depois de terem pago o tributo, o restante da venda com coisas úteis ou necessários àquela população, sem reter um só centavo. O motivo de agirem desse modo e não deixar fazer esses contratos sem a assistência dos procuradores, nasce da simplicidade daqueles bons índios, tantas vezes demonstrada, porque os astutos espanhóis, os "têm enganado, dando-lhes um, enquanto o valor é dez, e recebendo deles a mercadoria necessária que vale vinte e isto acontece, porque o índio é pobre e ignora o preço e o valor das coisas. Os espanhóis também queriam ir às Reduções, levando algumas bagatelas sem valor, como pingos de vidro e outras bobagens, que eles mesmos chamam de ilusão, pelas quais são feitas trocas, em que os espanhóis saem lucrando e isso, eles também fazem com os bárbaros da África e da Ásia, que nada mais é do que deixar nus os índios e as índias simplórias. Nas contas do Pe. Aguilar, existem índios que roubam aqui e ali cavalos, mulas da comunidade e também da igreja e depois vendem para os espanhóis ou trocam por ninharias. Este é o tráfico e o comércio livre e aberto, que os missionários, como tutores e pais destes pobres pupilos, têm procurado impedir, porque é perigoso e porque creem que tal seja vossa vontade. E aqueles que querem que este comércio seja aberto, geralmente são pessoas sem consciência e sem escrúpulos, procuram enganar os índios, como se fossem tratar dos bens abandonados, que se torna propriedade do primeiro que pagar. Mas o pior é que, se deixarmos os espanhóis negociarem com os índios, eles copiarão os seus maus exemplos, porque são contra os bons costumes e ainda semeiam perniciosas opiniões contra os seus párocos e os enganam para atraí-los para as terras dos espanhóis, separando as mulheres dos maridos e os filhos de seus pais. E acontece que, assim como os viajantes de outras partes roubam os cães, estes roubam e levam os índios e os rapazes. Quisesse Deus que estas coisas não se repetissem tantas vezes. Por estes e por outros inconvenientes, foi decretado que os espanhóis, passando pelas Reduções, ali permanecessem pouco tempo. Isso para pagar os governadores, os bispos e os oficiais. Ultimamente um tenente dos dragões do Presídio de Buenos Aires, com quatro soldados, com ordem do governador Dom Bruno de Zavolá, permaneceu ali um ano, passando por todas as Reduções, registrando as armas dos índios e instruindo-os no uso delas para expedição no Paraguai.

O Padre Aguilar reafirma o que, muitas vezes já se disse e também mais vezes foi publicado pela imprensa da mesma cidade de

Madrid e confessado pelos próprios bispos, isto é, que o comércio e a comunicação dos espanhóis com os índios representa uma peste para esses cristãos convertidos, a tal ponto que, se houver nação de infiel que possua tal comércio "é quase impossível convertê-la e isso com comprovada experiência". Esperar que no Paraguai se convertam os Payaguás, em Corrientes e Santa Fé, os Charruas e os Calxaquis e os Abipones em Buenos Aires, os Pampas e os Minuanos em Córdoba e também os Pampas e em outros lugares onde os espanhóis possuem comércio, é uma esperança totalmente vã, como esperar a conversão dos judeus. Mais adiante acrescenta, que tendo os Jesuítas abandonado os Ciriguanas, muito hostis por causa desse comércio e passando aos Chiquitos mais distantes, onde se plantou e frutificou a semente do Evangelho, aqueles povos perguntavam porque os Chiquitos se voltaram a eles, entre outras religiões adotadas. O Pe. Aguilar dizia a eles que Deus tinha feito com eles como os longínquos reis magos, iluminá-los-ia com a luz da estrela e deixariam nas trevas da obstinação os vizinhos judeus.

Vimos antes que como Coreal, influenciado pelos malvados, falam do ouro que os índios levam aos missionários, os quais, pregam a estes cristãos convertidos, que não se deve valorizar as riquezas, enquanto ocasião de corrupção do século e esta pregação, foi feita sem dúvida na chegada do tributo. Depois do sermão, um Jesuíta pega o dinheiro do tributo e o leva aos depósitos da Companhia, assim escreve esse herético mascarado de espanhol católico.

O Pe. Aguilar de expor as verdadeiras razões, contrárias à Introdução do comércio proposto por Barúa, acrescenta que este não foi impedido para esconder a fantasia das minas de ouro, inventada pelos antigos inimigos e ao redor do qual, alguns modernos vão ainda murmurando. Além das sentenças dadas pelos ministros, como seria possível ocultar o brilho do ouro com essa tão grande quantidade e por tantos anos? Barúa culpa os missionários de se aproveitarem do trabalho dos índios, recebendo a colheita de suas terras e de suas artes, não dando nada, a não ser as telas para eles fazerem as vestes. Também isso tudo é calúnia descarada, ficando claro, como já aludimos que aos missionários, jamais foi pago o décimo de algum rendimento dos campos da propriedade comum, isto é, do Tupambaé, que na verdade, é destinado aos armazéns e graneleiros públicos, para depois ser dividido e empregado tudo em favor das famílias e do município, segundo

suas necessidades. Com estas colheitas, é pago o imposto ao Rei, as despesas de viagem, o serviço público, os que trabalham para o Rei. É distribuído a quem necessita, produtos como: erva, fumo, algodão, cavalos, mulas, bois, vacas, ferramentas, facões, armas, remédios, sal; as despesas com as igrejas; socorrem os doentes e também distribuem carne aos jovens, depois do trabalho.

"A calúnia, da qual já falamos, é velha e iníqua, diz o padre Aguilar, como se os missionários não empregassem tudo, precisamente nas coisas decentes, úteis e necessárias ao público e se eles servissem para o próprio uso presente e comodidade, para enriquecer os colégios, para seus amigos e parentes ou por qualquer vaidade. Perguntam aqueles se, alguma vez, alguém viu um pároco gastar as riquezas, ou fazer-se passar por um senhor rico e vaidoso, ou se já viram os padres visitando os colégios, passando de um povo para o outro, levando além de uma sacola para levar algumas roupas de uso, uma capa, um cobertor e alguns alimentos? Na morte deles, jamais encontraram ouro, prata, apólice de seguros, de crédito ou de coisa semelhante.

Além das várias provas do seu desinteresse e do uso incorrupto das entradas públicas, pode-se também acrescentar que os padres superiores gerais da Companhia de Jesus, tinham ordenado, sob pena do pecado mortal, que ninguém, nem mesmo o superior, nem o provincial poderão pegar coisas dos depósitos e do fundo público ou dispor dessas coisas para o povo, mesmo se tratando de esmola ou de pias obras. E também deram ordem que não se faça tráfico, nem auxílio aos colégios, pois a pobreza é bem conhecida e demonstra que o capital dos pobres índios irá acabar nas mãos dos padres. De todas essas verdades, mais de uma vez foram testemunhas dos reis e dos bispos daquelas regiões.

Deixo o restante dessas fofocas e calúnias, porque de pouco ou nada importam, tendo já, o que é mais importante e suficiente para fazer conhecer toda a maldade dos homens quando odeiam e quando a cobiça humana está pronta para sacrificar a religião aos seus interesses. Nesses mesmos tempos, experimentava-se a rebelião de alguns povos já reduzidos na fé de Jesus Cristo no Paraguai, originada pela insaciabilidade e pela soberba dos espanhóis e não faltaram os perversos ministros, que aconselhavam o rei católico para aumentar os impostos dos demais índios das Reduções, via segura para dispersar também estas outras belas populações cristãs e para aumentar sempre

mais a hostilidade e a antipatia dos índios selvagens, reforçando neles a convicção, de que os espanhóis desejavam que eles se tornassem cristãos, somente para fazê-los escravos. Mas como a piedade, é de longo tempo um valor singular de quem empunha o cetro da monarquia espanhola, tanta impressão causou a súplica ao coração do então Rei Católico Felipe V que, embora os Jesuítas fossem contrariados por aquela alma boa do Marquês Patigno, chegou a ordem que proibia qualquer mau trato para com aqueles bons pastores, e com isso acabou com toda a comovente borrasca.

Aquilo que acontecerá no futuro, está escrito num livro que ninguém de nós sabe ler. Todavia é preciso esperar a proteção de Deus, a fim de que a cobiça humana não seja tão forte, que chegue a enfraquecer o inato zelo dos monarcas católicos, em aumentar a religião de Cristo, a quem, com tanto sacrifício, até agora se aplicou naquelas regiões e ainda se dedica à Companhia de Jesus, sem poupar se preciso for, o próprio sangue no exercício da grande caridade.

CAPÍTULO XXIII

O Mérito dos Missionários escolhidos por Deus, para o Paraguai

Há pouco, recordávamos e já havíamos falado e também narrado difusamente, o quanto foi fatigante, para os padres da Companhia de Jesus, nas missões dos Paraguai, mas não dissemos quando tiverem início estas dificuldades a serviço de Deus e do bem ao próximo. Certamente considerando, toda a soma de bens que deixa na Europa e aos muitos trabalhos que se expõe um religioso europeu, escolhendo trabalhar nas missões, não se pode imaginar, quanto eles demonstram o amor que irradia dos seus corações para com Deus e para com o próximo - virtude fundamental do homem cristão - e um nobre sacrifício de si mesmo a Deus, ao abraçar essa vocação de missionário. No coração de cada um desses missionários, destinados pela Igreja, a semear a fé em Jesus Cristo, entre os índios, poderia parecer, que junto com o desejo de ocupar-se e sofrer a serviço de Deus, junte-se qualquer impulso secreto de liberdade, ou de curiosidade em conhecer aqueles países bonitos da Ásia, ou as mais bonitas ilhas das índias Orientais. Mas do sopro desses ventos, estão certamente isentos esses que se consagram às missões do Paraguai; porque ir para lá, significa confinar-se num eremitério entre aquela pobre gente, onde não chega quase ninguém, privado das comodidades e das delícias da Europa, dedicando-se toda a vida em favor daqueles novos cristãos e dando um adeus para sempre àquela parte do mundo, onde nasceram e ficaram todos os parentes, amigos e comodidades.

Para melhor compreender a coragem e o mérito junto a Deus, desses campeões, que se colocam a cultivar a cristandade do Paraguai, permita-me seguir seus passos. Cada um que entra na Companhia de Jesus, deve estar disposto, em força do voto de obediência, partir para as missões e ainda é obrigado a fazer esse quarto voto, pois apenas o superior o envia para lá. (Além dos três votos, de pobreza, de castidade e de obediência, algumas ordens religiosas, como os Jesuítas, fazem um quarto voto); todavia é bem discreto o governo desses religiosos, que ninguém vai a esses lugares obrigados pela vontade dos superiores ou provinciais. Deixa-se que Deus toque o coração daqueles que ele

quer e então, eles pedem para serem admitidos para esse serviço especial. Os superiores não colocam obstáculos, nem mesmo aos que têm pouca saúde ou outro impedimento, concedem a licença.

A princípio são admitidos somente os jovens, principalmente pela necessidade de aprender a língua dos índios, com os quais se deve conversar; o que não é fácil para os mais adultos e velhos.

A maior parte dos missionários são da Itália, da Espanha, da Alemanha, Polônia, Hungria e Países Baixos. Todos eles destinados a partirem para a América, devendo primeiro se reunirem na cidade de Sevilha, na Espanha, com grandes incômodos e despesas, porque alguns devem enfrentar uma viagem marítima, ou terrestre, de duas a três milhas, somente para chegar àquela cidade. Em Sevilha, os Jesuítas têm, além da casa e do colégio, uma residência, fundada desde o tempo de São Francisco de Bórgia. Alguns benfeitores mantêm os missionários da América, que param aí, esperando o momento do embarque. Essa casa é como um pequeno colégio, com capacidade de hospedar trinta candidatos e aí mora também, permanentemente, o padre procurador das índias.

Quando em 1727, aí chegou, depois de muitos sacrifícios e sofrimentos no mar, o Pe. Gaetano Cattaneo, do qual já falamos muitas vezes. Aí se encontraram oitenta jovens Jesuítas, de várias nações, que deveriam embarcar para Buenos Aires, pois a residência não podia hospedar todos. Tiveram então, que ser divididos, uns para a casa e outros para o colégio. Visto que a língua espanhola, era um vantajoso passaporte, melhor ainda, um requisito necessário para quem vai para as missões da América. Aqueles que não conhecem o espanhol aqui, aplicam-se em aprendê-lo. O Pé. Cattaneo decidiu ficar quinze meses com os novos missionários em Sevilha, sempre esperando o "suspirado" momento de embarcar para a América. A impaciência que demonstravam aqueles bons jovens, todos empolgados por uma santa vontade de servir a Deus e, verem-se privados de embarcar e iniciar seu ministério apostólico, pelo qual, haviam abandonado tudo; isso parece bem claro, em diversas cartas do Pe. Cattaneo e especialmente numa, de 14 de julho de 1727, na qual, assim escreve a seu irmão:

"A maior tribulação que experimentamos e permanece a um longo tempo na Espanha, sempre iludidos pelo capitão do navio, com falsas esperanças, porque no início, diziam que estavam prontos para partir em outubro passado e por isso, nossos padres procuradores, fi-

zeram-nos vir depressa da Alemanha, da Hungria e da Itália. Depois disseram que era para dezembro, depois para fevereiro e outra vez, para abril. Por fim, prometeram-nos para julho e agora nem mesmo se fala em partir. Aqui, estamos fora do nosso rumo e no entanto, todos os nossos desejos e as nossas conversas, sempre acabam do mesmo modo: Quando embarcaremos? Quando chegaremos naqueles países, para os quais, fomos destinados? Acrescento que os nossos padres procuradores, ultimamente receberam cartas do Paraguai e cada vez mais se percebe a necessidade, sempre maior, dos missionários, porque aqueles bons velhos, alguns morreram e os outros, não conseguem mais trabalhar. Por outro lado, cresce o número dos que esperam e necessitam de ser assistidos e convertidos e numa carta, avisam que num só dia, chegaram a uma das nossas Reduções, quatrocentos, querendo espontaneamente, tornarem-se cristãos e uma nação inteira, chamada Chiriguanas, que habitam em várias aldeias, enviou quatro embaixadores e o nosso padre provincial suplicando com as mãos juntas, para mandarem ao menos quatro padres da Companhia, para pregar a nossa Santa Fé, porque todos queriam abraçá-la e fundar ali uma cristandade. Então, o pobre padre provincial, foi obrigado a responder, com muito desagrado, que para o momento, não podia atendê-los, por causa da grande falta de missionários, os quais não podiam nem para atender os trabalhos das paróquias e das outras missões e que de mês em mês, esperava uma grande turma de missionários da Europa e que quando chegassem, enviá-los-ia, com toda a boa vontade. E assim, outras notícias semelhantes, que para nós, eram como tantos espinhos no coração, vendo diante dos nossos olhos a presa e não poder pegá-la."

Numa outra carta, de 19 de agosto de 1727, fala das grandes dificuldades causadas por uma permanência tão longa, num clima quentíssimo da Andaluzia, aqueles fervorosos jovens, quase todos oriundos de famílias nobres, e sobretudo os alemães, vindos de um país de clima muito frio, os quais, sem exceção, ficaram doentes. Um tinha morrido e dois não estavam fora de perigo. No entanto, os demais viviam melhor. Os italianos sofriam muito por causa da qualidade dos alimentos, com muitas especiarias e temperos, que eles sentiam que os queimavam por dentro. Segundo o costume deste país, fora de casa, deveriam usar roupas e capas de pano de lã; os italianos não conseguiam acostumar-se a tal modo, que lhes pareciam ter que andar

mais carregados de vestes, do que os padres Capuchinhos e ainda mais no verão, que aqui é escaldante, porque de maio a outubro, nunca chove. Das cartas chegadas do Paraguai, nos reportamos ainda que, "em toda a grande nação dos Samucos, onde ultimamente foi aberta uma estrada para a pregação do Evangelho, não há sequer, um só padre, o qual, apesar dos esforços, não pode fazer tudo e no entanto, nós que viemos unicamente para essa tarefa e que não temos outro desejo no coração, ouvindo estas notícias, sentimo-las transpassar de fora a fora". E eis qual era a santa ansiedade e o castigo daqueles alunos, desejosos de iniciar a luta, onde o Senhor os chamava.

Estes impedimentos provinham das perturbações que estavam acontecendo entre a Espanha e a Inglaterra. Por isso o capitão do navio, que vai regularmente a cada três anos a Buenos Aires, não encontrava carregamento suficiente, pois os mercadores não queriam arriscar seus capitães, naquelas perigosas conjunturas. "Afirma o Pe. Cattaneo, que o marquês de Villafuentes, recém-chegado com a frota do México, insigne benfeitor das nossas missões na Califórnia e fundador da Casa do México, decidiu emprestar ao supra citado capitão, oitocentos mil pesos, para que pudesse partir com o navio, não perdendo mais tempo, prejudicando a nossa missão, de libertar tantas pobres almas, que esperam ser libertadas da escravidão do demônio. O dito senhor, tendo visto o grande bem que se faz naquela região, ficou muito afeiçoado àqueles missionários. Para promover essas missões, lá nos confins da Califórnia, gastou até agora, pelo menos cento e quinze mil pesos, que seguramente receberá em recompensa no paraíso." Enfim, chegou a hora tão esperada, de se colocar ao mar e passar muitos meses, nascendo uma esperança, de que o capitão e os navios estivessem prontos para partirem. A caravana de missionários, transferiu-se, então, no dia 26 de abril de 1728, do Porto de Santa Maria, cidade situada num lugar de clima ameno, bravejado pelos ventos frescos, nas praias, diante da Ilha de Cádiz, que dista do continente sete ou oito milhas. Mas naquele lugar, devem permanecer até dezembro quando, finalmente, foi ouvido o aviso de embarque, fato que encheu de uma consolação indescritível aquela generosa juventude, totalmente cheia de ardor pela salvação daqueles índios. O Pe. Cattaneo escrevia com os seguintes termos: "O grande desejo, que tínhamos todos, de chegar finalmente ao destino a nós determinado por Deus, faz com que não

vejamos a hora de subir ao navio, sem o menor temor de ir ao encontro daqueles sofrimentos, que são inevitáveis numa viagem marítima, assim tão longa, num inverno. Além disso, daqui até as Ilhas Canárias, que estão distantes mil milhas, os mares são borrascosos. Quanto a mim, devo confessar-vos, que em alto mar, não me sinto bem, de modo que quando tenho que ir com os botes até o navio, eu já tenho que pagar tributo ao meu estômago. Mas com a graça de Deus, não sinto a mínima dificuldade. Pelo contrário, sinto um grande desejo de estar em alto mar e sinto crescer também, a alegria e o contentamento nos meus companheiros. Uma grande parte deles, ainda estudantes ou jovens noviços, outros ainda, pertencentes à nobreza espanhola e por isso mesmo, muito delicados, os quais, deverão pois, sentir alguma indisposição natural, sabendo muito bem, o que custa em dinheiro, uma viagem assim tão longa, principalmente quando se navega com embarcações pequenas e repletas de gente, parecendo mais uma viagem de casamento. Ora, com tal exemplo diante dos olhos, precisariam ser de gelo, para não se emocionarem. Rogo a Deus, que envie quanto antes, o vento necessário para empurrá-los para fora do porto."

Somente na vigília do Santo Natal, os dois navios, ou fragatas, com trinta peças de canhões cada uma, enfunaram as velas. Os novos missionários, foram divididos entre os dois navios, acompanhados por um navio de guerra e uma nave de exploração. Calcula-se que a distância da viagem de Cádiz a Buenos Aires, é de oito mil milhas. Uma viagem muito longa e sem previsão do tempo de chegada. Não podendo mover-se, um pé fora do navio, a não ser nas Ilhas Canárias, então, permanecendo fechados num cubículo longo e estreito, com camas com largura de dois palmos cada uma, o bastante para uma pessoa mal acomodada, uma do lado da outra, com muito pouco espaço. Não há viagem pelos mares sem os perigos das tempestades, dos corsários e dos inimigos da Espanha, se ela estiver em guerra com outras potências. Mas, para se ir ao Paraguai, entre outros incômodos, o mais grave está representado, no fato de se ter que passar a Zona Equatorial, pois aí, se a calmaria colher um navio, como é costume acontecer, sem vento, ele para e fica imobilizado por vários dias. Toda a tripulação passa por maus bocados, parecendo que se está descendo ao inferno, pois o calor é insuportável e é a causa de várias doenças e até da morte de muitos.

Chegados a Buenos Aires, os missionários, depois de terem que experimentar outra vez, os incômodos da troca de clima, de alimento, devem começar a aprender a língua da missão, à qual são destinados. É quase impossível enumerar a quantidade de línguas, que se encontram entre os índios infieis da América Meridional. Essa dificuldade, é causada pelo fato de que esses índios estão divididos e muitas vezes em guerra. Mas as línguas principais, estudadas pelos missionários são três: o Guaraní, que é falado na região de Guairá; a língua dos Chiquitos e a dos Morotocós, usada também pelos Zamucos. Estas línguas são completamente estranhas. Não há relação entre elas e muito menos com as línguas europeias.

Resta, finalmente, a viagem que aqueles bons servos de Deus, devem fazer, de Buenos Aires até as Reduções a eles confiadas. A viagem mais curta é de seiscentos quilômetros, repletas de dificuldades e perigos e essas dificuldades indicam apenas um início, em vista das que virão e deverão enfrentar, esses que se consagram às remotíssimas missões do Paraguai, aceitas por amor a Deus e pela salvação das almas daqueles índios. Aquele bom Deus, que ansiosamente se comprometeram servir, esses magnânimos jovens, ele e somente ele conhece o merecimento, que estão acumulando, para serem premiados no Reino de suas delícias.

No entanto, a mim, não resta outra coisa, senão dizer que creio, permitam-me repetir, que cada um tenha lido a história, ou a descrição das outras missões, feitas pelos missionários católicos, levando a Igreja do verdadeiro Deus a tantas partes do mundo, para converter a Deus os povos infieis, comparando com aquelas do Paraguai e das outras Províncias da América Meridional. Rapidamente, divisará e confessará que estas missões são as mais felizes e abençoadas por Deus. Aqui, Deus está presente e é bem servido e aqui, aparece o espírito dos primeiros cristãos. E se um dia cessassem os grandes obstáculos causados aos espanhóis, na dilatação do Evangelho; se a grande bondade dos monarcas católicos mantiver sempre para o futuro, os privilégios concedidos aos novos índios convertidos a Deus e se um dia, conseguir-se desbaratar a infame corja dos corsários de São Paulo, no Brasil, que até agora só causaram grandes males, danos, roubos e assassinatos, tanto aos índios infieis, como aos cristãos do Paraguai. Então, desse dia em diante, poder-se-ia dizer que, aos poucos, outras tribos de índios bárbaros, daquelas imensas províncias, to-

talmente obstinadas na infidelidade, graças à incansável caridade daqueles missionários da Companhia de Jesus, curvar-se-ão sob o suave jugo da Lei de Cristo. Então, muitos lugares daquele país, onde hoje estão desabitados, matas virgens, por causa das guerras feitas pelos espanhóis, pelos mamelucos brasileiros, ou também por aquelas, feitas pelos próprios índios entre si, transformar-se-iam em campos férteis, em boas plantações e se encheriam de pessoas cristãs católicas. Se isso, realmente, acontecesse, poderíamos ver a verdadeira Igreja de Deus, encher e santificar uma parte boa do mundo, que é muito maior do que a Europa.

Certamente aqui, o Altíssimo construiu e vai sempre aumentando um lindo berço para a sua religião, talvez, para compensar um dia, a perda de tantas Províncias da Europa, África e Ásia e se muitas abandonaram, por soberbas, por interesse ou pela força, a verdadeira doutrina da sua Igreja, eis essa mesma doutrina plantada e dilatada nos outros países, onde mora a humildade, de modo que possamos, mais que nunca, levantar as mãos aos céus e dizer com Jesus Cristo: "Confessarei a ti, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e as revelaste aos pequeninos."

As cartas escritas, no início do corrente século, pelos missionários das missões dos Moxos, numeravam, que mais de cem mil índios inféis, raptados do conhecimento de uma vida feliz e santa, que levam os seus companheiros, sob o governo dos missionários, faziam pressão aos santos operários, para serem instruídos na Santa Religião Católica. Mas pela falta de tais ajudas, não se pode trabalhar para a sua conversão, a qual, poderia atrair para si, tantas outras populações de muitíssimos índios.

Pertence à Graça Divina, tocar o coração desse diretor de Deus e de administrar os recursos, a fim de que ainda mais, se possa dilatar a santa fé entre aqueles que ainda jazem, sentados nas travas e à sombra da morte.

Para terminar, acrescento o que disse Joaquim de Viana em: "Haciendo poco a poco y a gusto de los indios", 1609 - São estas, as cidades que nós devemos abandonar aos Portugueses? Os Senhores de Madrid, perderam a cabeça, para renunciarem a estas cidades, a quais, não existem outras iguais em todo o Paraguai?

"(...) entre 1743 e 1754, a história missioneira passava por uma conjuntura de grandes desafios, iniciados pelo tratado de Madri (1750), num momento de acertos diplomáticos dos Reis Déspotas D. José I, de Portugal e Fernando VI, da Espanha que teve como desfecho a violenta Guerra Guaranítica (1754-1756). A difusão da obra em causa para outros países também se apresentava como a defesa da postura dos padres missionários na América, negando as acusações de serem eles os instigadores da Guerra, perante os interesses leitores. Evidentemente o Abade Muratóri não assistiu à difusão da sua obra, pois faleceu em 1750. Porém suas ideias continuavam surtindo o efeito desejado, ou seja: divulgando a vida nas Missões como um exemplo de amor ao próximo e descartando qualquer possibilidade de incentivo à violência. Nessa máxima, os padres missionários não poderiam instigar a guerra pois, ensinavam somente o amor, fazendo-se exemplo vivo dele. Em várias páginas, o Abade Muratóri nos mostra o martírio dos padres em prol da causa indígena."

.....

Teresa Neumann de Souza Christensen
e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

